Diário de Lisboa

ANO 62.º N.º 20 946
Setembro 1982
Sábado

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Depois do veto de Eanes

Governo propõe 28 de Novembro para as eleições autárquicas

Recebida a comunicação oficial de Eanes vetando a 5 de Dezembro, (pelo aproveitamento que a data proporcionaria à AD, pela passagem de um aniversário de luto, o da morte de Sá Carneiro), o Governo vai propor 28 de Novembro. E vai avançar esta data já no início da semana que vem. Nada obstará, parece. Vai entretanto levantar-se outra questão: eleições com Ângelo Correia à frente do MAI? **Pág. 8**

Revela Freitas do Amaral

Lei da Defesa será aprovada até ao dia 15

A futura lei da Defesa Nacional consagrará a dependência de toda a hierarquia das Forças Armadas (o CEMGFA, desde logo) ao chamado poder político, ou seja, ao Governo. Freitas do Amaral confirma-o hoje, em declarações ao «Expresso», o que já se sabia desde a aprovação da Constituição revista na Assembleia da República. **Pág. 9**

Cunhal em Évora

... E se o ministro da Defesa Nacional fosse um comunista?

No comício de amizade PCP-PAIGC, ontem realizado em Évora, Álvaro Cunhal defendeu a demissão imediata do Governo, e deixou no ar as seguintes perguntas: «o que pensariam a AD e Mário Soares da revisão da Constituição, se se formasse um governo democrático? O que diriam se houvesse um ministro da Defesa comunista?...» **Pág. 9**

Ofensiva presidencial?

Visitas em série preenchem semana de Ramalho Eanes

Amanhã, em Campo Maior, quarta e quinta-feira, em Odemira, sábado, em Alenquer, domingo, 12, na Amadora, e dia 19, em Vila Nova de Poiares (Coimbra), eis o programa já conhecido da ronda do Presidente da República pelas autarquias. No dia 10, sexta-feira, a agenda presidencial está por preencher. Será, finalmente, o encontro Balsemão-Eanes? **Pág. 8**

Dirigentes do KOR podem ser condenados à morte

Agitação na Polónia atinge 34 províncias

Os principais dirigentes do KOR (grupo de intelectuais dissidentes, que teve um papel decisivo na criação do «Solidariedade»), vão ser submetidos a julgamento – foi ontem oficialmente anunciado em Varsóvia. Acusados de tentativa de derrube do regime socialista da Polónia e de principais responsáveis pela agitação dos últimos tempos no país, estão eventualmente sujeitos a pena de morte. As autoridades polacas apresentaram ontem um balanço da agitação que não tem cessado desde o dia 31 de Agosto: 54 localidades e 34 das 49 províncias foram palco de manifestações e distúrbios. Ao contrário de notícias ontem divulgadas, não se registaram quaisquer mortos em Lublin: a única morte ocorreu na cidade de Wroclaw, o que faz elevar o balanço de perdas de vidas para quatro. O Governo polaco afirmou também que se recusa a qualquer diálogo com o «Solidariedade» e Lech Walesa, que continua detido. Registe-se, por fim, que em artigo a sair no jornal «L'Humanité», o secretário-geral do PC francês, Georges Marchais, diz deplorar profundamente os actuais acontecimentos na Polónia e entender que os problemas daquele país só se podem resolver por transformações profundas.

Pág. 12

Foto de arquivo do general Dalla Chiesa (Telefoto ANOP/UPI/«DL»)

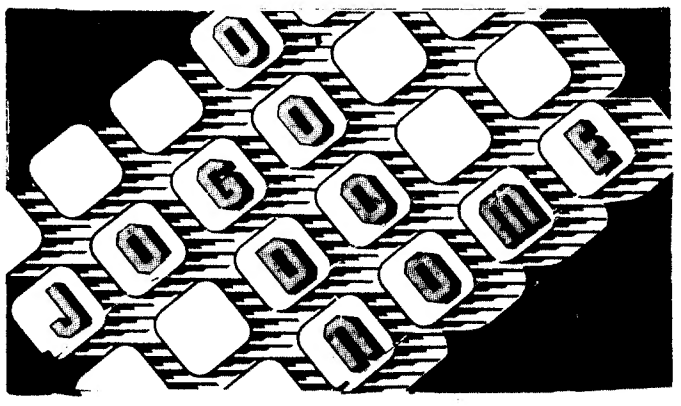
Acção da Mafia ou acto de guerrilha?

Prefeito de Palermo morto em emboscada

A Itália encontra-se em estado de choque, depois do bárbaro atentado de ontem em Palermo, no qual perdeu a vida o dirigente da luta anti-terrorista, chefe dos carabineiros e prefeito da Palermo, general Dalla Chiesa. No atentado morreram também a mulher do general e um polícia da sua escolta. Embora um telefonema anónimo tenha reivindicado o atentado em nome do «Partido da Guerrilha», há fortes suspeitas de que se trata de mais um crime da Mafia, cujas ligações com a vida comercial e industrial da Sicília estavam a ser investigadas por Dalla Chiesa.

Pág. 12

COMEÇA HOJE O JOGO 4



CINCO LETRAS NA PÁG. 3

De duas em duas semanas um novo Jogo do Nome para divertir os leitores do «Diário de Lisboa» e proporcionar-lhes magníficos prémios! Hoje começa o Jogo n.º 4 e na quinta-feira próxima vai já realizar-se o sorteio do terceiro Jogo. Jogue connosco, leia bem as indicações (Regulamento, cupão, lista de prémios e informações nas páginas 3 e 4) e GANHE PRÉMIOS!

PRIMEIRO PRÉMIO DO JOGO 4
UM TELEVISOR GRUNDIG A CORES

ENVIE JÁ OS CUPÕES DO JOGO 3

Leia as indicações nas págs. 3 e 4

GANHE
fabulosos prémios
Marcas que valem ouro!
GRUNDIG FAGOR
PROGRESS Candy
NR NACIONAL RADIO, S.A.R.L.
Representante oficial

Serviço Exclusivo

Le Monde

Os Telejornais nos EUA:

A informação televisiva é, nos Estados Unidos, uma indústria de precisão. Não há comparação possível entre o mecanismo realizado pelas grandes redes americanas e as três cadeias francesas, talvez mais espontâneas mas que em comparação, têm algo de artesanal. Hoje fortemente rentáveis, com a confiança quase total de dezenas de milhões de americanos, os telejornais têm a força e o poder de uma instituição. O seu orgulho também.

Dez horas da manhã no número 254 da 57.ª rua Oeste, em Nova Iorque. Uma enorme agitação contrasta com a calma da rua. Ao fundo dos longos corredores de alcatifas já muito usadas e paredes sujas onde há máquinas de café quente, as vozes dificilmente se fazem ouvir sobre o ruido dos telexs, dos telefones, dos receptores de televisão. Montes de jornais cobrem as secretárias onde os cinzeiros começam a ficar cheios. Documentos de todas as cores passam de mão em mão. Numa caverna obscura agita-se a *regie*.

Dois minutos antes das sete horas as máquinas continuam a escrever textos. No estudio 44, Charles Kuralt, de cigarro na boca abotoa o colete e enfrenta as câmaras. «Trinta segundos», anuncia o alto-falante. Música de câmara. **«Bom dia, sou Charles Kuralt. Eis o jornal da manhã da E.B.S.»** Agitação idêntica na sala de redação do 7 da 66.ª rua Oeste, onde tem a sua sede o A.B.C., no edifício da R.C.A. e nos de centenas de cadeias de televisão americanas. As máquinas de informação televisivas estão em acção.

Em qualquer parte dos Estados Unidos, um telespectador pode, passando de um canal para outro seguir diariamente mais de nove horas de boletins de informação. Se ele tivesse tempo (e lhe interessasse) registar as emissões que passam simultaneamente, não lhe chegaria o dia para as olhar. As «news» que assim invadem os écrans dirigem-se ao público do mundo mais guloso de televisão: em média um aparelho funciona em cada casa durante sete horas e vinte e dois minutos por dia, e cada americano passa em média mais de quatro horas diante do pequeno écran. O magazine mais vendido do país é o **TV guia:** 20 milhões de exemplares. Assim, entre 60 e 70 milhões de pessoas seguem diariamente o jornal de uma das grandes redes nacionais: A.B.C., N.B.C., C.B.S.

Num país onde a imprensa escrita praticamente não existe, os jornais televisivos tornaram-se desde há muito o denominador comum da informação dos cidadãos. E todas as camadas da população confiam neles de um modo que surpreende os franceses.

Em Janeiro de 1977, segundo uma sondagem Louis Harris, as informações televisivas eram consideradas como a mais «ética» (moralmente segura) das instituições americanas, ex-aequo com as organizações de consumidores então em pleno êxito. Em Abril do mesmo ano, uma sondagem entre os que decidem (homens de negócios, advogados, homens políticos...) punham a televisão em segundo lugar, devido à **«influência das decisões que afectam o país inteiro».** Logo depois da Casa Branca. Em 1978, uma nova sondagem Louis Harris sobre **«a confiança nas instituições»** situava-a em terceiro lugar, depois da medicina e da universidade, muito adiante das forças armadas, da religião e do Supremo tribunal. O que é certo no que diz respeito à instituição ainda o é mais no que respeita às personagens que a incarnam. O homem em quem os americanos têm mais confiança não era o seu presidente nem o Papa nem aquele Prémio Nobel da Paz? era Walter Cronkite, apresentador do telefornal da noite até há alguns meses. Quando ele terminava a sua emissão com o ritual: **«That's the way it is»** (assim vai o mundo), era, com efeito, assim que dezenas de milhões de espectadores conheciam a actualidade do dia.

No entanto, a informação só custa uns 10 % do orçamento de uma rede, apesar de poder ocupar 20 % do tempo de antena.

Além Atlântico toda e qualquer emissão deve ser rentável. As receitas publicitárias obtidas graças às informações devem cobrir as suas despesas e, se possível dar algum lucro. Ora, muito paradoxalmente, apesar de um custo de produção relativamente fraco, e da publicidade que vai aparecendo pelo meio, a informação foi até aos últimos anos, um sector deficitário. Ela foi durante muito tempo considerada um sector de prestígio, ainda por cima pouco dispendioso. Mas as coisas mudaram: o impacto da audiência nas «news» sobre os sacrossantos índices de escuta e a relativa estagnação dos programas de variedades fizeram do combate pelo melhor jornal televisivo uma aposta capital para a rentabilidade de todas as cadeias de televisão. E verificou-se que as informações podem ser rentáveis em si mesmas,

In vitro

Segundo um inquérito do magazine *Variety*, o *N.B.C. nighttly news,* o jornal da noite da N.B.C. custaria em média 88 000 dólares por edição e teria receitas publicitárias de 153 000 dólares, isto é, um lucro de 65 000 dólares por noite. O recorde de rentabilidade seria, no entanto, devido às simples repetições dos títulos, ao fim da noite, o que resultaria, num só minuto de emissão, num lucro de 1250 % (despesas de 2000 dólares, ganho de 25 000). É certo que as tarifas publicitárias são as mais caras do mundo: mais de 1200 dólares por segundo...

No hall do World Trade Center, os jornalistas trabalham sob o olhar dos transeuntes e dos curiosos, que os observam através das vidraças: é a sede novaiorquina da C.N.N., primeira cadeia de televisão por telégrafo unicamente consagrada às informações. Quatrocentos jornalistas em onze salas, nos Estados Unidos e no exterior. *«A C.N.N. talvez ainda não seja um êxito comercial, mas nós mostrámos o caminho»,* assegura Merry Alice Williams, vice-presidente da cadeia, que dirige as suas tropas com arrogância. O caminho está, de facto, aberto, e, os acordos realizados entre a A.B.C. e Westinghouse, e também as negociações secretas da C.B.S. dão a entender que se vão formar grandes redes.

Em matéria de informação televisiva, a concorrência é lei, como em toda a parte. O principal texto que rege, se assim se pode dizer, a imprensa iscrita, oral e televisiva, data de 1971: é a primeira emenda à Constituição americana: *«O Congresso não poderá fazer nenhuma lei (...) que restrinja a liberdade da palavra ou do pensamento».* É certo que há desde 1940, uma comissão federal da comunicação, mas esse organismo, nascido das necessidades de uma guerra que se aproximava, tem um papel muito apagado.

Juntam-se a isto, tornando assim ainda mais difícil a comparação com a informação televisiva existente em França, para além da extensão dos territórios em causa, diferenças de concepção, de estruturas e de funcionamento, quer se trate da organização e da gestão da informação, como do conteúdo e do fabrico dos telejornais. Sem falar das relações entre as cadeias e os poderes, sejam elas financeiras ou políticas.

«Aqui, fazer com que se obedeça, é como ensinar elefantes» (Getting things done aroud here is like matting elephants). A frase, inscrita por cima do gabinete do director do telejornal da C.B.S. diz muito sobre a maleabilidade da organização de uma rede.

Na primeira linha vem o jornal da tarde que absorve o essencial da actividade comum. Mas o serviço também produz os jornais da manhã e da noite, documentários, magazines e cobre os acontecimentos excepcionais ocorridos durante o dia. Distingue-se assim o «Hard», isto é, a actualidade do dia, do «Soft». A organização americana repousa em estruturas geográficas e não em sectores de actividade. Resulta disto uma espantosa mistura de descentralização e concentração.

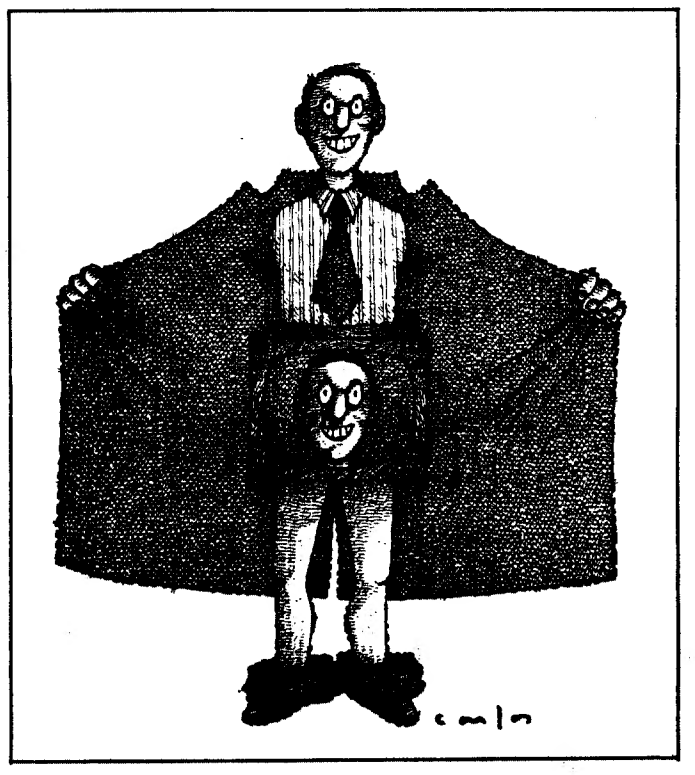
Descentralização. A extensão do território americano impõe a implantação de numerosas sedes, de Atlanta a Chicago, de Boston a Los Angeles, que possuem a sua autonomia técnica e podem, através de meios sem relação com os das estações regionais francesas, despachar a todo o momento correspondentes para o local do acontecimento, a tempo de alimentar o jornal da noite.

As distâncias são, com efeito, tão grandes, que o correspondente de São Francisco está tão longe do seu produtor novaiorquino, como o de Moscovo o está, por exemplo, do chefe de redacção da T.F.1. Enquanto que em França qualquer deslocação é rodoviária em Paris, o jornal da noite da N.B.C. provém de dois lugares diferentes, e o do A.B.C. de três ou até de quatro (Washington, Chicago, Londres e às vezes de Nova Iorque) tendo, em cada cidade, um apresentador-vedeta. Imaginemos um jornal das 20 horas em directo, com Yves Marousi falando de Paris de política interna, Patrick Poivre d'Arvor tratando de Lyon de informações gerais, Roger Gicquel, apresentando de Marselha os outros acontecimentos do dia, e uma correspondência de Léon Zitrone, em directo de Montréal. Descentralização idêntica para as sedes no estrangeiro: uma quinzena cada uma delas com efectivos de quinze a vinte pessoas.

Concentração: o sistema exige mão de ferro. Em França, a divisão das redacções em departamentos – política francesa, política estrangeira, economia, justiça, etc. – multiplica os escalões da autoridade. Chefes de departamentos e jornalistas discutem com a direcção de informação o conteúdo do jornal.

Nada disso acontece nos Estados Unidos. O «produtor executivo *(executive producer)* e os seus adjuntos dirigem o conjunto das operações sob a autoridade directa do presidente das «News» que é também, em geral, vice-presidente da rede. Na redacção três serviços: Washington, o resto do país, o resto do mundo. Só os chefes estão em relação directa com o produtor executivo. Como diz Peter Larkin, chefe do serviço internacional na C.B.S. «assim todos sabem quem decide.»

Na A.B.C. a autoridade ainda é mais directa. Jeff Gralnick, o «executive producer» dirige, decide, compõe, organiza e rege a edição da noite do jornal da cadeia *«World news tonight».* O seu dia começa às 9 horas. No sétimo andar, na grande sala cheia de projectores para poder servir de estúdio, os seus adjuntos escolhem as notícias. Instalado no centro da sala, sentado num cadeirão com o seu nome, Jeff Gralnick toma conhecimento delas e começa a visionar os filmes que chegaram durante a noite. Às 10 horas conferência de redacção no terceiro andar. Em contraste com um cenário rústico, uma impressionante instalação electrónica permite entrar em contacto com todas as sedes da rede. Em volta do patrão, que dá as ordens, e dos seus ajudantes, umas trinta pessoas. Em meia hora tudo está terminado. Enquanto Gralnick e os seus acólitos sobem ao sétimo andar, os serviços de gestão começam a avaliar as despesas, e os serviços técnicos a analisar os problemas materiais. A composição do jornal da tarde vai sendo a pouco e pouco decidida. Durante todo o dia, notícias e filmes são analisados, até à confecção do «condutor», um plano extremamente preciso que dá, mais segundo menos segundo, a ordem e o conteúdo exacto do jornal. Pouco antes das 18 horas e 30, Gralnick desce à *régie,* a fim de supervisionar a realização dos jornais. E comenta – ou não – o trabalho fornecido.



Será necessário um poder quase ditatorial sobre as informações da cadeia? *«Se um jornal é a resultante do trabalho de muitos indivíduos, é necessário que num momento alguém diga o que é preciso fazer. É por isso que ouço toda a gente mas que decido sozinho. É preciso um responsável, é tudo.»*

A eficácia que as leis do mercado exigem também impõe um sistema de gestão que deixa as nossas cadeias a alguns anos-luz de distância.

Pormenor significativo: se nas cadeias francesas as conferências de redacção são na sua grande maioria formadas por jornalistas e alguns representantes dos serviços administrativos. Nos Estados Unidos dá-se exactamente o contrário. Os responsáveis pela gestão do pessoal ou pelos meios técnicos dos serviços de contabilidade, os vários controladores, assistem a todas as etapas da feitura do jornal, avaliam em tempo real os custos e a possibilidade de tomar qualquer decisão. Não se espera pelo fim de um exercício orçamental para descobrir aqui ou ali gastos importantes ou procurar fazer no último instante pequenas economias.

As redes americanas, informatizaram totalmente a sua administração, tanto no sector das informações como nos outros. Na A.B.C. são diariamente distribuídas numerosas listas de cinquenta páginas: referências de todas as bandas video projectadas no muito militar «troop movements» que permite saber constantemente onde se encontra qualquer dos jornalistas da estação e como comunicar com ele, nem que seja no quarto do Erawan Hotel de Banguecoque, onde se encontra instalado. Outra lista quotidiana: a das reportagens: em projecto em toda a rede. No dia 13 de Agosto de 1981, por exemplo, havia sessenta e cinco: desde a tripla travessia da Mancha por um nadador americano, à saída do Papa do Hospital, passando pelo 20.º aniversário do muro de Berlim e do dos acordos de Gdansk.

O serviço também possui o seu Banco de dados. Interrogada acerca de François Mitterrand, a máquina indicou que a A.B.C. dispunha de 18 cassetes...

Antes de mais a imagem

A perfeição formal é prioritária mas o tempo falta para tratar de todos os assuntos. O jornal da noite é de uma extrema densidade. Em vinte e dois minutos desfilam dez a quinze reportagens entrecortados por raros aparecimentos no estúdio. Os «comerciais» são sempre bem-vindos. Eles permitem por quatro vezes, que se respire um pouco. É certo que o jornal também é, e antes de mais, um espectículo: efeitos especiais, animações sofisticadas, mapas agradáveis à vista.

O ritmo do conjunto é respeitado. Não há tempos mortos nem transições falhadas. Não há telegramas do último momento, de frescura duvidosa. Não há inúteis nem ênfase. Quando nos seus gabinetes, muitas vezes equipados em estúdio, Dan Rather (C.B.S.) Frank Reynolds (A.B.C.) pronunciam o seu primeiro «boa tarde» alguns segundos depois das 18 e 30 eles estão a apresentar o primeiro de uma série de dois (ou até de três) telejornais: recomeçam às 19 horas. Devido às diferenças horárias a emissão não é difundida em toda a parte em directo. Em caso de acontecimentos novos ou de imperfeição, mesmo leve, nas duas primeiras edições, faz-se sistematicamente um novo registo às 19 e 30.

Uma qualidade técnica sem defeitos ou quase sem eles. E o fundo? Para Less Brown, chefe de redacção do magazine especializado *Channels* e antigo crítico de televisão do *New York Times,* os telejornais são muitas vezes superficiais, um tanto demagógicos, demasiado personalizados e pouco interessados pela actualidade estrangeira. Peter Larkin contesta este último ponto: *«A actualidade internacional representa em média 20 a 25% do jornal, e a tendência é para aumentar essa percentagem.»* Jeff Gralnick responde com a sua definição pessoal das «news»: *«Trata-se de informar as pessoas daquilo que julgamos que elas devem saber: o mundo está em segurança? A sua casa está em segurança? Uma vez tratados estes problemas, e se houver tempo, falamos-lhes de outras coisas que, pensamos, podem afectar de um ou de outro modo as suas vidas. Alguns dizem que não falamos bastante do estrangeiro, e têm razão. A única resposta é que também não falamos bastante das notícias nacionais. Em 22 minutos não é possível satisfazer todos aqueles que acham que a sua preocupação principal é o grande tema do momento.»*

10 dólares por palavra

Salários consideráveis, celebridade internacional, carreira gerida por «managers», os locutores são estrelas do écran. Mas a competição é severa.

Quanto à personalização, a importância crescente dos jornais televisivos, só tende a reforçá-la. Não é por acaso que o locutor se chama *«anchorman»* (literalmente homem-âncora). A expressão vem do futebol americano e designa o jogador à volta do qual a equipa se organiza. Nos nossos dias a comparação não fica por aqui. Tal como acontece nas equipas de futebol, anunciam-se de vez em quando transferências retumbantes com pagamentos de milhões de dólares. Há alguns anos calculou-se que cada palavra pronunciada na televisão por Barbara Walters «valia» 10 dólares. A sua saída da N.B.C. e a sua entrada na A.B.C. onde foi ganhar um ordenado de um milhão de dólares por ano (em 1976) inaugurou o fenómeno de «hollywoodização» dos telejornais. Ela própria estava, de resto, tão consciente disso que fez do facto um dos títulos do jornal da N.B.C. que então ainda apresentava...

Depois disso surgiu uma nova vaga de estrelas do pequeno écran. Consultórios de advogados foram então encarregados dos interesses dos locutores dos noticiários, negociando os seus contratos e planificando a sua carreira. A reforma de Walters Cronkie e a sua substituição por Dan Rather é o mais recente episódio desse folhetim que apaixona as multidões e enche as páginas das revistas.

Paradoxo: o apresentador intervém muito pouco na imagem e faz geralmente muito poucos comentários. Apesar dessa discreção, o locutor tem de certo modo o papel de um sumo sacerdote. Através do «tio Cronkite» ou do «professor Chancellor», os acontecimentos do mundo adquirem um sentido. Foi essa situação, levada até ao absurdo com um apresentador louco, que Sidney Lumet imaginou no seu filme **Network** (Escândalo na televisão).

O ambiente no seio das redacções não se ressente demasiado

Diário de Lisboa

uma indústria de precisão

com este vedetismo. A concorrência existe mas à vista de todos, como uma regra admitida. É certo que alguns «jovens lobos» têm muito visivelmente pressa de atingir salários de seis e até sete algarismos. Velhos profissionais como Charles Kuralt dizem que eles **«aprenderam mais a escovar os cabelos do que a fazer jornalismo.»** A sua presença contribui para tornar a atmosfera mais pesada. No entanto, quando alguém se sente mal, nada o impede de mudar de patrão. Isso não equivale, como acontece em França, a uma simples mudança de andar.

A «os factos são os factos», credo da informação nos Estados Unidos, junta-se um princípio que os jornalistas de além-Atlântico referem com força: contra-poder, a imprensa televisiva ou não, deve ser totalmente independente das outras potências, sejam elas financeiras ou políticas.

«Actuamos com total independência perante os nossos anunciantes», assegura um alto dirigente da N.B.C. *«Eles são livres de ficar connosco ou de se irem embora. Não é pelo facto de a* General Motors *fazer publicidade na nossa antena que deixaríamos, de inquirir se as suas práticas comerciais fossem desonestas.* «No entanto, no seu sexto relatório sobre jornalismo televisivo, a Dupont-Columbia University acha que 90% dos assuntos pouco ou mal tratados pela televisão estão relacionados com a indústria.

Uma comissão de que fez parte Noam Chomsky seleccionou os mais belos assuntos «censurados» em 1976: entre eles os elos existentes entre Jimmy Carter e a Trilateral, a venda de pesticidas interditas aos países do Terceiro Mundo, as vendas ilícitas de gás, os desaparecimentos de plutónio, etc., num total de nove assuntos que tinham mais ou menos relações com o mundo dos negócios.

Perante o poder público o consenso ainda é afirmado com mais frequência.

E o jornalista francês que se atreve a fazer uma pergunta sobre o caso deve enfrentar imediatamente a tempestade. Jeff Gralnick vai direito ao assunto: *«O que aconteceu em França nunca teria podido acontecer aqui. Quanto a mim o que o governo Miterrand diz é vergonhoso, um escândalo. Uma cadeia de televisão não deve depender do Estado em parte nenhuma...»* Uma pausa, para dar mais força às suas palavras *«excepto na URSS.»*

A independência perante o poder político é uma verdade nos Estados Unidos, mesmo que se observe uma tendência para a institucionalização das informações televisivas. Mas nem sempre foi assim. Durante a presidência de John Kennedy, as relações eram ambíguas. Eleito graças à televisão, o jovem presidente começou a agir como se ela lhe pertencesse. David Halberstan escreveu: *«O media utilizava o presidente que utilizava o* media.» Um dos seus amigos foi mesmo nomeado para a direcção da CBS News.

Mas enquanto Kennedy actuava delicadamente, sendo atencioso com os jornalistas e dando-lhes oportunidade de se valorizarem, Lyndon Johnson multiplicou as ingerências do poder político. Considerando a televisão como um brinquedo, o presidente divertiu-se um dia a ir à CBS a fim de fazer uma surpresa a Walter Cronkite, e, disse mais tarde, *«ver a cara dele quando eu entrasse no estúdio»*. O idílio não durou muito tempo e Johson fechou-se numa atitude hostil e desdenhosa. Irritado com a frequência com que as câmaras se demoravam na filmagem de manifestantes hostis ao governo, não hesitou em telefonar imediatamente ao presidente da rede a fim de exigir que «mudassem o disco»... o que foi feito. Persuadido de que a televisão lhe fizera perder as eleições de 1960, Richard Nixon atacou os *medias* através do vice-presidente Spiro Agnew. As cadeias ficaram na defensiva e a autocensura começou a crescer. Dan Rather, então correspondente da CBS na Casa Branca exprimiu a irritação dos seus confrades em Março de 1974 durante uma conferência de Imprensa. Em vez de responder à pergunta que lhe era feita, Nixon, atacara com subentendidos: *«É candidato a alguma coisa, senhor Rather?»* Este respndeu: *«Não, senhor presidente. E o senhor?»*

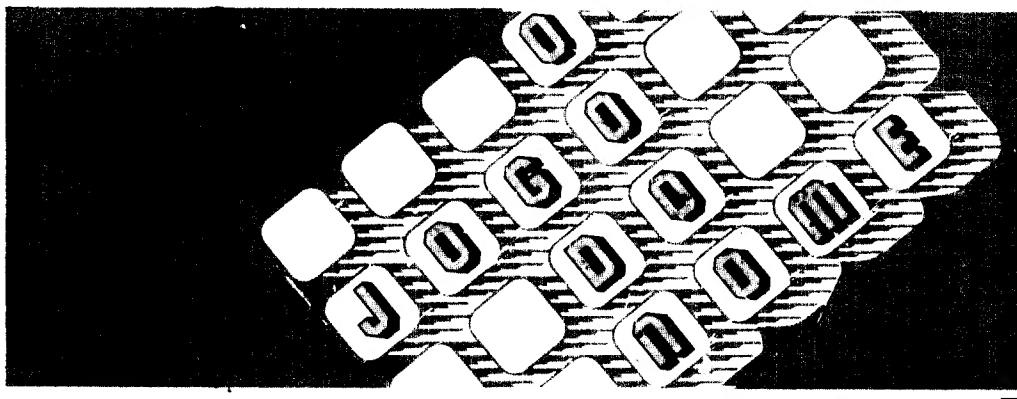
Este clima malsão explica a razão porque o escândalo Watergate ficou, de início, na sombra. Mas, uma vez lançado, a televisão ocupou-se dele.

Significará isto que as redes americanas não tenham hoje problemas com os políticos, sobre tudo na altura das eleições? *«Pelo contrário,* responde Jeff Gralnick. *Mas não cedemos.»*

Em caso de problema grave intervém o «presidente das News». Segundo William Sheehan, que ocupou esse posto na ABC, o seu papel é triplo: *«Realizar uma política de informação, dirigir os homens e, em caso de necessidade, gerir os conflitos. Mas gerir os conflitos não significa necessariamente evitá-los. Há circunstâncias em que já não se pode recuar.»* A força da televisão faz então o resto. Halberstam conta que, quando Lyndon Johnson ouviu em 1968 Walter Cronkite anunciar, no seu regresso da Indochina, e durante uma emissão especial sobre o conflito do Vietname que *«a guerra corria mal, que alguns milhares de homens a mais ou menos não modificariam as coisas e era preciso pensar na maneira de solucionar o caso»*, confiou aos seus homens de confiança que ele era um catavento. Ter Crockie contra si era perder a confiança do americano médio. Pela primeira vez na história o fim de uma guerra acabava de ser declarado por um apresentador de televisão.

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, **mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente** nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.

O leitor para participar no JOGO 4 deverá enviar **apenas cupões deste mesmo jogo** (e não do Jogo 3, já terminado, ou do Jogo5, que começará dentro de dias) e **indicar bem claramente no exterior do envelope o número** do Jogo do Nome a que está a concorrer.



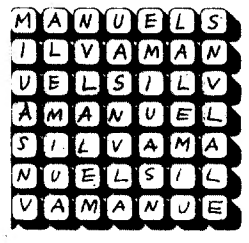
LETRAS DOS JOGO 4

G Z M N B

SÁBADO, 4 DE SETEMBRO

RESUMO DO REGULAMENTO

1. **Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão** – uma única letra maiúscula por quadrado – até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofos, cedilhas, traços de união. (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.



(exemplo 1)

– Manuel Cristóvão Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA

(exemplo 2)

2. **Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha.** Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se sairem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. **Quando conseguir completar uma linha de 7 letras,** na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), **preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa»** dentro de um envelope dirigido a **O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção:** se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e... traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto **é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.**

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4. **As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual,** de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada a extracção do prémio de menor valor. **Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo** e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. **Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo.** Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e **o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo. Basta ler** o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo **O Jogo do Nome.** Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. **As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.**

8. Em princípio, **as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 3 letras nos restantes dias da semana** (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

© 1975, 1976-Ken Hecht
© Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht International Copyright Secured Reservados todos os direitos

Segunda-feira 3 novas letras

Jogo 4

CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME .....

.....

MORADA .....

.....

..... (TEL. .....)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone . Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e **ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO**

SÓ UM CUPÃO EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

PRÉMIOS

em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG Candy FAGOR PROGRESS

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 4 – datas a fixar

INÍCIO ..... 4 de Setembro
TERMO ..... 17 de Setembro
DIA DO SORTEIO ..... 23 de Setembro
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS ..... 24 de Setembro

"Portugal Hoje" — e amanhã?

Delegado sindical posto na rua

No passado dia 2 do corrente mês, Celestino Amaral, jornalista do matutino «Portugal Hoje», presentemente suspenso, recebeu, por parte da administração, uma carta de despedimento. Ou por outras palavras: era-lhe rescindido o contrato a prazo que ao longo de dois anos e alguns meses o tinha ligado àquele jornal. Só que, com a entrada em vigor do actual Contrato Colectivo de Trabalho.
da classe, um jornalista a prazo que, nessa situação, se mantenha por mais de um ano, passa automaticamente a efectivo.

Além disso, uma outra «gaffe» parece ter sido cometida pela administração do «PH»: é que Celestino Amaral é delegado sindical, beneficiando, por consequência, de certas perrogativas de acordo com o preceituado na lei geral do trabalho. Assim, por exemplo, se o seu caso for apresentado a tribunal, este determinará que, durante três anos, lhe seja pago o salário mensal que auferia quando da altura do despedimento.

Mas (e fazendo fé no que Celestino Amaral tem como interpretação mais certa para o seu despedimento), deve ter contribuído para a atitude da administração o facto de ele ter sido recentemente eleito como porta-voz da Comissão de Luta que se seguiu à suspensão do «Portugal Hoje».

Dois objectivos norteiam essa Comissão de Luta: reinício da publicação do «PH» e salvaguarda dos postos de trabalho. Segundo Celestino Amaral, os trabalhadores decidiram-se pela constituição de uma Comissão de Luta por terem entendido que as razões apresentadas para a suspensão do jornal, e a forma como foram anunciadas aos trabalhadores, «pressupunham má fé por parte da entidade patronal.»

De certa maneira, por consequência, Celestino Amaral era um elemento incómodo: contratado a prazo, já devia, por força do CCT em vigor, ter passado a efectivo; delegado sindical, usufruia de certos direitos; porta-voz da Comissão de Luta, teria todo o processo na mão; e membro que foi do anterior Conselho de Redacção, desfrutaria também da confiança dos seus camaradas pelo conhecimento que possui da vida redactorial interna do matutino suspenso.

Três pontos

Sintetizando o seu caso, e pronunciando-se «unicamente por princípio» contra o despedimento de que foi alvo, Celestino Amaral sustenta a sua posição de desacordo, para além de outros, nos seguintes três pontos:

«1.º – O meu contrato a prazo deixou de vigorar por altura da entrada em vigor do actual CCT dos Jornalistas que preconiza que os contratatos a prazo há mais de um ano possa obrigatoriamente ao quadro. Ora eu entrei em 10 de Abril de 1980, e estamos já em Setembro de 1982.

«2.º – O próprio director e administrador do «PH» me tinha dito, por mais de uma vez, e diante de várias testemunhas, que o meu contrato tinha deixado de ser a prazo e passado à fase da contratação normal (CCT).

«3.º – O próprio Conselho de Redacção aprovou por unanimidade uma proposta da Dircção do jornal no sentido de eu passar a elemento efectivo do corpo redactorial.»

Uma «gaffe»?

Num encontro efectuado, entretanto, com um elemento superior do «PH», Celestino Amaral foi inteirado de que, na verdade, a «intenção é despedir todos os jornalistas contratados a prazo».

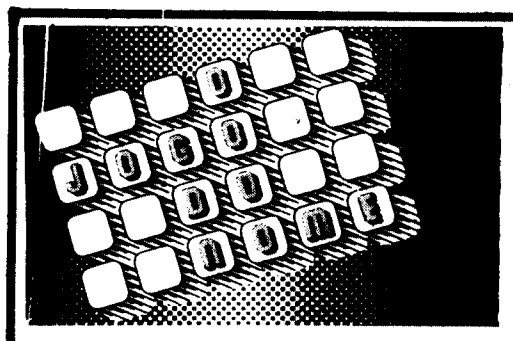
Quantos jornalistas nessa situação? Seis. Amaral foi o segundo a ser despedido, tendo o primeiro sido Carlos Sousa, militante activo da Juventude Socialista. O próprio Celestino Amaral reconhece que o «PH» tinha pessoal a mais: 115 trabalhadores, dos quais 32 constituindo o corpo redactorial. Uma questão moral, no entanto, se coloca: quem emprega (sabendo da ausência de perspectivas seguras), pode desempregar friamente (menosprezando a insegurança que a ausência de emprego cria?). Aqui, pois, se desenha um modo de actuação que pode ser adjectivado, pelo menos, de leviano. E que no caso de Celestino Amaral vai ao ponto de ignorar os direitos que assistem a um delegado sindical.

Terá sido uma «gaffe»? Talvez uma certa precipitação, um certo desconhecimento de como as coisas se processam em democracia plena – e é assim que os ânimos se vão azedando, e, uma a uma, as pessoas se vão desentendendo umas com as outras. Porque, na verdade, a harmonia tem de ter em conta as leis que votamos, as leis em que conscientemente nos inserimos: só desse modo nos podemos respeitar e dialogar. Caso contrário, haverá sempre notícias como estas para o arquivo das más acções humanas. E mais: se Portugal é assim hoje, como será amanhã...?

ANOP aceita reestruturação adequada

Os trabalhadores da ANOP aceitam qualquer reestruturação adequada e que salvaguarde os postos de trabalho – declarou José Guerra, delegado sindical da agência, no tempo de antena do PS, na RTP, ontem inteiramente consagrado ao «caso ANOP».

Quanto às motivações de natureza económica e política que estão na base de extinção da ANOP, José Guerra considerou que sobre a primeiras «foram apresentados dados que não correspondem à realidade». Relativamente às segundas, qualificou de «aberrante» invocar-se o «gonçalvismo pelo facto de a ANOP ter sido criada por um decreto de Vasco Gonçalves, omitindo-se a alteração aos seus estatutos produzida em 1977.»



ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS

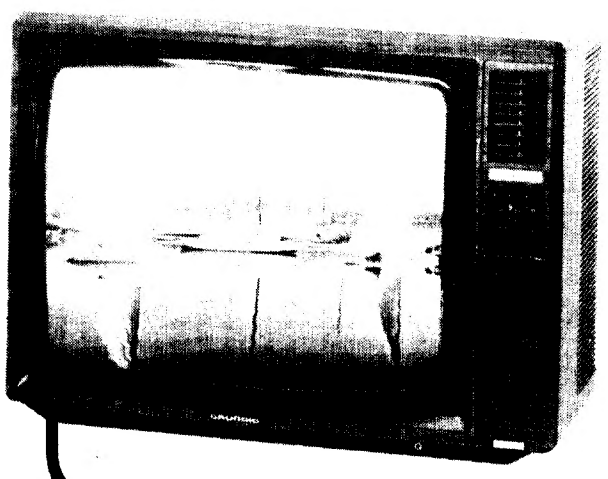
JOGO 4

Candy FAGOR

das Conceituadas Marcas ...que valem ouro!

GRUNDIG PROGRESS

1.º PRÉMIO DO JOGO 4



UM TELEVISOR GRUNDIG DE MESA, A CORES, A610 NO VALOR DE 54 000$00

Cinescópio de 51 cms, sistema "In Line" autoconvergente – Imagem Super Color, com dupla limitação do máximo brilho da imagem – Selecção de 8 programas por microcomutadores (um preparado para vídeo cassette) – Potenciometros de accionamento lateral para controlo de volume de som, luminosidade e saturação (contraste de cor) – Potenciómetro rotativo para controlo de contraste – Dois altifalantes (1 de agudos, de difusão frontal e 1 Superphon de banda larga, de difusão lateral) – Potência musical 6 W – Ligação DIN para auscultador/auricular ou gravador – Comutador de tonalidade (palavra/música) – Comutador para desligar os altifalantes no caso de uso de auscultadores – Chassis frio, compacto e modular, de segurança e baixo consumo (65 W) isolado totalmente da rede eléctrica – Robusta fonte de alimentação de nova técnica de alto rendimento e regulação automática entre 160 V a 260 V~ – Entrada coaxial de antena de 75 Ω, para VHF/UHF – Dimensões 57 × 42 × 41 cms (largura × altura × profundidade).

PERGUNTAS DOS NOSSOS LEITORES ...RESPOSTAS

Dum nosso leitor de Lisboa (Travessa de St.º António à Graça): «Para o jogo 3 foi sorteado um chamado bónus saindo a letra D; por baixo havia um aviso para agrafar ou colar essa letra no cupão; será que esse D só dá para esse cupão saído nesse dia, ou conta até final do jogo? E se conta teremos que comprar onze jornais para agrafarmos ou colarmos o D em todos os cupões?»

RESPOSTA: A letra bónus conta para todos os cupões do jogo a que se refere, mas, se quiser utilizá-la em mais do que um cupão, terá evidentemente que adquirir tantos jornais quantos os cupões que mandar, uma vez que deverá mandar um só cupão em cada sobrescrito, no caso de ser necessária a letra bónus para completar a sua linha vencedora, cada um desses cupões deverá vir acompanhado da dita letra bónus.

Dum nosso leitor de Oeiras (Rua da Torre), que entende que seria mais justo o prémio das libras ser para o leitor que completasse mais depressa a linha vencedora de 7 letras, independentemente do sorteio. **RESPOSTA:** Já há dias dissemos isso mesmo nas páginas do «DL». Acontece, porém, que é a primeira vez que fazemos estes jogos, e há aspectos a melhorar. Esse será um deles, mas é impossível alterar agora a mecânica do Jogo do Nome. Esperamos numa próxima oportunidade (pois contamos repetir dentro de algum tempo esta série de seis jogos) «inventar» uma mecânica que permita atribuir um prémio especial ao leitor mais rápido, independentemente do sorteio. Repare o amigo leitor que, se o quiséssemos fazer, teríamos de abrir as vinte e tal mil cartas que chegam agora, o que é inviável. Fica registada a sugestão, aliás muito justa.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá três libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 5 do Regulamento na página anterior)

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

3 LIBRAS DE OURO!

JOGO 4 – LISTA DE PRÉMIOS:

1.º – Um TELEVISOR GRUNDIG, de Mesa A510, de cores		54.000$
2.º – Uma ARCA CONGELADORA CANDY EL 4		38.750$
3.º – Um FRIGORÍFICO FAGOR M2 210 litros		27.000$
4.º – Um RÁDIO GRAVADOR GRUNDIG RR 3000		23.000$
5.º – Um TELEVISOR GRUNDIG Portátil P1422, Preto e Branco		14.400$
6.º a 10.º – Um ASPIRADOR PROGRESS Super 600	cada	9.700$
11.º a 15.º – Um GRAVADOR GRUNDIG CR 550	cada	5.000$
16.º a 25.º – Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700	cada	4.100$

O professor Freitas do Amaral e os peronistas

Vasco da Gama Fernandes

O Prof. Freitas do Amaral foi à televisão dizer que são só contra a Revisão Constitucional os comunistas (claro!), alguns Conselheiros da Revolução e os **peronistas.** *O leitor recorda-se, certamente, que* **peronista** *deriva de Péron ou seja o defunto e detestado ditador fascista que desgovernou durante anos a Argentina, com as suas torturas policiais, a liquidação dos partidos políticos, a censura, a polícia política. É isto que chama o Prof. Freitas do Amaral aos adeptos do General Eanes o que significa que o* **cristianismo** *do Prof. Amaral se perverteu e se despenhou no insulto e na mentira.*

PERONISMO é uma palavra obscena só possível de ser proferida por alguém que não tem respeito pelos outros nem por si próprio.

Ora aqui está. Eu era incapaz de chamar peronista ao Prof. Amaral até pela dificuldade que tenho em lhe encontrar um epíteto que se ajuste mas sempre lhe direi que não tem autoridade moral para escrever o que escreveu.

O Sr. Prof. Freitas do Amaral atravessou toda a ditadura salazarista e marcelista sem um vagido, admitindo que em confidências, mas só em confidências, falasse mal do Prof. Marcelo Caetano de que era filho putativo, seu assistente, «menino querido» a quem o malogrado Professor dedicou um dos seus livros e só assim se compreende que o General Spínola o tivesse convidado, à revelia de Caetano, já no Brasil, para membro do Conselho de Estado.

Como professor da Faculdade de Direito não se lhe conhece uma só palavra de protesto contra o fascismo doméstico ou outro qualquer. Nunca escreveu as palavras Democracia e República embora agora profira a primeira fazendo boquinhas. Não pertenceu à ala liberal de Sá Carneiro encolheu-se e esperou pela sua hora e ela aqui está quando os «peronistas» de Eanes fizeram o 25 de Abril e lhe permitem o exercício pleno de todas as liberdades, mesmo a de dizer asneiras. E pode continuar.

Tanto quanto me recordo numa carta publicada no «Diário Popular» o Prof. Soares Martinez o acusou de ter sido redactor da decisão que permitiu a entrada na Faculdade dos «gorilas» do Prof. Veiga Simão. Pobre Marcelo Caetano que seja tudo por conta dos seus pecados!

Pois bem, ou pois mal, continue Sr. Professor nos seus assaltos a Abril com a promessa da destruição das suas conquistas económicas e sociais, escreva o que quiser, diga o que lhe apetecer porque para isso contribuíram muitos «peronistas» que andaram cerca de 50 anos a preparar Abril e a suportar a presença de homens como V. Ex.ª.

Certo é, no entanto, que há limites do pudor que não deveriam ser ultrapassados. O Senhor já os ultrapassou mas ainda está a tempo, porque é inteligente, de reconsiderar.

★ ★ ★

Sei que não usa chapéu mas se o usasse sugeria-lhe que o tirasse da cabeça se alguma vez se lembrar de que fomos nós e nunca o senhor que lhe deu a graça da cidadania.

Compreendo perfeitamente que a política não conhece muitas vezes as boas maneiras.

Aceito a vivacidade, a frontalidade, a polémica viva, mas não respeito a má criação.

Desculpe-me Sr. Professor mas o senhor foi malcriado, aliás sem necessidade, sendo certo que isso da má criação não é privilégio da AD pois malcriados existem em todos os partidos. Mas tudo tem os seus limites.

Na verdade o Sr. Prof. Amaral estava mal disposto porque as coisas não lhe correm bem e então o bey de Tunis somos nós.

Claro que está a perder o seu tempo porque nós não temos nenhum contrato para suportar as suas inconveniências e as suas injustiças.

Eu, pelo menos, não me fico enquanto tiver vida e sáude.

O Sr. Professor pode considerar-nos seus adversários, nunca seus inimigos, pode inclusivamente meter uma piadinha de permeio nos seus arrazoados, que ninguém lhe leva a mal e até pode ter graça.

Agora isto de chamar «peronistas» aos homens como eu simplesmente porque não estão de acordo com esse mostrengo inconstitucional partejado espuriamente pela AD-PS, não lembra ao diabo.

Mas a verdade é que lembrou ao Prof. Freitas do Amaral e aqui estou para lhe dizer que o Sr. praticou uma feia acção, indigna de si e ofensiva dos homens que o fizeram gente permitindo que os insulte impunemente.

E até qualquer dia Sr. Prof. Freitas do Amaral, que pode ser já amanhã, se for preciso.

A Itália de Stendhal: um mito liberal

Uma arqueologia do diálogo Norte-Sul

Marc Fumaroli

Há uma grande magia em Stendhal. Quem não cedeu a ela? Essa magia repousa, entre outras coisas, num **efeito de óptica** de que só **retrospectivamente** nos apercebemos. Sabê-lo-ia Stendhal quando em 1840 escrevia a Balzac: **«Só serei compreendido em 1880»?** Foi, de facto, nessa altura, que foi revelada a sua obra autobiográfica **(Souvenirs d'egotisme, Henry Brulard),** obra esta que veio iluminar a sua obra romanesca e de ensaísta, pouco célebre até então. Daí em diante, a pessoa do escritor conferia um suplemento de profundidade às personagens do romancista, às narrativas de viagem do ensaísta, e inversamente, ensaios e personagens romanescos davam um suplemento de sedução à pessoa privada, ao seu jogo de pseudónimos: Dominique, Henry Brulard...

A partir daí, esse efeito de óptica, fez receita em literatura. Stendhal não o inventara: Rousseau utilizara-o sabiamente em prol do seu romance e das suas ideias. E, cada um a seu modo, Chateubriand e Bonaparte (este graças aos diversos **Memoriais** de Santa Helena, que inspirou) recorreram com êxito a esses jogos de espelhos entre vida pública e vida privada. De facto, a pessoa privada posta em cena por Rousseau, Chateubriand e Napoleão era ela mesma um personagem de carácter público. Intimista e egotista, Stendhal manteve o seu eu de diarista na ordem da **privacv.**

A prodigiosa bibliografia dedicada desde o fim do século XIX a Stendahl reflecte este desdobramento fecundo do autobiógrafo e do romancista: Jean Prévost publicou em 1942 um ensaio sobre **le Métier d'écrire e la Psichologie de l'écrivain;** Georges Blin lançou as suas luzes sobre **les Problemes du roman**

«Stendhal a dançar»
Croquis de Alfred de Musset

(1954) e sobre **les Problemes de la personnalité** (1958). Logo que o relevo e profundidade de Stendhal se tornaram evidentes, a sua modernidade nunca mais foi desmentida, e ela considera essencial a passagem do enigma do eu para a do eu criador.

Testemunha da magia sedutora exercida por Stendhal, Michel Crouzet, depois de outros, consagrou-lhe a sua vida ou quase. A sua obra é, por si só, uma autêntica biblioteca beylista, um fenómeno do espírito stendhaliano. O mais recente tomo publicado dessa **Summa stendhaliana** intitula-se **Stendhal et l'italianité.** Com efeito, não é um dos menores paradoxos do autor do **Vermelho** o facto deste escritor por tantas razões tão «francês», tão fiel às luzes do século XVIII, em pleno romantismo, tenha conseguido impor-se, é certo que tardiamente, como o mediador por excelência da Itália romântica, a ponto de renegar a França e de querer morrer sob o nome de Arrigo Beyle, Milanês.

O desabrochar da vida privada

Mas **Stendhal et l'Italianité** não é um qualquer «Stendhal e a Itália». Afastado do anedotismo ou do comparatismo, Michel Crouzet propõe-se, como filósofo, psicólogo e crítico literário, definir a atitude de Beyle, primeiro viajante em Itália, depois romancista de Itália, em face de um modo de ser italiano que tira a pouco e pouco do fundo de si próprio ao mesmo tempo que o descobre na península, onde o encontra na abundante literatura dos viajantes ingleses e franceses. Para este liberal, a Itália oferece à esfera da vida privada – de resto limitada pelo civismo e pela consideração dos outros – uma expansão ilimitada e feliz. Para este escritor inquieto, ela oferece à criação romanesca (que se dirige ao homem de desejo) modelos, paisagens, uma inspiração que a prosa disciplinada das nações mais «avançadas» tornou literalmente insípida.

O problema da italianidade em Stendhal, tal como Michel Crouzet o apresenta, está próximo das nossas preocupações mais actuais. Nós devemos ao liberalismo romântico essa inapreciável conquista que é a vida privada, as suas voltas, o seu infinito, incompreensíveis ao Estado e preservadas do seu olhar. Mas também lhe devemos a pior ameaça a essa esfera autónoma da vida privada: tentação de fazer dela um absoluto e de lhe negar toda e qualquer concessão, mesmo de convenção ou de polidez, à realidade de uma ordem objectiva que autoriza a pluralidade dos foros íntimos sem os violentar.

A projecção das utopias privadas no plano político – o modelo é proposto por Rousseau – resulta no fim de toda a vida privada. Ora a arte moderna tem muito a ver com a vida privada: é lá que ela vai buscar os seus recursos mais íntimos, é lá que encontra o seu mais íntimo acolhimento. Mas ao querer impelir até ao absoluto essa estranheza relativa da arte em relação ao público, à sociedade policiada, ao Estado liberal, até ao esoterismo abstracto, à provocação anarquizante, até mesmo à prédica revolucionária, a arte saída do romantismo abriu caminho à morte da arte, diluída na col.. eia igualitária ou totalitária. Dessa lógica funesta do individualismo romântico, Stendhal teve a sorte de só conhecer as premissas. Mas o seu comentador relê-o à luz inquietante do dia de hoje e essa releitura em profundidade é tanto uma lição de lucidez intelectual como de penetração literária.

Continua na pág 6

ponto a ponto

● O empresário Guedes da Silva é notícia. Anuncia-se nos meios ligados às suas empresas que vai abandonar a presidência da empresa «holding» Sociedade Comercial de Resinas. A sociedade tem sede em Lisboa e em Viseu. O professor Adelino da Palma Carlos continuará a presidir à Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Resinas. Parece não estar excluída a possibilidade de Guedes da Silva vir a ter uma intervenção política numa área a que está associado o nome do professor Adelino da Palma Carlos. Como se sabe o empresário Guedes da Silva é abertamente crítico do Governo AD.

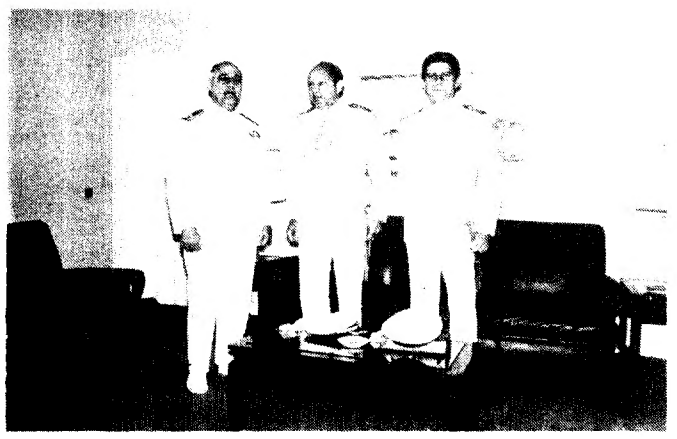
● A Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) organiza de 6 a 17 Setembro importantes manobras baptizadas «Northern Wedding», para testar as defesas ocidentais no Báltico e na Dinamarca. Um porta-voz do Ministério da Defesa indicou que participarão forças britânicas nestas manobras marítimas e terrestres, que se estenderão do Báltico ao mar do Norte e ao Atlântico Norte com 160 navios, 250 aviões e 5000 homens de tropa. Participam nestes exercícios os seguintes países: Dinamarca, Noruega, Alemanha Federal, Holanda, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, Portugal e França.

● O ministro angolano da Indústria, Bento Ribeiro, visita oficialmente Portugal entre os dias 6 e 11, a convite do seu homólogo Baião Horta. As conversações entre os dois ministros principiam no dia 7, durante o qual Bento Ribeiro será também recebido pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, Futcher Pereira, e pelo Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão.

● Nove empresas portuguesas representadas na Feira de Maputo (FACIM) anunciaram a concessão de um donativo de 1210 milhões de escudos para o Quarto Congresso da FRELIMO marcado para Abril de 1983. Entre as empresas que se cotizaram contam-se a Têxtil Manuel Gonçalves, Tepclima, ETEI, Sociedade de Ferragens Marques da Fonte, Empresa Cerâmica do Fojo e Cabral, quase todas com operações em Moçambique.

● António Meneses Cordeiro, 56 anos, foi nomeado embaixador de Portugal no Sri Lanka, anunciou em Lisboa o Ministério dos Negócios Estrangeiros. António Manuel da Veiga e Meneses Cordeiro nasceu no Porto e é licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. Prestou serviço diplomático no Paquistão, França, Venezuela, Brasil Bulgária, Argélia e Índia.

● O presidente do PSD, Pinto Balsemão, enviou uma mensagem de saudações à Cimeira Árabe de Fez, que se realiza entre os próximos dias 6 e 8, desejando «o maior êxito nos trabalhos». O PSD – diz a nota «reitera o seu firme desejo de fomentar, no âmbito da dimensão ecuménica da civilização portuguesa, relações de franca amizade e cooperação mútua frutosa entre Portugal e os países árabes».



● O chefe do Estado-Maior da Armada almirante Sousa Leitão, recebeu n seu gabinete em visita da apresentação de cumprimentos, o capitão-de-mar-e-guerra Sérgio Napoleão de Azevedo novo adido naval junto da Embaixada do Brasil em Lisboa, e o capitão-de-mar-e-guerra Arnaldo Leite Pereira, que agora deixou de desempenhar aquelas funções.

Da costa galega a Lémoniz e Tarragona

Espanha: paraíso do "lixo nuclear"

O navio «Sirius» vai a caminho da costa galega, depois de ter ancorado ao porto francês de Brest. Esta manhã rumou em direcção à costa espanhola, onde permanecerá para desincentivar o despejo de resíduos nucleares. A seu favor tem a opinião pública internacional, que cresce à medida que a luta avança. A bordo do navio da organização ecologista «Green Pace» («Paz Verde») irá o deputado socialista belga (do partido flamengo).

O «Sirius» tentará impedir o despejo, agora, de mais dez mil barris de resíduos atómicos, o que não conseguiu, nos últimos dias, em luta com o «Shclendeberg», navio holandês que verteu sete mil toneladas de «lixo nuclear» na costa galega, ante o desespero dos homens do «Paz Verde». A nova operação de despejo radioactivo é de dez mil toneladas procedentes da Suíça, Holanda e Bélgica, enquanto tudo indica que o Governo dos Países Baixos não se ficará por aqui.

Por tudo isso o problema ganha acuidade internacional. Surpreendentemente, o Governo espanhol ainda não tomou posição, a despeito dos factos ocorrerem a 700 quilómetros da sua costa, embora em águas não territoriais. No entanto, o Executivo do país vizinho há muito que se encontra habilitado a lançar os seus protestos no areópago internacional pela «luz verde» que nesse sentido lhe concederam a Comissão Municipal Permanente da Câmara da Corunha e a Confraria de Pescadores e Armadores.

O «Sirius» deverá ainda hoje aproximar-se da costa galega e, tanto quanto apurou o «DL» junto de responsáveis da Corunha, nele viajarão o presidente municipal de Moaña, representantes de diversas Câmaras («Ayntamientos») do litoral galego, o secretário-geral da Associação de Defesa Natural da Galiza (ADEGA) e vários jornalistas. Antes de se dirigir à Holanda, de onde o «Sirius» partiu há dias como primeiro protesto contra o Governo dos Países Baixos, o presidente de Moaña (Francisco Javier Abamo Costa) afirmou que embarcava no navio da «Paz Verde» para «deixar claro, no local onde a Holanda despeja os resíduos nucleares, a repulsa do povo pelo perigo real que isso envolve para a vida em geral e o ser humano em concreto». Modesto Solla, em nome da ADEGA, afirmou que a sua associação não poderia faltar a tal protesto, que classificou como histórico.

Almaraz: que futuro?

Os problemas nucleares em Espanha, quer no mar quer em terra, não se limitam à costa galega, a 700 quilómetros do território. Cáceres (Almaraz), Asco (Tarragona) e Lemoniz (País Basco) são outros pontos conflituais que põem à prova a intransigência dos subordinados de Calvo Sotelo.

A Junta Regional da Estremadura manifestou-se contra o funcionamento da central de Almaraz, enquanto não estiver garantida a sua segurança em regime de exploração total. A Junta solicita ao Governo que aplique na sua totalidade a legislação em vigor quanto às medidas de segurança e planos de evacuação. O Conselho de Segurança Nuclear (órgão governamental) afirma, por seu turno, que a referida central, a duzentos quilómetros da fronteira portuguesa, no rio Tejo, pode funcionar a 50 por cento sem que isso represente risco indevido para a população.

A questão de Almaraz não é nova, mas ganhou extraordinária actualidade nas últimas semanas, em parte pela força dos ecologistas espanhóis, em grande parte porque a greve de fome que promoveram na Câmara de Malpartida de Cáceres o senador Cáceres Pedro Cañada, o escritor Victor Chamorro, o jornalista Diego Barón e o pintor Juan Carrillo, despertou os espanhóis para os perigos que representa a entrada em funcionamento de Almaraz. Amplos sectores de influência de Cáceres e da zona movimentaram-se contra a abertura da central, apesar das garantias que inicialmente foram avançadas pela Junta Regional e o Conselho de Segurança. Toda a esquerda espanhola se manifestou contra o funcionamento de Almaraz, mesmo a cinquenta por cento – como pretende o Conselho de Segurança Nuclear de Espanha.

Medo da ETA

Asco, na província de Tarragona, e Lemoniz, no País Basco, são também pólos nucleares de discussão. Parece que a central tarraconense vai mesmo entrar em funcionamento, produzindo cinquenta por cento da sua potência devido a deficiências do seu gerador. Àquela potência os tubos não vibram, mas sofrem corrosão – facto que representa ameaça para a população daquela zona. As deficiências constatadas do tubo, dizem em Asco, são facilmente visíveis noutras centrais nucleares, Almaraz e Lemoniz, e também na de Ringhals, na Suécia, todas elas dotadas de tecnologia Westinghouse.

Por falarmos em Lemoniz, refira-se que 85 por cento dos 197 trabalhadores da «Prosesa», empresa contratada pela «Ibarduero» (construtora da central) para garantir a segurança de Lemoniz, querem abandonar as obras centrais, por alegadas ameaças da ETA em mandar pelos ares a central nuclear.

Parte desses trabalhadores recusaram-se a trabalhar logo que tiveram conhecimento das ameaças da ETA, tendo dezasseis sido punidos. Os 272 trabalhadores da segurança de Lemoniz dos quadros da «Prosesa», da «Prosegur» e da «Esebi» mantêm-se nos seus postos, mas com medo, porque não sabem se a carta enviada pela ETA, ameaçando fazer explodir a central, é ou não autêntica.

Júlio Rodrigues

Navios holandeses rumo à Galiza

Os dois navios holandeses que devem transportar e largar sete mil toneladas de resíduos nucleares ao largo da Península Ibérica (Galiza), partiram ontem à noite do porto de Zeebrugge, pouco antes da meia-noite – declararam esta manhã os serviços daquele porto belga.

Notava-se a presença dum importante serviço policial nos cais em que estiveram atracados os dois navios, o «Marijke Smits» e o «Rjinborg», que foram escoltados por uma unidade belga...

Por seu turno, o «Sedulea», fretado pelo movimento ecologista «Green Peace» deixou ontem o porto de Ostende, também na Bélgica, para perseguir os dois navios holandeses até ao local onde está prevista a imersão dos contentores com resíduos nucleares.

Uma arqueologia do diálogo Norte-Sul

Continuação da pág. 5

Já Rousseau ...

No **Ensaio sobre a origem das línguas,** Rousseau, rejuvenescendo o antigo lugar-comum dos «caracteres dos povos segundo os climas», combinando-o com a tradição do idílio e o tema bíblico do «Paraíso antes da queda», atribui-lhe um pathos novo e a autoridade de uma explicação científica: **«Nos climas meridionais,** escrevia ele, **em que a natureza é pródiga, as necessidades nascem das paixões; nos países frios, onde ela é avara, as paixões nascem das necessidades, e as línguas, filhas da necessidade, ressentem-se da sua dura origem.»** Assim, os países quentes, onde o **«puro cristal das fontes»** teria feito nascer os **«primeiros fogos do amor»** preservam um estado de felicidade **«antes da queda»** que o progresso das artes e o jugo das leis fizeram esquecer nos climas frios.

Nas peugadas de Rousseau, madame de Staël amplificou a antítese: em **De l'Allemagne,** ela descreve o génio de um povo vítima do frio, é certo, mas que soube extrair da sua desgraça uma melancolia poética e filosófica, uma profundidade de reflexão incomparável. Depois, passando de um extremo a outro, escreve, com **Corinne ou de l'Italie,** o romance de um povo abençoado pelo calor, que embora tenha caído sob o jugo do despotismo, nasceu – como se ignorasse tal incidente – para a felicidade, a beleza sensível e a liberdade das paixões.

Como um regresso à pré-história

Favorecido pelas circunstâncias, Stendhal optou pela Itália, «reserva» onde se incarna, aos seus olhos, «o homem natural» segundo Rousseau. E, na verdade, para quem então vem da Europa do Norte, das suas luzes, da sua legalidade, dos seus costumes policiados, ir a Itália é viajar ainda mais no tempo do que no espaço: regressa-se a uma espécie de pré-história onde o Estado moderno ainda não nasceu (o que lá existe são tiranias anãs e ridículas), mas onde, em contrapartida, o **indivíduo** (no sentido em que Burckhardt ainda o entenderá) está mais desabrochado. O inglês ou o francês, vítimas da tensão entre vida privada e vida pública, vai pois procurar em Itália o seu modelo original, esquecido ou, pelo menos, atenuado pela aprendizagem da vida civilizada. Em suma, o atraso histórico da Itália salvou a vitalidade dos italianos, a sua capacidade natural e portanto individual para a paixão e para a felicidade. Para a beleza também.

Pátria arcaica dos indivíduos fortemente centrados em si próprios, a Itália também é a pátria das artes plásticas e da música, que implicam uma vida intensa dos sentidos e das graças do corpo, em suma, do «temperamento». O observador vindo do Norte renunciaria de bom grado à sua vida intelectual e moral (desconhecida em Itália, segundo Stendhal) para se revestir desse tom de paixão e acção totalmente físico. Anterior à história ou esquecido por ela, o Italiano ignora a inquietação ligada às suas vicissitudes. Ele vive no presente, na indolência, num imediato que lhe basta. A sua natureza imperturbável implica a ausência de projectos e de cálculos. Só os acessos de cólera ou de desejo amoroso a perturbam, mas eles não fazem mais do que condensar o presente sem lhe introduzir o tempo do aborrecimento ou do esforço. Ele é sobretudo virgem de «vaidade», vício esse que é, aos olhos de Stendhal, tipicamente francês, vício odiado porque interioriza na vida privada o olhar social, e que a entrega do seu frio império.

A única coisa que pode atrair a energia intacta do italiano é o belo sexo. O único império ao qual aceita render-se é o da mulher. O amor é de tal maneira o grande problema dos italianos que conseguiu escapar às leis do casamento, e essa instituição, tal como as outras, não é mais do que uma aparência enganadora que protege o livre fogo dos desejos. No céu, única estrela na tempestade das paixões e dos amores, a Madona. E só se dá à mascarada do direito, da economia, da política, a homenagem irónica da careta e da velhacaria. Em suma, da Commedia dell' arte.

A cem léguas do Clube Mediterrânico

Apesar de algumas aparências, a utopia italiana de Stendhal não tem nada de comum nem com o Clube Mediterrânico nem como o terceiro-mundo para onde hoje se precipitam os «turistas» dos países ricos e liberais. Beyle nunca confundiu o «aqui» e o «noutra parte». Ele foi procurar-se e encontrar-se em Itália, e nunca acreditou que as calçadas e a arquitectura oficial de Paris pudessem regredir até dos caminhos de cabras dos Alpilles ou às encostas arborizadas do lago Némi. No fundo, a Itália nunca foi para ele mais do que outro nome desse continente misterioso e insondável que é a **vida privada** de **um cidadão** moderno e letrado.

Terra genitrix, traz ao mundo indivíduos, e indivíduos espontâeamente artistas, para os quais a cultura, que nos outros lados é conquista e reflexão, é uma dádiva, uma graça, uma felicidade. A Itália é portanto outro nome daquilo a que toda a tradição clássica chamou o «natural» em arte. Nada de comum com o tribalismo, o naturismo, com as utopias que aspiram à fusão entre vida privada e vida pública na «festa» igualitária. Para dizer tudo, a Itália de Stendhal é um mito liberal, cujo excesso fantasmático é um correctivo para o perigo receado do formigueiro. Esse excesso é tanto mais plausível quando se desenvolve no romanesco e não transborda em projecto político ou político-cultural. Reler Stendhal, com Michel Crouzet como cicerone, é entregarmo-nos à felicidade do romanesco que a vaidade de «mudar a vida» não perturba.

***Stendhal et l' italianité,** de Michel Crouzet.

(Le Monde)

Balsemão no Minho como Primeiro-Ministro e presidente do PSD

Ora na qualidade de Primeiro-Ministro, ora como presidente do PSD, Pinto Balsemão estará amanhã no Alto Minho, após curta passagem por Sabrosa (Vila Real), a fim de proceder a várias inaugurações e a desenvolver contactos partidários.

Acompanham-no dois ministros, quatro secretários e um subsecretário de Estado, que assistirão, em Sabrosa, de manhã, à inauguração de um bairro, de um centro de saúde, do mercado municipal e do quartel de bombeiros. À tarde, e antes da partida por via aérea para o Minho, o Primeiro-Ministro inaugura escolas em Souto Maior e S. Martinho d'Anta.

Em Vila Nova de Cerveira (e passamos a citar um comunicado do PSD), Pinto Balsemão, acompanhado de António Capucho, estará a partir das 19 e 30, numa «festa de convívio de militantes e simpatizantes sociais-democratas a realizar no campo de jogos da Escola Preparatória e Técnica desta vila».

Às 22 horas, Balsemão e Capucho inauguram as instalações da nova sede concelhia do PSD e a seguir reúnem com os membros da comissão política distrital do partido de Viana do Castelo.

Nos intervalos destas actividades partidárias, Balsemão, assumindo a qualidade de Primeiro-Ministro, visitará um lar de terceira idade e as futuras instalações de uma escola agrícola, encerrará a Bienal de Cerveira e inaugurará a pousada D. Dinis (a funcionar há um mês). O regresso a Lisboa está previsto para segunda-feira.

Parceiros sociais em S. Bento

Entretanto, o chefe do Governo poderá receber já na próxima semana os parceiros sociais, para lhes dar conhecimento das alterações que pretende introduzir na legislação laboral.

Dessas alterações-anunciadas, uma vez mais, por Balsemão no seu discurso de quinta-feira passada – destaca-se a elaboração de um diploma que permitirá a suspensão temporária dos contratos de trabalho.

A justificação que o Primeiro-Ministro pretende apresentar junto das principais organizações sindicais é de que tal modalidade de suspensão de contratos é vulgar em diversos países da Europa Ocidental.

Recorde-se, no entanto, que tanto a CGTP como a UGT, têm vindo, desde há meses a manifestar total oposição às reiteradas tentativas do Governo em moldar a legislação laboral aos interesses das grandes confederações patronais, nomeadamente da CIP.

Ronda pelas autárquicas continua

Eanes no Alentejo

A partir de amanhã, e até 19 de Setembro, o Presidente da República deverá visitar cinco concelhos do Centro e Sul do País. A ronda inicia-se amanhã pelo Alentejo, nas célebres festas de Campo Maior, sendo Eanes convidado da Câmara Municipal e da Comissão de Festas.

Na quarta e quinta-feira, 8 e 9 de Setembro, o PR vai a Odemira; no dia 11 a Alenquer (visita a três adegas cooperativas) e no dia 19 cumpre convite da Câmara Municipal de Vila Nova de Poiares (Coimbra).

MRPP: demissão já de Balsemão

Ontem, o PR terminou as audiências com os partidos para análise da revisão constitucional, data das autárquicas e debate da situação política actual.

O MRPP, último partido a ser recebido (o POUS não compareceu) preconizou, pela voz de Arnaldo Matos, que as autárquicas se efectuem a 19 de Dezembro e defendeu o veto da lei eleitoral e a demissão imediata do Governo Balsemão.

Arnaldo Matos, disse ainda que ignora qual a posição que o presidente vai tomar, relativamente à referida lei.

A representação do PCTP/MRPP era composta de Arnaldo Matos, Carlos Paisano e Luís Franco.

Exercícios militares nos Açores

Cerca de 600 militares dos três ramos participam nos exercícios Atum/82 do Comando-Chefe das Forças Armadas dos Açores, que se realizarão na ilha de Santa Maria. Os exercícios que decorrerão nos próximos dias 6, 7, 8 e 9 envolverão meios aéreos, marítimos e terrestres. As operações militares terão como cenário uma eventual ocupação, por sabotadores inimigos, do aeroporto de Santa Maria. Pára-quedistas e uma companhia de infantaria, provenientes de outras ilhas açorianas tentarão, posteriormente, recuperar aquela infra-estrutura.

Entre a vida
e a morte
o SANGUE
pode decidir

Só há uma saída (para quem tem carro)

Se tem carro, experimente sair do labirinto.

Qual é a saída? Daqui a um minuto, leia o resto do anúncio.

Você não descobriu a saída. É inútil negar. Você (que tem carro) não conseguiu resolver este problema. E provavelmente, também, ainda não descobriu a saída para o problema do seu carro. Para o problema do consumo de combustível. Para o problema do preço do combustível. Para o problema das despesas de manutenção. Para o problema do estacionamento. Para os problemas de trânsito. Para o problema dos riscos que corre ao volante.

Vimos tentar ajudá-lo a descobrir a saída. E a saída é muito simples: a única maneira de não gastar tanto dinheiro em combustível é não gastar tanto combustível. E a única maneira de não gastar tanto combustível, é andar menos no seu carro. E ao andar menos no seu carro está também a reduzir os riscos que corre e as despesas de manutenção.

Mas o seu carro faz-lhe falta. Nós acreditamos. Como é que o vai substituir (em parte)? Nós sugerimos-lhe o fim dos seus problemas de estacionamento, o fim das suas irritações ao volante durante os engarrafamentos. Num transporte colectivo, você é conduzido por profissionais: os riscos são menores, a duração dos percursos é proporcionalmente menos elevada. Falámos-lhe de poupança de combustível. Você sabe o que queremos dizer. E vai pensar nas nossas sugestões. Na saída para o problema do seu carro.

poupe energia
energia
garanta o futuro

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

design LAPIS

Expressamente confidencial

★ *Fontes próximas da residência de São Bento não confirmam que o Primeiro-Ministro tenha sido surpreendido com a tão espontânea e tão efusiva manifestação de apreço que a sua equipa governamental lhe prodigalizou por motivo da passagem do aniversário da posse do 8.º Governo Constitucional. As mesmas fontes recusam-se a comentar a ausência do ministro Ângelo Correia.*

★ *A ausência da secretária de Estado, Teresa Costa Macedo, não se explica, segundo nos informam, por estar ocupada na redacção de uma resposta às declarações da secretária de Estado, Leonor Beleza, mas por questões familiares. A família é fonte de preocupações para toda a gente, mesmo para as secretárias de Estado.*

★ *O dr. António Sande Lemos que foi um discreto companheiro de Francisco Sá Carneiro, e que exerce o cargo de presidente do Conselho Jurisdicional do PSD, informou que os «processos disciplinares» seguem o seu curso. Não se confirma, todavia, que a escritora Natália Correia tenha escolhido para defensor oficioso o advogado, e poeta, dr. Afonso Moura Guedes.*

★ *O dr. Marcelo Rebelo de Sousa anunciou o seu propósito de se afastar da vida política activa para se dedicar à carreira universitária. Esta intenção provocou reacções muito diversas em São Bento e na Faculdade de Direito. Num semanário de Lisboa deu lugar a interrogações e dúvidas. Não esperavam um regresso nos primeiros meses de 1983.*

★ *Não tem fundamento o boato de que dr.ª Manuela Eanes esteja a redigir uma carta particular, endereçada ao dr. Francisco Balsemão, na qual seriam versados os problemas de relacionamento entre os Órgãos de Soberania*

★ *O dr. Mário Soares interrompeu uma missão da Internacional Socialista para passar uns dias de férias na sua casa do Vau. Um erro de transcrição levou agências internacionais a trocarem o V por um R. Consequentemente saiu Rau e logo alguns especuladores admitiram que o dr. Mário Soares, preparava-se para passar férias na República Árabe Unida (RAU, vulgo Egipto).*

★ *O apoio do arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles e do seu partido à Constituição revista foi condicional. E continua, aliás, condicionada: à permanência das instituições republicanas e aos lugarzinhos de deputados oferecidos pelo PSD.*

★ *Para ser reeleito presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o eng. Abecasis está disposto a alguns sacrifícios pessoais. Inclusivamente a desistir de construir torres e não transformar a Torre de Belém em restaurante turístico. Para turistas calçados, evidentemente.*

CONTINUA
A LIQUIDAÇÃO TOTAL
DA
STOP
DURANTE O NOSSO ENCERRAMENTO NA RUA DO OURO ESTAMOS AO VOSSO DISPOR NOS:
CENTRO COM. GUÉRIN
CENTRO COM. IMAVIZ
CENTRO COM. SOPAL
MALHAS • FATOS DE BANHO
PRONTO A VESTIR • LINGERIE

Lei da Defesa Nacional será aprovada pelo Governo até 15 deste mês

● *CEMGFA passará a depender do ministro da Defesa*

O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e, por consequência, os chefes dos três ramos das Forças Armadas, vão passar a depender do Governo, e, mais concretamente, do ministro da Defesa. Esta a inovação porventura mais importante da Lei de Defesa Nacional, da principal responsabilidade de Freitas do Amaral, que deverá ser aprovada até 15 deste mês em Conselho de Ministros e convertida seguidamente em proposta de lei para submeter à Assembleia da República, onde certamente recolherá uma maioria de votos a favor.

Algumas generalidades e um que outro pormenor respeitantes a esta questão são hoje revelados pelo próprio Freitas do Amaral em entrevista ao «Expresso». Diz o actual ministro de Estado e da Defesa que o fundamental da lei em questão é decorrente da revisão constitucional, e resume-se em quatro pontos: a extinção do Conselho da Revolução, o princípio da subordinação do poder militar ao poder político; a distribuição pelos diversos órgãos de soberania (PR, Governo e AR) das competências relativamente às Forças Armadas, e «a definição do papel e da função dos ministros da Defesa e das próprias Forçças Armadas».

«Não é verdadeira a afirmação de que o ministro da Defesa fique com poderes excessivos ou mais amplos do que aqueles que tem na generalidade dos países membros da NATO – considera Freitas do Amaral, adiantando que os chefes de Estado-Maior vão dispor de competência própria, «e não apenas competência que lhes venha a ser delegada pelo ministro para despachar a generalidade dos assuntos que hoje já entram na sua esfera de atribuições».

A lei prevê o Conselho Superior de Defesa Nacional, que será presidido pelo PR e do qual farão parte os ministros responsáveis por sectores ligados aos assuntos da Defesa Nacional (Defesa, Finanças, Estrangeiros, Administração Interna, Energia, Transportes). Militares, terão assento os quatro chefes de Estado-Maior (el havendo, os subchefes).

Nas suas declarações ao «Expresso», Freitas do Amaral fala ainda de outras questões pontuais relacionadas com a Defesa Nacional (associações de militares e ex-militares, dependência ministerial das forças militarizadas, serviço de informações), e do Tribunal Constitucional.

Para o ministro associações de ex-militares podem formar-se e existir, sem problemas. Associações de militares no activo, porém, a sua existência estrá sujeita a autorização superior. Freitas do Amaral lembra que a Constituição revista contém um artigo que restringe o exercício de certos direitos por parte dos militares.

Quanto às forças de segurança, elas «devem depender do Ministério da Administração Interna», na opinião de Freitas do Amaral. No caso da GNR, todavia, deve haver uma ligação, a definir, com o Ministério da Defesa.

O anteprojecto de Lei de Defesa Nacional define e regulamenta «os aspectos relativos à fiscalização e ao controlo dos serviços de informação – adianta Freitas do Amaral. «A ideia básica è que pode e deve continuar a haver serviços de informação de Defesa Nacional e militares no âmbito das Forças Armadas e na dependência do chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas».

Contudo, acrescenta o ministro da Defesa: «Tdos os serviços existentes nas FA's devem cessar toda e qualquer actividade que tenha a ver com problemas de segurança interna. Este problema terá de ser abordado o mais depressa possível através duma proposta de lei a enviar pelo Governo à Assembleia da República».

Quanto ao Tribunal Constitucional – cujo anteprojecto de lei será também aprovado em Conselho de Ministros até 15 deste mês –, ele será constituído por 13 membros, tal com prevê a Constituição revista. Sete serão magistrados, seis poderão não o ser.

Cinco meses após entrada

Lei da Segurança Privada (ainda) não passou em Belém

A lei reguladora da actividade das empresas privadas de segurança terá levantado reservas aos auditores do Presidente da República. Essa a explicação para que ao fim de cinco meses após a sua entrada nos serviços respectivos ainda não tenha sido promulgada.

A lei partia do reconhecimento de que o Estado não tem meios suficientes para assegurar a função preventiva e acautelar a defesa da propriedade pública e privada, para sujeitar as empresas de segurança privadas já existentes ou a constituir a autorização do ministro da Administração Interna.

Duas das questões de maior melindre que têm sido colocadas a propósito desta actividade ficavam porém à margem do diploma enviado à Presidência da República: os detectives privados e o uso de armamento por parte dos respectivos agentes.

O primeiro problema terá sido encarado, não oficialmente, com o parecer desfavorável do actual titular da Administração Interna. Os detectives privados não terão o seu aval.

A questão do armamento, embora contida naquela lei, ficava pouco clara: «a qualificação profissional para exercício de segurança industrial não constitui título suficiente para a concessão de licença de uso de porte de arma de fogo».

O exercício da profissão nas empresas de segurança deveria ser condicionada nos termos do diploma, à comprovação médica de capacidade física e mental e o desempenho de cargos públicos constituiria limitação. Outros requisitos mínimos seriam a nacionalidade portuguesa, maioridade, escolaridade obrigatória e idoneidade moral comprovada.

As sociedades já constituídas teriam de ajustar o seu regimento societário ao novo regime legal, ficando proibidas de fazer investigação criminal ou ter actividades que colidam com forças militares, militarizadas ou policiais.

A fiscalização das actividades ficaria a cargo da Polícia de Segurança Pública e um conselho superior regulamentaria a formação técnica e profissional dos agentes de segurança privada.

Angelo Correia prepara substituição de Almeida Bruno?

O brigadeiro Almeida Bruno comandante-geral da PSP poderá vir a ser afastado do comando da PSP, numa estratégia «orquestrada» por Ângelo Correia e por outros quadros influentes do Ministério da Administração Interna, utilizando como pretexto algumas das actuações mais polémicas daquela corporação, nomeadamente as actuações do seu corpo de intervenção nos incidentes no Rossio, em 12 de Fevereiro, dia da greve geral decretada pela CGTP-IN, e na Praça Humberto Delgado, no Porto, no decorrer das comemorações do 1.º de Maio.

O semanário «Expresso» que levanta esta hipótese na sua edição de hoje, refere ainda outros dados como sejam as movimentações no seio da PSP com vista à formação de uma estrutura sindical, face às quais, na óptica de Ângelo Correia, Almeida Bruno não terá correspondido com mão mais firme, e a substituição do tenente-coronel Oliveira Marques (presentemente assessor de Ângelo Correia no MAI) na chefia do Grupo de Operações Especiais. Refira-se que Oliveira Marques é um dos nomes apontados nos bastidores como possível alternativa a Almeida Bruno.

As pressões movidas neste momento sobre Almeida Bruno estariam igualmente na origem da não tomada de posse do tenente-coronel Manuel Monge no cargo de comandante da Polícia de Intervenção, liderada, conforme noticiámos na nossa edição de segunda-feira, pelo comissário Almeida, na sequência da passagem à reserva do coronel Almeida Coimbra.

tem a palavra o leitor

Trabalho partidário?

De há vários anos leitor assíduo do conceituado jornal que V. dirige, exemplo de órgão de Comunicação Social democrático e pluralista, venho solicitar-lhe a publicação do que considero um esclarecimento oportuno, após a leitura da entrevista hoje publicada com o Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, uma vez que me parece de todo o interesse um cada vez melhor conhecimento, por parte do povo português, dos políticos honestos deste País.

Em Setembro de 1977, quando desempenhara as funções de coordenador distrital de Minibasquete na Delegação de Lisboa da DGD, fui chamado ao Gabinete do então (e ainda hoje?) delegado distrital juntamente com o coordenador de ginástica da mesma delegação, para ouvir da boca do tal responsável: «Fui chamado ao secretário de Estado que me disse para correr com vocês porque andam a fazer trabalho partidário!»

Perante a nossa surpresa e ao que no imediato argumentámos em face de tal notícia, o delegado distrital disse-nos que também ele se mostrara surpreendido com tal revelação, pis nem por ele próprio nem através dos coordenadores nacionais das respectivas modalidades, tinha qualquer informação em idêntico sentido, ao que o ex-secretário de Estado acrescentaria: «Você e os coordenadores nacionais não sabem nada, eu é que tenho a minhas informações!»

Para que não fiquem dúvidas: o secretário de Estado em questão era o actual presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz e militante do PS, Joaquim de Sousa.

Eu saí da Delegação de Lisboa da DGD, pensando que «talvez» pudesse classificar o meu afastamento como um saneamento político.

Agora, passados praticamente cinco anos, ler que Joaquim de Sousa tem preocupações com a legalidade e a ética (só no interior do PS?), se esforça por se abstrair um **pouco** (!) das manipulações partidárias (na realidade abstrair não tem lá muito que ver com rejeitar...), além de que está atento ao facto (em sua opinião) de que a honestidade é rara nos políticos deste País, o mínimo que posso sentir é indignação por tal hipocrisia, assim como fico com mais alguns dados sobre o que se pode entender por «família do socialismo democrático».

Grato pela atenção,
Orlando Serafim Branco da Ponte
R. Antero de Quental, Lote 47-4.º Esq.
2795 LINDA-A-VELHA

Eanes vetou 5 de Dezembro

Governo vai propor 28 de Novembro para realização das eleições locais

● *Na forja diploma sobre arquivos da PIDE*

O Governo já recebeu de Belém a comunicação oficial do veto do Presidente Eanes ao dia 5 de Dezembro como data para a realização das eleições autárquicas, e vai propor a data de 28 de Novembro, provavelmente já na próxima reunião do Conselho de Ministros.

Os motivos do veto de Eanes ao dia 5 de Dezembro já foram largamente identificados com as razões por que à mesma data se opunham, na totalidade, os partidos representados na Assembleia da República e não pertencentes à actual maioria. Quando, a meio desta semana, se realizaram os encontros de Eanes com os partidos em Belém, todos os representantes da Oposição reafirmaram ao PR e aos jornalistas a sua posição desfavorável ao dia 5, já que o Governo iria, inevitavelmente, tirar dividendos eleitorais, da passagem duma efeméride de luto que então ocorre: o desastre de Camarate, em que perdeu a vida Francisco Sá Carneiro.

Os motivos apontados por Eanes a Balsemão, na comunicação oficial do veto à data, prendem-se justamente com esta efeméride. Em contrapartida, sabe-se que o Executivo se opõe a que as eleições tenham lugar no dia 12 de Dezembro, a pretexto também de que poucos dias antes ocorreu a vitória eleitoral de Eanes nas presidenciais de 1980.

A próxima reunião do conselho de Ministros é já na segunda-feira, e deve ser aprovada a data de 28 de Novembro. Terça ou quarta, Balsemão deverá ir a Belém para a audiência que ontem não chegou a realizar-se e apresentará a data ao PR, que, certamente, não a recusará.

Entretanto, e enquanto Eanes se mantém em silêncio, correndo embora que deverá falar ao País na segunda quinzena de Setembro, o Governo prepara um diploma sobre os arquivos da PIDE-Legião Portuguesa. Não se conhecem pormenores, mas parece calculável que a resolução visa adiantar-se a qualquer iniciativa dos militares do Conselho da Revolução. Recorda-se que há cerca de dez dias correu a hipótese de o CR vir a decidir entregar todas as fichas a cada cidadão a que dissessem respeito. Na área governamental esta hipótese causou apreensão, e a resolução que se anuncia pode ser uma medida preventiva contra tal eventualidade.

Por outro lado, há notícia de um pedido de demissão do elenco governativo. Trata-se de Cruz Vilaça, secretário de Estado da integração Europeia. O demissionário apresentou razões de ordem pessoal, mas é provável que as razões se prendam com a equipa por ele chefiada a respectivo funcionamento. Balsemão poderá substituir Cruz Vilaça em Outubro, ao mesmo tempo que Margarida Borges de Carvalho.

Pergunta de Cunhal em Évora a Mário Soares e à AD:

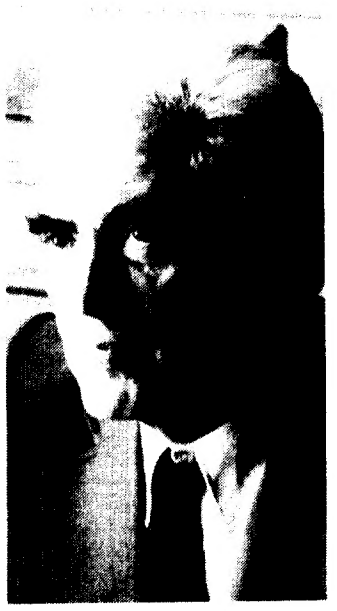
"... E se o ministro da Defesa fosse um comunista?..."

«Existem as condições essenciais, na opinião pública, na vontade do povo, nas instituições, para pôr fim à aventura golpista da AD e para encontrar uma saída democrática» – disse em Évora o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal.

Discursando no comício de Amizade PCP-PAIGC, com a presença do dirigente guineense Vasco Cabral, e perante milhares de pessoas concentradas nos pavilhões do Rossio de São Brás, Cunhal frisou que a demissão do Governo e eleições democráticas causarão a derrota da AD e abrirão caminho a uma alternativa para a democracia portuguesa.

O líder comunista alertou para a continuação da «guerra social e política entre a democracia e a contra-revolução conduzida pela AD» e sublinhou que é necessário «lutar, lutar, lutar».

«Se continuarmos a luta – acentuou Álvaro Cunhal – se reforçarmos a unidade dos trabalhadores e a mobilização de massas, se mantivermos bem viva a confiança no futuro – e isso sucede e sucederá – a AD será derrotada e a democracia vencerá.»



África

A importância da demissão do Governo para «travar o golpe de Estado que a AD pretender realizar através da revisão da Constituição» foi igualmente salientada por Cunhal. E a este propósito, o líder do PCP fez algumas reflexões em forma de pergunta:

«O que pensariam a AD e Mário Soares da revisão da Constituição se se formasse um Governo democrático? O que diriam se houvesse um ministro da Defesa comunista? Então tanto a AD como Mário Soares gritariam que a revisão da Constituição não era válida, que o Governo democrático e muito menos um ministro da Defesa do PCP não deviam ter as competências militares que agora foram transferidas do Conselho da Revolução e do Presidente da República para o Governo».

As relações com África foram tema ainda da intervenção de Cunhal que lembrou as relações antigas e actuais do seu partido com outros partidos africanos e particularmente com o PAIGC, e saudou a luta da FRETILIN e dos povos angolano, moçambicano e zimbabweano, que sofrem as agressões do regime racista sul-africano.

Cunhal denunciou ainda as facilidades que os movimentos antiangolano e antimoçambicano encontram no nosso País, junto dos responsáveis do Governo e outras autoridades.

Vasco Cabral exaltou na sua intervenção a longa e permanente solidariedade do PCP para com os movimentos e organizações que combateram o colonialismo português. Referiu a importância da continuação dessa solidariedade e de relações estreitas entre o PCP e o PAICG no sentido de reforçar a frente de luta pela paz, pelo anti-imperialismo e anticolonialismo.

Vasco Cabral traçou ainda um quadro da situação actual do seu país, salientando o reforço do papel do partido dirigente da sociedade guineense, o PAIGC.

Preparando as autárquicas

Encontros socialistas no Norte

PORTO, 4 – Hoje e amanhã decorrem no Norte, concretamente nos concelhos de Lousada e de Gondomar, encontros e convívios de dirigentes e militantes socialistas, em que as eleições autárquicas de Dezembro próximo constituem o seu pano de fundo. No concelho de Lousada (actualmente de Câmara AD), o encontro decorrerá esta tarde, na sede da Junta de Freguesia de Meinedo, revestindo a forma de reunião de todos os autarcas do concelho, com a presença do representante da Federação Distrital do PS (pelouro das autarquias), Meneses de Figueiredo. Em contacto com aquela federação, o «DL» soube ainda que nesta reunião se tratará de fazer o ponto da situação do concelho e de preparar as listas das respectivas freguesias.

A propósito das negociações que têm decorrido, como o «DL» também já noticiou, entre o PS e o PSD no concelho de Lousada com vista a um entendimento para as eleições que se avizinham, um dirigente da Federação Distrital adiantou-nos que «tais contactos foram até hoje da responsabilidade dos dirigentes locais, pelo que a federação ainda não tomou posição». Todavia, nesta reunião de Lousada o tema desses contactos com o PSD (aos quais os dirigentes distritais sociais-democratas se referem abertamente), «podem vir a ser ventilados» – acrescentou o responsável socialista por nós contactado.

Quanto ao concelho de Gondomar, o encontro de socialistas assenta fundamentalmente num convívio com piquenique, marcado para amanhã, domingo, na foz do rio Sousa, em Valbom, aberto a militantes e simpatizantes.

Mário Soares à IPS:

"PS deverá apresentar candidato próprio às eleições presidenciais de 1985

O PS deverá apresentar o seu próprio candidato nas eleições presidenciais de 1985 – afirmou Mário Soares ao jornalista da IPS Leonardo Cáceres, numa entrevista publicada agora pela revista espanhola «Tiempo», de Madrid. Para o líder do PS, o candidato deste partido deverá ser «um socialista e um civil».

Na entrevista, Soares fala de algumas questões da polémica política actual em Lisboa, designadamente da revisão constitucional, considerando «uma vitória» para a direcção do partido a disciplina de voto, pelos «reflexos positivos» que terá produzido na apreciação que o eleitorado português virá a fazer futuramente.

Para Soares, a revisão constitucional veio criar «uma situação nova» em Portugal, já que acabou o período de transição, e, com isso, desfizeram-se «os equívocos e as ambiguidades que pesavam sobre a sociedade portuguesa».

Segundo o líder socialista, «é uma questão inimaginável» que Eanes não venha a promulgar a nova Constituição. «Eanes não pode negar-se a promulgar o texto».

Salgueiro em Toronto

João Salgueiro, ministro de Estado das Finanças e do Plano, partiu hoje para Toronto, Canadá, onde vai participar na assembleia anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. Salgueiro deverá abordar o cenário económico internacional e a situação da economia portuguesa.

Entretanto, o enviado da agência France Presse a Toronto, afirma que é numa atmosfera sombria, marcada pelo prosseguimento da recessão mundial e a bancarrota do México (o mais importante devedor mundial), que a assembleia se iniciou ontem.

A AFP dá conta especialmente de que os ministros das Finanças dos países em vias de desenvolvimento afirmaram já que «o conjunto do sistema internacional, comercial e financeiro, poderá desmoronar-se», caso não sejam tomadas medidas para «inverter» as tendências «desfavoráveis» actuais.

Num comunicado saído da reunião preparatória da assembleia, o «Grupo dos 24», composto pelos representantes dos países do Terceiro Mundo, considera «imperioso formular um programa mundial de recuperação, destinado a estimular o crescimento não inflacionista tanto nos países industriais como nos países em desenvolvimento.»

João Salgueiro, que para além da sua intervenção, estabelecerá contactos com os presidentes do Banco Interamericano de Desenvolvimento e do Banco Africano de Desenvolvimento, faz-se acompanhar do secretário de Estado do Planeamento, Alberto Regueira, do governador e vice-governador do Banco de Portugal, Jacinto Nunes e Rui Vilar

QL

SOCIEDADE AGRÍCOLA DE VINHOS DE MESA
DA QUINTA DE LOUREIRO, S.A.R.L.

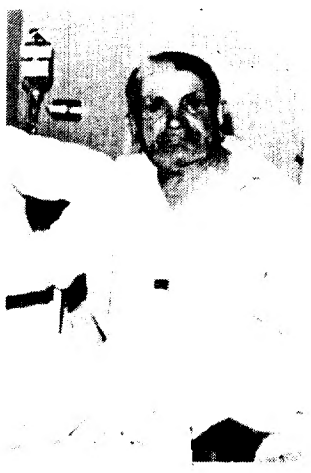
DOURO - PORTUGAL

de ontem para hoje

Torneiras «secam» em Viseu

GRANDE parte da população de Viseu vê-se actualmente obrigada a esperar horas junto de fontanários para encher vasilhas e levar água para casa. Em povoações vizinhas da cidade, como sucede na Freguesia do Campo, formam-se bichas com automóveis carregados de vasilhame para transportar água. O problema da falta de água em Viseu é uma questão que se arrasta há anos, e que, sobretudo no Verão motiva (e justifica) queixumes e azedos comentários dirigidos pela população aos responsáveis municipais nesta matéria. As obras em Fagilde (estrada Viseu-Mangualde) arrastam-se há anos e segundo se diz só em 1983 poderão traduzir-se em melhoria no abastecimento de água à cidade. Esta situação não afecta apenas as casas particulares já que estabelecimentos de diversa natureza, desde a hotelaria aos simples cabeleireiros, sofrem as suas consequências.

Medicina e Terceira Idade



Nas instalações do «Lar do Comércio» em Catassol (Maia), decorrerão entre 25 e 30 de Outubro, as Jornadas Médicas e Sociais para a Terceira Idade, com a participação de especialistas em diversos campos da problemática das pessoas idosas. O programa, divulgado ontem em reunião com a Imprensa, inclui debates e comunicações sobre problemas como a inserção do idoso na comunidade, os cuidados cardiológicos, os riscos cirúrgicos, a sexualidade, a reabilitação e a gerontopsicologia. Na sessão de abertura discursará o prof. Almerindo Lessa.

Um pinto com quatro asas

Numa capoeira da Nazaré, propriedade de Aguinaldo dos Santos, nasceu ontem um pinto com quatro asas e quatro patas. O recém-nascido sucumbiu, no entanto, meia hora depois. Recorde-se que já esta semana noticiáramos um outro fenómeno ocorrido na ilha de S. Miguel, nos Açores, com o nascimento, embora já morta, de uma bezerra de duas cabeças e oito patas. É caso para dizer que estamos em maré de fenómenos, com o Entroncamento a perder na «corrida».

Especulação na Marinha Grande

Martinho da Silva Cunha, proprietário de uma mercearia localizada na Rua da Índia, na Marinha Grande, e a sua mulher, Maria Grilo Martins, foram condenados no tribunal local sob a acusação de terem vendido 7,425 quilos de carne de frango por mais 88 escudos do que o preço legal. Sofreram ambos a pena de trinta dias de prisão e uma multa de dez contos.

Gamba espanhola de contrabando

A Guarda Fiscal apreendeu na zona de Vilar Formoso cem caixas de gambas de origem espanhola avaliadas em 1292 contos. A mercadoria de contrabando era transportada numa furgoneta igualmente retida e à qual foi atribuído o valor de setecentos contos. O auto de participação da ocorrência foi entregue no Tribunal da Comarca de Almeida.

Escavações descobrem arsenal

Durante umas escavações em curso na Rua de Nossa Senhora de Fátima, no Porto, foram ontem encontradas duas granadas (uma ofensiva e outra defensiva), três balas próprias para espingardas «Mauser» e uma vela de gelomonite. O arsenal foi entregue a uma equipa da Brigada de Minas e Armadilhas, desconhecendo-se por enquanto a sua proveniência.

Perdeu a cabeça por ciúmes

O angolano Joaquim António, de 28 anos, agrediu ontem o pedreiro João Jorge, de 27, num quarto do Hotel Universal de Coimbra, alegando que o seu companheiro de quarto se andava a «bater» com a sua namorada. Mas para além da agressão, Joaquim António, já detido, lançou ainda João Jorge – que recolheu ao hospital da Universidade – do terceiro para o segundo andar.

Autocarro arde nos Açores

Um autocarro que circulava anteontem à tarde sem passageiros entre Ribeira Grande e Ponta Delgada, nos Açores, incendiou-se ficando completamente destruído. Um porta-voz da empresa proprietária do veículo afirmou terem resultado em vão os esforços dos bombeiros para dominar o incêndio, cuja origem se presume estar num curto-circuito. O prejuízo foi avaliado em 4500 contos, não estando este tipo de acidentes coberto pelo seguro.

Afogado numa praia da Figueira

Na Figueira da Foz, um jovem, Carlos Alberto Monteiro Coelho, de 22 anos, residente em Mangualde, morreu afogado ao ser arrastado por uma vaga. Os esforços dramáticos do seu irmão para o salvar resultaram infrutíferos.

PJ com o exclusivo no controlo da droga

CICD já está de "malas" aviadas

A desactivação do Centro de Investigação e Controlo de Droga (CICD) acaba de ser decretada em definitivo através de um diploma que transfere para o Ministério da Justiça e, por «tabela», para a Polícia Judiciária, a competência exclusiva na investigação de crimes de tráfico de droga.

Termina assim uma complexa e atribulada luta de interesses, quase sempre travada a nível de bastidores, na qual Meneres Pimentel e Lourenço Martins, director da PJ, puseram todo o seu empenhamento. Dando corpo a um projecto que, na opinião de alguns observadores bem colocados, poderá prejudicar de forma decisiva uma certa evolução verificada no campo da investigação e repressão dos chamados traficantes das drogas duras como também na prevenção e recuperação dos consumidores. Para tanto basta lembrar que pertenceram ao CICD os maiores êxitos alcançados nestes dois campos. Para além do mais o organismo agora extinto, que se encontrava sob a dependência directa da Presidência do Concelho de Ministros, apoiou durante a sua curta existência desde 1977, cursos dados a mais de seis mil funcioncionários das diversas forças de segurança, das Forças Armadas e da Direcção-Geral de Alfândegas. Desde o desmembramento da sua direcção, o CICD tinha como director o inspector Fernando Cruz Passos, oriundo dos quadros da Polícia Judiciária.

A partir de agora a investigação do tráfico da droga passará a ter como «homem forte» Garcia Domingues, ex-professor da Escola da PIDE e ex-membro da Comissão de Censura. Preocupante, sem dúvida!...

M.G.

Cinco por cento de aumento

Carros mais caros com novo imposto

Um novo esquema de impostos sobre a venda de automóveis, que implicará um aumento de cinco por cento nos preços, renderá cerca de três milhões de contos anuais ao Estado, em novas receitas.

O agravamento dos preços resulta de um decreto-lei ontem publicado no «Diário da República» e que deverá vigorar a partir do dia 1 do próximo mês de Outubro.

O reajustamento das taxas do imposto de venda sobre os veículos de automóveis vem abrir perspectivas ainda piores para o sector do comércio do ramo. Um elemento da ACAP, que os representa, já se lamentou de que a situação piora todos os anos desde 1977.

As limitações ao comércio automóvel começaram, naquel ano, pela publicação da Lei da Contingentação que de resto continua a regular a importação de automóveis. Paralelamente, os preços têm sofrido agravamentos consecutivos, em resultado de novos preços e da subida dos impostos.

O novo esquema de impostos agora introduzido prevê quatro escalões, sendo que o primeiro inclui todas as viaturas até às 1400 centímetros cúbicos. Um novo escalão vai até aos 1700, outro até aos 2000, e o último todo o que lhe for superior.

O menor aumento do imposto é no escalão mais baixo, ou seja de 16,6 por cento. Quanto aos restantes aumentos, atingem os 20 por cento. Os reflexos no custo total do automóvel dão o referido aumento de cerca de cinco por cento.

A publicação do diploma aparece como uma antecipação de uma medida que já era esperada no sector do comércio automóvel. Na verdade, o agravamento dos impostos era tida como dado assente mas para vigurar apenas em 1983.

Custa 6 contos/dia alugar um veículo

Alugar um veículo ligeiro com condutor para transportes de carácter turístico custará ao interessado seis mil escudos diários durante dez horas, com duas para o almoço. O serviço inclui 150 quilómetros e determina que duas horas sejam para o almoço – segundo uma portaria publicada no «Diário da República».

A tarifa diária é de seis contos, podendo ser acrescida de 500 escudos (se o serviço se prolongar por mais uma hora, isto é, se entrar na 13.ª hora) e montantes sucessivos (conforme as horas extras), ou de 30 escudos por cada quilómetro a mais. A tarifa horária, também prevista no diploma, é de 900 escudos para um máximo de 15 quilómetros. Os quilómetros a mais custam também 30 escudos cada.

Fósforos sobem

As carteiras de fósforos da Sociedade Nacional de Fósforos, SARL, «Novos» e «Especiais», e as marcas «Argos» e «Super», passam a custar dois escudos cada, nos termos de uma portaria hoje publicada no «Diário da República».

A mesma decisão fixa em 10 escudos o preço das caixas de fósforos da marca «Cravos», que contêm 200 palitos e são fabricadas pela SNF, e em 15 escudos a venda ao público dos fósforos «Lareira» e «S.N.F.», com 40 e 200 palitos, respectivamente, ambas fabricadas pela Sociedade Nacional de Fósforos.

Recorde-se que uma vulgar caixa de quarenta fósforos de há muito que é vendida ao pública a dois escudos por unidade.

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos de instalações desta empresa, no próximo domingo, 5 de Setembro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:
CONCELHO DE ALMADA: Pragal (Olho de Vidro), Monte da Caparica (Fomega, Joinal, Guarda Mor, Monte de Caparica, Serrado, Felisberto, Costas de Cão), Porto Brandão (Porto Brandão, Amoreira), Trafaria, (Trafaria, Sociedade, Bica, Enxurrada, Cabra Assada) das 8 h às 13 h.

Almada, 31 de Agosto de 1982

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
Direcção de Distribuição Sul — ALMCM
José P. R. Nascimento

EDUCADORA DE INFÂNCIA

Precisa-se para Lisboa
Resposta a este jornal ao N.º 4901

Embaixador

FRANCISCO RAMOS DA COSTA

Faleceu

O Partido Socialista tem o desgosto de comunicar aos seus militantes e à população em geral, o falecimento do seu querido camarada Francisco Ramos da Costa, fundador do Partido e grande lutador antifascista. O seu funeral sairá amanhã, pelas 8 horas da sua residência, na Rua C, lote 22-1.º, Bela Vista — Queijas, para o cemitério de Alfarelos — Soure.

em duas palavras

CONGRESSO LUSO-GALAICO EM VILAR DE PERDIZES

● A história das peregrinações que na Idade Média se dirigiam a Santiago de Compostela na Galiza será aprofundada no Congresso Luso-Galaico, a decorrer em Vilar de Perdizes, Montalegre. «Trás-os-Montes nos caminhos de Santiago» é o tema do Congresso, a decorrer até segunda-feira na freguesia raiana de Vilar de Perdizes, onde ainda existe o edifício do «Hospital para agasalho dos romeiros de Santiago, construído em 1555. No congresso, organizado pela Associação Cultural de Vilar de Perdizes, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis e, ainda, de um organismo cultural da cidade galega de Orense, participam historiadores, etnólogos e poetas portugueses e galegos.

30 MILHÕES PARA A COVILHÃ

● A Câmara da Covilhã vai investir 30 milhões de escudos na remodelação e reforço de linhas de energia eléctrica no concelho, revelou uma fonte municipal. As obras, realizadas por administração directa através dos Serviços Municipalizados da Covilhã, destinam-se à melhoria do abastecimento face ao aumento da área urbana e das áreas de investimento industrial.

PORTEL INVESTE NO TURISMO

● A Câmara Municipal de Portel está a negociar com a Empresa Nacional de Turismo (ENATUR) a construção de uma pousada no Convento da Cerca de S. Paulo. A Câmara está a desenvolver outras iniciativas de interesse turístico, encontrando-se em negociações para a aquisição de um terreno na vila para a implantação de um parque de campismo. O município está também a construir um novo edifício do posto Médico de Alqueva, que substituirá as velhas instalações ainda em funcionamento.

ESCOLA DE ARTESANATO PARA DEFICIENTES

● A Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira adquiriu uma propriedade onde instalará uma escola para deficientes vocacionada ao ensaio de artesanato. Na propriedade conhecida por «Quinta das Cerejas», existia um velhor solar onde funcionará a escola e ficará instalada uma exposição permanente de arte popular portuguesa. As obras de adaptação do solar e a construção de uma zona habitacional destinada aos mestres artesãos, a efectuarem-se em três fases, foram orçadas em cerca de cem milhões de escudos.

SERRA DA ESTRELA DIVULGADA PELO FAOJ

● O Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ), editou na Guarda uma publicação para jovens institulada «Serra da Estrela». A publicação destina-se essencialmente aos participantes em actividades campistas na serra da Estrela, promovidas por aquele organismo. Textos de Camões, Miguel Torga, Correia Leitão, Oliveira Martins e Lopes de Oliveira, entre outros autores, integram o opúsculo. A iniciativa, disse Saraiva de Melo, delegado do FAOJ, destina-se a dar a conhecer aos jovens as riquezas geográficas e etnográficas da serra.

Ruas deverão impor alternativa

Frota da Carris em crescimento trará carros mais estreitos

Os percursos da Carris por ruas estreitas de Lisboa imporão muito provavelmente a compra de autocarros especiais que dêm uma maior margem de manobra. A hipótese tem sido objecto de estudos por parte de um grupo de trabalho daquela empresa pública. Uma das preocupações que preside a todas as alternativas em jogo é a de não se perder capacidade de transporte.

O estudo da compra destes veículos prossegue a par da remodelação e ampliação da frota da Carris. Os números que tinham sido previstos para o ano corrente estão, porém, por cumprir, em consequência de atrasos de entraga de novas unidades.

As previsões para 1982 indicavam que a Carris deveria dispor de um total de 804 autocarros, dos quais 487 seriam novos, mais um articulado. O atraso nas entregas regista-se relativamente a 282 novas unidades das marcas «Magyrus», «M.A.N.» e «Volvo». A empresa está a recebê-los à média de 15 por mês.

O número de autocarros antigos deverá descer paralelamente: em 1982 deverão restar 316 e no próximo ano 266. O processo de substituição implicará que em 1986 restem 61 veículos do tipo antigo.

O número de articulados, de que actualmente há um único exemplar, registará uma tendência para crescer rapidamente: 36 em 1984 e 101 dois anos depois.

Os autocarros tipo «standard» deverão ter uma evolução idêntica: 678 no próximo ano, 797 em 1984, e 921 no limite de 1986.

Governo desconcentra administração pública

Os Ministérios e Secretarias de Estado com possibilidades de prosseguirem actividades desconcentradas deverão ter concluídos os seus programas até 30 de Outubro próximo, segundo uma resolução hoje publicada no «Diário da República».

A conclusão por parte desses departamentos dos programas de desconcentração que lhes compete deverá ser apresentada em Novembro à Comissão de Desconcentração, entretanto criada pelo Governo, que por seu turno dará conta ao Governo do elenco das medidas de reordenamento geral da Administração Pública, necessárias para definir as novas funções dos órgão centrais e dos órgãos periféricos em moldes desconcentrados. Nesse sentido aponta, aliás, a reestruturação do Ministério

A resolução hoje publicada na folha oficial diz ainda que os projectos de diplomas orgânicos que contenham disposições sobre desconcentração devem indicar expressamente em relação a cada caso concreto normas definidoras de competência desconcentrada, de estabelecimento das relações funcionais, que definam a competência de cada entidade e de órgão ou serviço que represente o Ministério a nível central.

As medidas de desconcentração a tomar deverão obedecer a funções normativas, de coordenação, controlo e executivas.

Agora é que isto vai aquecer!

É A CACETADA FINAL NOS PREÇOS.

$aldos DE VERÃO dos Armazéns do Chiado

PUBLIARTE

OFERTA
CAMISEIROS PARA SENHORA
de grande nivel a 95.00

CAMISAS DE GRANDE LUXO PARA HOMEM
a 295.00

SAPATOS PARA HOMEM
eram a 2400.00
AGORA 780.00

PIJAMAS PARA HOMEM
malha de seda
a 295.00

ALCATIFAS
Alto Relevo com forro de borracha, m² 195.00

VELUDO
parece impossível mas não é. A 298.00

BLUSÕES UNISEX
Ultima Moda
a 395.00

CANDEEIROS LUSTRES
desconto de 60%

VENHA VER PARA CRER!

C Chiado Armazéns do Chiado

NO APROVEITAR É QUE ESTÁ O GANHO!

Obra da Mafia ou do "Partido da Guerrilha"?

Dirigente da luta antiterrorista assassinado ontem em Palermo

Desconhecidos mataram a tiro, ontem à noite, em Palermo o principal responsável pela luta contra a Mafia e o terrorismo em Itália, general Dalla Chiesa, a mulher e um polícia que os escoltava.

Os atacantes dispararam metralhadoras Kalashnikov a partir de uma grande moto e de dois automóveis que ladearam o carro em que seguia Dalla Chiesa e a mulher, no centro de Palermo.

A mulher do general, Emanuela, 32 anos, ia a conduzir o automóvel e foi a primeira a ser alvejada. Dalla Chiesa, 62 anos, foi a seguir atingido por tiros de um outro lado da cabeça – disse a Polícia.

Um polícia que seguia imediatamente atrás foi também mortalmente atingido.

Investigadores da Polícia escusaram-se a dizer se o atentado foi perpetrado pela Mafia ou pelo grupo «Partido da Guerrilha» que reivindicou a sua autoria em telefonema anónimo para um jornal de Messina.

Mas os residentes de Palermo que se aglomeraram no local do atentado não mostraram dúvidas spbre os seus autores – a Mafia.

Em delcaração divulgada imediatamente após o ataque, o primeiro-ministro Giovanni Spadolini classisicou-o de «atroz» e afirmou que o Estado italiano enfrentará «a excepcional ameaça com uma resposta adequada».

«O general Dalla Chiesa foi enviado para Palermo... a fim de responder ao desafio mortal lançado pela Mafia contra o Estado democrático, que durante algum tempo se transformou numa guerra aberta» – afirma na declaração.

«O Governo sabe bem da gravidade da ameaça que pesa sobre toda a Sicília. Aceitamos o desafio e demonstraremos que a democracia é mais forte que qualquer organização criminosa» – conclui.

Por sua vez, o presidente Sandro Pertini – que interrompeu as férias regressando a Roma – declarou que o desafio lançado ao Estado pela Mafia e pelo terrorismo atingiu um nível «não tolerável», acrescentando que o «sacrifício» do general Carlos Alberto Dalla Chiesa, assassinado ontem à noite, juntamente com a sua mulher e com um agente da Polícia, deverá reforçar ainda mais a determinação de neutralizar «os bandos de assassinos que estão a ensanguentar o país».

Segundo as agências, este crime representou para o povo italiano um choque tão traumatizante como o da morte de Aldo Moro.

As investigações estão a ser pessoalmente dirigidas pelo ministro do Interior e pelo chefe dos carabineiros.

Policias retiram o corpo do general Dalla Chiesa, vitimado por um atentado cometido ontem em Palermo (Telefoto UPI/ANRP/«DL»)

Polónia: 54 localidades e 34 províncias agitadas

Dirigentes do KOR foram presos e poderão ser condenados à morte

Os líderes polacos ordenaram ontem o julgamento de dissidentes que trabalharam com a central sindical «Solidariedade», acusando-os de actividades antiestatais.

As autoridades inciaram este novo processo contra a oposição política, após uma semana de violentos recontros de rua ocorridos em quase todo o país, na sequência de manifestações convocadas por dirigentes do «Solidariedade».

A decisão de prender formalmente quatro líderes do movimento dissidente KOR, mantidos até hoje em campos de internamento, e a ordem de prender outros não detidos resultou de «um juízo político da situação presente» – disse Jerzy Urban, porta-voz governamental.

Serão acusados de tentar derrubar o Estado pela força e poderão ser condenados à morte. O KOR é um movimento de intelectuais criado em 1976 para proteger os direitos civis e dissolvido no ano passado.

Muitos dos seus dirigentes contribuíram para a formação e desenvolvimento do «Solidariedade» e as autoridades afirmam que eles tomaram conta de um movimento puramente operário e aproveitaram-no para os seus fins.

Os dissidentes agora presos são Jacek Kuron (autor de um artigo publicado por «Le Monde» e no qual explicava a táctica a seguir para fazer derrubar o regime socialista polaco), Adam Michnik, Jan Litynski e Henryk Wujec.

Jacek Kuron e Michnik fizeram, dois anos antes dos acontecimentos da Polónia, declarações sobre a táctica a seguir para o derrube do regime socialista do seu país. Essas declarações foram tornadas públicas pela revista «Problems of Communism», impressa em oficinas estatais dos EUA e distribuída pelas embaixadas deste país.

Os dissidentes detidos formalmente pelas autoridades polacas são os mais proeminentes líderes do movimento KOR, a maioria dos quais teve um importante papel como conselheiros da «Solidariedade». Estão todos internados na prisão Bialoleka de Varsóvia.

Foram detidos «sob a acusação de terem preparado um violento derrube do sistem sociopolítico polaco» – anunciou o Procurador-Geral Militar, através de um comunicado lido em conferência de Imprensa pelo porta-voz governamental Jerzy Urban.

As autoridades de Varsóvia revelaram simultaneamente a existência de quatro mortos, em consequência dos confrontos verificados terça-feira em todos o país, entre manifestantes e a Polícia.

Jerzy Urban indicou que a maior parte dos distúrbios ocorreu em 54 localidades e em 34 das 49 províncias da Polónia a iniciativa contra o KOR foi acompanhada pela rejeição de novas tentativas de abertura de um diálogo com os dirigentes do «Solidariedade», incluindo Lech Walesa, que se encontram quase todos internados.

Urban disse que os dirigentes sindicais se revelaram incapazes de dialogar e observou que o governo se dirigiria agora directamente ao povo sem recorrer ao «Solidariedade» como intermediário.

Urban anunciou uma quarta morte directamente relacionada com os confrontos de rua, que se registaram em 34 das 49 províncias polacas.

Informou que um homem foi abatido a tiro em Wroclaw por forças de segurança, aumentando a lista dos dois mortos de Lubin, quando a polícia abriu fogo sobre a multidão, e do homem encontrado morto em Gdansk com graves ferimentos internos.

Angola

Ameaças à integridade territorial

A questão da independência da Namíbia e a invasão e consequente ocupação de uma parte do território angolano estão directamente relacionadas com a instabilidade provocada pelo regime de Pretória na região da África Austral. As autoridades sul-africanas não desejam o aparecimento de governos independentes nas suas fronteiras, pois temem que o isolamento político e diplomático afecta sobrevivência do sistema de «apartheid».

Ontem mesmo o primeiro-ministro sul-africano afirmou que o seu país não podia «tolerar» o aparecimento de regimes progressistas na África Austral, numa clara alusão ao futuro da Namíbia. Na lógica de Pieter Botha, movimentos nacionalistas como a SWAPO seriam animados pelos ideais «progressistas». Por aqui se pode observar qual o espírito das autoridades de Pretória sobre a independência do território vizinho.

As manobras dilatórias da África do Sul a propósito desta questão, internacionalmente reconhecida pela ONU como sendo um problema de descolonização, não têm fim. Foi devido a elas que não chegou a haver acordo com a SAWPO sobre o cessar-fogo no anunciado dia 15 de Agosto último, mantendo-se o actual impasse nas negociações de Nova Iorque que deveriam desencadear, sob os auspícios das Nações Unidas, o processo de transição para a independência namibiana com base no regulamento fixado pela resolução 435 do Conselho de Segurança.

Agora, as autoridades sul-africanas encorajam os partidos fantoches namibianos, sem implantação popular, como a DTA de Dirk Mudge, a lograr um acordo com vista a uma solução interna do tipo rodesiano, com o pretexto de que «as populações namibianas estão impacientes com o atraso das negociações sobre o futuro do território». Simultaneamente insinuam que Angola e a SAWPO são responsáveis por essa situação, alegando por um lado que não haverá acordo de cessar-fogo enquanto permanecerem as tropas cubanas em território angolano e, por outro lado, que o movimento de libertação namibiano é uma «organização terrorista».

Enquanto decorriam essas manobras, tropas regulares do Exército sul-africano prosseguiam uma profunda incursão no Sul de Angola, com duas brigadas totalizando cinco mil e 500 homens, tendo atingido inclusivamente a província da Huíla. Segundo Pretória, as suas tropas teriam atravessado a fronteira norte da Namíbia em «perseguição» dos guerrilheiros da SAWPO. Neste momento, segundo informações prestadas pelo Ministério angolano da Defesa, cerca de 30 mil soldados sul-africanos estão concentrados perto da fronteira manibiana, «prontos a invadir Angola» a qualquer instante, enquanto uma parte da província do Cunene continua ocupada militarmente há mais de um ano.

O Bureau Político do MPLA-Partido do Trabalho, em declaração emitida ontem, responsabilizou a África do Sul pelo «estado de guerra» que se verifica actualmente nesta zona e rejeitou a ligação entre a retirada das tropas cubanas e a independência da Namíbia. «As forças internacionalistas cubanas em Angola não constituem qualquer perigo para nenhum Estado vizinho», lê-se na declaração que sublinha igualmente que eles «foram enviadas para o nosso país para, em conjunto com as FAPLA, fazerem face às invasões de grande envergadura e outras que foram perpetradas contra o nosso território».

Estrategos do Ministério angolano da Defesa consideram que o regime de Pretória pode desencadear, dentro de dias, novas agressões com vista a consolidarem a «zona tampão» que as suas tropas virtualmente implantaram no Sul de Angola, junto à fronteira namibiana.

É por esta razão, que as autoridades angolanas não compartilham do optimismo reinante nas chancelarias dos cinco países do «grupo de contacto» ocidental, a propósito de um eventual acordo entre as partes interessadas sobre o futuro da Namíbia.

...uando chegarem ao Poder

Trabalhistas britânicos retirarão "euromísseis"

Se o Partido Trabalhista chegar ao poder retirará os mísseis norte-americanos «Cruise» do solo britânico e abandonará o projecto dos mísseis nucleares Trident», declarou ontem o líder trabalhista Michael Foot. Discursando perante um grupo de manifestantes a favor do desarmamento nuclear, em Bristol, o líder trabalhista afirmou que a política de Defesa da Grã-Bretanha, se os trabalhistas alcançarem o poder nas próximas eleições gerais, será estabelecida sobre princípio não nucleares.

Contra as armas nucleares

Noventa e sete prémios Nobel assinaram uma declaraçao a favor de um tratado mundial em que sejam banidas as armas nucleares.

O documento foi assinado na Trigésima Segunda Conferência de Cientistas Internacionais, realizada em Varsóvia, de 26 a 31 de Agosto, disse sexta-feira em Genebra o secretário da Conferência.

Os cientistas apelaram também a todos os governos no sentido de contribuírem para o afastamento do risco que representa para a civilização uma guerra atómica e o emprego de armas nucleares.

Assistiram à conferência de Varsóvia 160 cientistas de 37 países, que exortam os seus colegas de todo o mundo a participar directamente em acções contra a guerra nuclear.

Católicos alemães pelo pacifismo

O presidente da Conferência Episcopal da RFA, cardeal Joseph Hoeffner, aderiu publicamente ao pacifismo ontem à noite em Dusseldórfia, aquando do 87.° Congresso Nacional dos Católicos Alemães Ocidentais.

Durante um «Espectáculo pelo Pacifismo», organizado no estádio desportivo de Dusseldorfia, o cardeal Hoeffner declarou na presença de 40 000 fiéis: «Exortamos os governos a provarem a sua vontade de paz mediante um desarmamento multilateral equilibrado e simultâneo».

O cardeal pôs igualmente em evidência «o dever da Igreja de empenhar a sua autoridade moral para assegurar a paz no mundo».

Pela sua parte, o chanceler federal Helmut Schmidt, convidado de honra do «Serão-Pacifismo», afirmou que «um Governo não tem o direito de dizer que renuncia a defender-se quando se trata da vida e da liberdade de um povo inteiro».

Arafat chegou a Tunis

Plano Reagan suscita polémica EUA-Israel

Yasser Arafat, presidente do Comité Executivo da OLP, chegou ontem às 17 e 45 locais (17 e 45 horas de Lisboa), ao aeroporto de Tunis-Cartago, vindo de Atenas.

«Sei que o combate será longo. Deslocamo-nos de uma posição de combate para nova posição de combate à sombra do irmão combatente, o presidente Habib Burguiba. Destas novas posições, prosseguiremos juntos a luta até à vitória, em direcção da Palestina e de Jerusalém» – declarou o «líder» da OLP à chegada.

Falando à Imprensa na sala de honra do aeroporto, Arafat, citou um versículo do Corão: «Deus prometeu o paraíso àqueles seus filhos merecedores que combateram e se sacrificaram pela sua causa.»

Seguidamente, o chefe da OLP e o presidente Burguiba dirigiram-se para o palácio de Cartago, onde tiveram um primeiro encontro de trabalho.

Enquanto isto, a bordo do navio-hospital «Flora», fretado pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha, partiu de Beirute para Atenas, ontem à tarde, o último grupo de combatentes palestinos feridos, em número de 71 homens.

Com esta nova partida, eleva-se a 10 947 o número de combatentes palestinos evacuados de Beirute desde 21 de Agosto, segundo dados fornecidos por fontes libanesas, palestinas e diplomáticas.

Arafat e Burguiba respondem as aclamações da multidão, depois da chegada do líder da OLP a Tunis (Telefoto UPI/ANOIP/«DL»)

Confronto EUA-Israel

O Governo israelita, depois de ter manifestado alto e bom som o seu azedume, prepara-se para um longo confronto com o seu principal aliado, os Estados Unidos, sobre a questão palestina após ter rejeitado as propostas do presidente Reagan para o Médio Oriente.

Após rejeitar essas propostas, o porta-voz do primeiro-ministro Maneham Begin, declarou ontem, que Telavive não está disposta a encetar negociações sobre as novas propostas americanas.»

Por seu turno, o embaixador de Israel nos Estados Unidos, Moche Arens, declarou ontem ao «Maariv» ser de esperar «um duro confronto entre Israel e os Estados Unidos se estes tentarem tornar operacional a sua nova política.»

Caspar Weiberger, secretário da Defesa, sublinhou, por seu turno, no termo da sua entrevista com o ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Ytzahak Shamir, que «o presidente Reagan não renunciaria ao seu plano, ao qual dedicou muita reflexão.»

Contudo nota-se a preocupação dos meios próximos do Ministério dos Negócios Estrangeiros israelita de «amortecer» a dureza da primeira reacção israelita às propostas de Reagan.

Dá-se a entender que Telavive ainda não perdeu a esperança de convencer Washington a modificar a sua atitude. A propósito das conversações de Weiberger em Israel, insiste-se entre os meios oficiais sobre a identidade de pontos de vista entre Telavive e Washington a propósito da questão libanesa e, nomeadamente, sobre a saída das forças estrangeiras do Líbano.

Em contrapartida, o chefe da oposição trabalhista israelita, Shimon Peres, classificou o plano de paz do presidente Reagan de iniciativa de «envergadura para o futuro do Médio Oriente» anunciando ao mesmo tempo que o seu partido decidiu considerar tal plano «como uma base para a solução do problema do Médio Oriente.»

Resistir

A esquerda libanesa «resistirá» à ocupação israelita por todos os meios, nomeadamente mediante a luta armada», declarou o secretário-geral da «Organização de Acção Comunista no Líbano», Mohsen Ibrahim.

Falando em conferência de Imprensa dada por membros do «Comité Nacional Egípcio de Apoio aos Povos Libanês e Palestino», actualmente de visita a Beirute, Ibrahim, acrescentou ser dever do seu grupo erguer-se em armas face à ocupação israelita, pelo que «nenhuma força no mundo conseguirá tirar-nos a espingar das mãos».

A «Organização da Acção Comunista no Líbano» é membro do Movimento Nacional Libanês e distinta do PC Libanês.

Retirada

As forças israelitas que avançaram ontem nos arredores Sul de Beirute para além das linhas de cessar-fogo do passado dia 12 de Agosto, começaram a retirar, anunciou a rádio oficial libanesa.

A retirada israelita começou durante a noite passada na sequência de contactos havidos entre o governo libanês e o embaixador dos Estados Unidos no Líbano, Robert Dillon, acrescentou a emissora. A retirada israelita para as suas posições iniciais deverá terminar durante o dia de hoje, anuncia-se ainda.

Entretanto a rádio oficial libanesa anunciou que o gabinete do presidente eleito libanês, Bechir Gemayel, «desmentiu formalmente», ontem as informações da rádio israelita de que teria havido na quarta-feira um encontro secreto entre o primeiro-ministro de Israel e Bechir Gemayel.

Enquanto isto, foi morto a tiro, ontem de manhã, num subúrbio do sul de Beirute, um tenente-coronel francês da Força Provisória das Nações Unidas no Líbano (FINUL).

O movimento xiita Amal anunciou, pelo seu lado, que causaram doze mortos e muitos feridos os recontros ocorridos quinta-feira à noite e ontem de manhã entre milicianos seus e de um movimento curdo.

Por outro lado, morreram duas pessoas e ficaram feridas diversas outras na explosão de um foguete em frente da sede do movimento «Saut El Chaguile» (pró-líbio), em Beirute Ocidental.

Finalmente, os Estados Unidos irão conceder uma ajuda de 30 milhões de dólares suplementares para a reconstrução do Líbano, elevando-se o total da ajuda americana a 95 milhões de dólares.

Balanço

Quarenta e oito mil pessoas foram mortas ou feridas durante a invasão israelita do Líbano, dos quais 25 mil palestianos e 15 mil civis libaneses, anunciou ontem a agência palestiniana de informação WAFA recebida em Nicosia.

Segundo a agência, as forças militares palestinas tiveram 1500 feridos e 500 mortos. O total de perdas palestinas militares e civis representa perto de 7,5 por cento da população palestina residente no Líbano, que é de 400 mil.

24 horas

TEMPORAL EM CABO VERDE – Operações de socorro prosseguiram ontem nas ilhas cabo-verdianas da Brava e do Fogo, assoladas no passado fim-de-semana por um temporal que deixou um saldo de um morto, um desaparecido e dezenas de feridos. Centenas de pessoas ficaram desalojadas em consequência do temporal, que danificou habitações e fez encalhar dois navios. O Governo enviou imediatamente para a regiões sinistradas equipas médicas, especialmente, militares de comunicações, víveres e tendas de campanha, tendo-se deslocado às duas ilhas o ministro dos Transportes, Herculano Vieira, e o dirigente do PAICV, Luís Fonseca. Uma das vítimas, considerada desaparecida pelas autoridades, é um cidadão suíço, que se encontrava a bordo de um iate de recreio ao largo da ilha do Fogo. A situação na zona sinistrada é considerada sob controlo, mas os prejuízos materiais causados pelo temporal foram calculados em centenas de milhões de escudos

DEVOLUÇÃO DE BENS – O Parlamento do Uganda aprovou uma lei que devolve todos os bens confiscados pelo deposto ditador Idi Amin – anunciou ontem o jornal «The Ugand Times». A lei refere-se a toda a propriedade expropriada pelo Governo de Amin entre 1972 e 1979, propriedade que na sua maior parte, pertencia a mais de 80 mil asiáticos expulsos do país no primeiro daqueles anos. A votação no Parlamento foi de 44 a 21 e os votos contra partiram do Partido Democrático na oposição ao presidente Milton Obote

AGITAÇÃO NAS PRISÕES – Após 11 meses de acalmia, a agitação recomeçou nas prisões espanholas onde mais de 2 mil detidos observaram, ontem, uma greve da fome para reclamar de novo a aprovação da reforma do código penal. Segundo fontes penitenciárias, citadas na passada quinta-feira à noite, pela agência espanhola Europa, Press, o movimento poderia estender-se nos próximos dias à maioria das prisões do país. Todavia, desta vez, a greve da fome verifica-se pouco depois dos detidos terem denunciado a existência no seio do estabelecimento de uma rede de extrema-direita, sublinham os observadores.

TURBINAS PARA O GASODUTO – Trabalhadores portuários italianos revelaram ontem que duas turbinas destinadas à URSS deverão ser embarcadas hoje num navio soviético, violando o embargo dos Estados Unidos à venda à União Soviética de equipamento produzido sob licença norte-americana. O navio soviético, o «Dubrovnik», que se encontra ao largo do porto de Livorno, desde 27 de Agosto, a aguardar a embarcação das turbinas e suas plataformas, entrou ontem no porto – informaram as autoridades marítimas. A acção italiana tornará a Itália no terceiro país europeu a desafiar a decisão do presidente Reagan. Quer a França, quer a Grã-Bretanha violaram já a proibição imposta após a declaração de lei marcial na Polónia em Dezembro último.

ROMA – O ex-rei Humberto de Itália, exilado em Portugal e actualmente hospitalizado numa clínica em Londres, poderá ser autorizado a regressar ao seu país. A comissão parlamentar para as questões constitucionais anunciou que vai debater propostas de alteração à constituição que, a serem aprovadas, permitiriam o regresso a Itália do antigo monarca. O debate deverá realizar-se em Outubro. Mesmo que a comissão se pronuncie favoravelmente às alterações estas só serão aprovadas pelo Parlamento, no mínimo, dentro de seis meses. Com 78 anos, o ex-rei Humberto encontra-se hospitalizado em Londres e afirmou na semana passada que gostaria ainda de voltar a ver o seu país. A visita que lhe fez o embaixador de Itália em Londres veio dar mais crédito às notícias de que estavam a ser feitas tentativas a nível oficial para pôr fim ao seu exílio

NAUFRÁGIO – O cargueiro norueguês «Hesperus-Rocher» salvou os 14 tripulantes do pesqueiro espanhol «Duran IV» que ontem de manhã se afundou após colisão no Atlântico este, entre a Madeira e a costa meridional espanhola. O pesqueiro chocou no meio de espessa neblina, com um objecto metálico não identificado, possivelmente um submarino. A tripulação lançou um SOS pela rádio e depois abandonou o pesqueiro em botes salva-vidas.

Cimeira da Linha da Frente

Independência da Namíbia tema principal das conversações

Os chefes do Estado dos seis países da Linha da Frente (Angola, Botswana, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe) reúnem-se hoje em Lusaca para retomar as difíceis negociações sobre a independência da Namíbia.

O presidente Ronald Reagan escreveu recentemente uma carta aos líderes dos países da Linha da Frente, que deve ter sido uma das razões da convocação da cimeira que hoje se reúne em Lusaca, indicam fontes diplomáticas contactadas pela ANOP.

Os líderes dos seis países, a que se juntam os principais dirigentes da SWAPO e do ANC da África do Sul, reúnem-se com uma agenda em que avulta a questão da Namíbia

A iniciativa do presidente norte-americano, até agora desconhecida, foi revelada à ANOP pelas mesmas fontes, que também se referiram ao bom acolhimento que a carta terá suscitado entre os seus destinatários.

Na sua carta, não conhecida em toda a sua extensão pelas fontes, Reagan prometia pelo menos usar a influência do seu país com vista a levar a África do Sul a acelerar o processo da independência da Namíbia.

Ao mesmo tempo solicitava aos líderes da Linha da Frente que tentassem convencer a SWAPO a usar de maior flexibilidade na discussão e aplicação das últimas propostas do Grupo de Contacto Ocidental face à independência da Namíbia.

As mesmas fontes indicaram que foi essencialmente para discutir a iniciativa de Reagan que os presidentes Samora Machel e José Eduardo dos Santos tiveram um encontro-relâmpago em Maputo no dia 23 de Agosto.

A utilidade da convocação da Cimeira da Linha da Frente terá sido reconhecida pelos dois presidentes, para os quais parece clara a noção de que apenas os Estados Unidos estão em condições de exercer pressões sobre a África do Sul.

A carta de Reagan chegou às mãos dos seus destinatários pelas vias diplomáticas normais.

Tejero prepara candidatura

O tenente-coronel António Tejero, protagonista do golpe de Estado falhado de 23 de Fevereiro passado, pediu para deixar o Exército e tornar-se simples civil, a fim de pode disputar um lugar de deputado nas eleições legislativas antecipadas de 28 de Outubro próximo.

Falta agora nos termcs de um decreto-lei sobre as condições nas quais os militares podem dedicar-se a actividades eleitorais, o acordo do Ministério da Defesa, que já acusou a recepção do seu pedido.

Os observadores duvidam que o ministro lhe dê luz verde mas lembra que a proposta de uma candidatura a deputado apresentada por pessoas presas tem precedentes em Espanha. Vários activistas bascos da ETA puderam candidatar-se nas últimas eleições e um deles, Inaki Pikabea, foi eleito para o Parlamento basco.

Tejero foi eleito, por unanimidade, presidente do Partido de extrema-direita «Solidariedade Espanhol» (SE) no congresso constitutico da nova formação, celebrado ontem.

Segundo esta formação, o tenente-coronel Tejero será o único «golpista» de 23 de Fevereiro a ser candidato às eleições.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Chefes militares apoiam o regime de Xiaoping

Vários altos responsáveis militares manifestaram o seu «apoio total» ao regime dominado pelo vice-presidente do Partido Comunista Chinês (PCC) Deng Xiaoping, o homem forte da China, por ocasião do 12.º Congresso do PCC que está a decorrer em Pequim.

A agência «Nova China» relatou ontem que entre esses responsáveis contam-se o chefe do Estado-Maior do Exército, Yang Dezi, o ministro da Defesa, Geng Biao, e o comandante da região militar de Shenyang (nordeste) general Li Desheng, um homem que passa por ser um dos representantes mais marcados da tradição maoísta dentro do Exército.

A adesão dos principais chefes militares chineses à orientação da equipa dirigente de Deng tem um peso especial no momento em que notam os observadores, a China se prepara para acabar institucionalmente com papel proeminente que Mao Tse Tung atribuiu ao Exército popular de Libertação, numericamente o mais poderoso do mundo com 4 milhões de homens.

Segundo informações recentemente fornecidas por uma alta personalidade chinesa, é provável que a comissão militar do PCC, até agora órgão supremo das Forças Armadas, irá desaparecer nos novos estatutos a aprovar pelo Congresso.

A direcção suprema do exército não deverá contudo, mudar de mãos, já que Deng, actual presidente da Comissão Militar do Partido, irá provavelmente, tornar-se presidente do Conselho Militar Central a criar pela próxima constituição do Estado chinês.

O abandono progressivo do papel político especial dado por Mao ao Exército já suscitou um certo mal-estar nas fileiras que, aliás não tem falta de temas de descontentamento quer se trate da redução das verbas militares ou das reformas introduzidas nos últimos anos.

Trabalhadores do Baía dispostos a continuar a luta

A grande maioria dos trabalhadores do Hotel Baía, de Cascais, concentraram-se ontem em frente à Presidência do Conselho de Ministros, em Lisboa, numa tentativa de expor directamente a Pinto Balsemão as suas apreensões relativamente ao conflito que desde o princípio do ano os opõe ao secretário de Estado do Turismo, Nandim de Carvalho.

Apesar de o Primeiro-Ministro e do vice-Primeiro-Ministro não se encontrarem na altura no edifício, os trabalhadores não deixaram de gritar palavras de ordem como «doutor Balsemão, vandalismo não», «doutor Balsemão, decisão está na sua mão» e «queremos trabalhar todos».

Os trabalhadores, que se encontram em greve há um mês e que já estabeleceram contactos com outros órgãos de soberania, relativamente à situação em que vivem naquela unidade hoteleira, acusam o secretário de Estado do Turismo, responsável directo pelo conflito de recusar sistematicamente a apresentação de respostas ao projecto de resolução do diferendo, apresentado pelos seus representantes.

Na sequência do abandono da unidade pelo antigo patrão, em 1975, os trabalhadores iniciaram um processo de autogestão do hotel que, segundo afirmam, levou à recuperação económica do Baía. Mas em Janeiro deste ano, Nandim de Carvalho nomeou ilegalmente uma comissão de gestão interina que, asseveram os trabalhadores, é composta por familiares e amigos do antigo patrão, que agora se encontram à frente dos destinos do Baía.

A esta medida têm-se oposto os trabalhadores, o que originou a invasão do hotel há pouco mais de um mês, por 23 «gorilas» contratados que ali instalaram um clima de tensão permanente, tendo chegado ao ponto de espancarem dois dirigentes sindicais.

Os trabalhadores, que a meio da manhã voltaram a reunir-se em plenário, para analisar a situação, no decurso desta luta têm vivido apenas da solidariedade de outros trabalhadores, traduzida em géneros alimentares e dinheiro. Ainda ontem, a comissão de trabalhadores do hotel Estoril-Sol entregou aos trabalhadores em luta 170 contos e os trabalhadores da Tabaqueira, 25 contos.

Em face do silêncio das entidades responsáveis, os trabalhadores, certos da razão que os assiste, estão dispostos a continuar a sua luta pela reposição da legalidade no Hotel Baía e pela garantia dos postos de trabalho.

USP anuncia intensificação das lutas dos trabalhadores

PORTO, 4 (Da nossa delegação) – «Não tendo ainda condições para reintroduzir a censura e devolver todo o poder aos monopólios, a AD, através do seu Governo e dos seus «homens de mão» na Comunicação Social, tem imposto um controlo e uma manipulação verdadeiramente vergonhosos, para tentar esconder aos portugueses as consequências claramente desastrosas da sua política fascizante de miséria e repressão, contrária aos interesses dos trabalhadores, do povo e do País, em favor de meia dúzia de capitalistas exploradores» foi afirmado durante uma conferência de Imprensa promovida pela União dos Sindicatos do Porto (USP) que visou a análise e informação sobre a luta dos trabalhadores no distrito do Porto. Foi reafirmado «o seu prosseguimento e intensificação contra uma actuação patronal e política governamental que se interligam e completam num ataque sistemático os mais legítimos direitos, interesses e liberdades dos trabalhadores».

Nessa análise o Secretariado da USP pôs em evidência a situação geral de crise que se vive no nosso País e nomeadamente no distrito do Porto «da responsabilidade do Governo AD, que conduz o País à ruína» (tentativa de liquidar o sector público e de reconstituir os monopólios). Referindo os acontecimentos sangrentos ocorridos no Porto no dia 30 de Abril passado, os dirigentes da USP afirmaram: «O que se está a passar com o inquérito e com as notas oficiosas do ministro Ângelo Correia é indigno de um regime democrático e justifica a exigência cada vez mais urgente da demissão do Governo».

Pessoal das pirites alentejanas contesta substituição do CA

A nomeação de um novo conselho de gerência para a empresa de desenvolvimento mineiro do Altenjo, EP (EDMA) obteve um parecer negativo por parte dos trabalhadores, segundo revelaram elementos da comissão de trabalhadores.

A EDMA representa 93 por cento das minas de Aljustrel e 51 das de Neves Corvo (com participação francesa), sociedades provadas mas com a participação francesa), sociedades privadas mas com participação do Estado.

Um dos principais objectivos da empresa são as pirites do Alentejo, para cuja exploração serão investidos cerca de 20 milhões de contos em Neves Corvo, até final de 1985.

Os novos gerentes nomeados pelo secretário de Estado da Indústria, Edgard Wahonm, Sousa Byrne e Henriques Pires, receberam parecer negativo da comissão de trabalhadores, «não pelas suas personalidades, mas por se tratar de uma substituição do actual conselho de gerência, cujo mandato será prematuramente rescindido a poucos meses do seu término normal, sem que para tão drástica medida sejam invocadas quaisquer razões que a fundamentem».

Os trabalhadores receiam sobre o futuro das empresas participadas pela EDMA e possíveis alterações nos seus conselho de administração.

O parecer da Comissão de Trabalhadores, com carácter apenas consultivo e não vinculativo, foi entregue na Secretaria de Estado da Indústria.

Hotelaria do Algarve

Patronato vai apresentar novas propostas de aumentos

A Associação dos Industriais Hoteleiros do Algarve decidiu ontem, em assembleia geral, denunciar o actual contrato colectivo de trabalho (CCT) no que refere às tabelas salariais em vigor.

O Sindicato da Hotelaria do Algarve tem vindo a pressionar aquela associação para negociar um novo CCT abrangendo o período de 1 de Outubro de 1982 a 30 de Setembro de 1983.

O sindicato convocou recentemente duas greves, num total de cinco dias e já havia convocado outra para os dias 18, 19 e 20 deste mês.

A associação decidiu na mesma reunião, elaborar as novas propostas da tabela salarial o mais rapidamente possível, com vista às negociações com o sindicato.

No mesmo encontro dos hoteleiros foi aceite o pedido de demissão do presidente da Associação, Reinaldo de Almeida, tendo sido indicado o suplente, Carlos Fernando do Ó, para o substituir.

CURSOS DE LÍNGUA RUSSA

— **CURSO DE INICIAÇÃO de 6 a 30 de Setembro**

— **CURSO INTENSIVO (conversação) de 6 a 30 de Setembro**

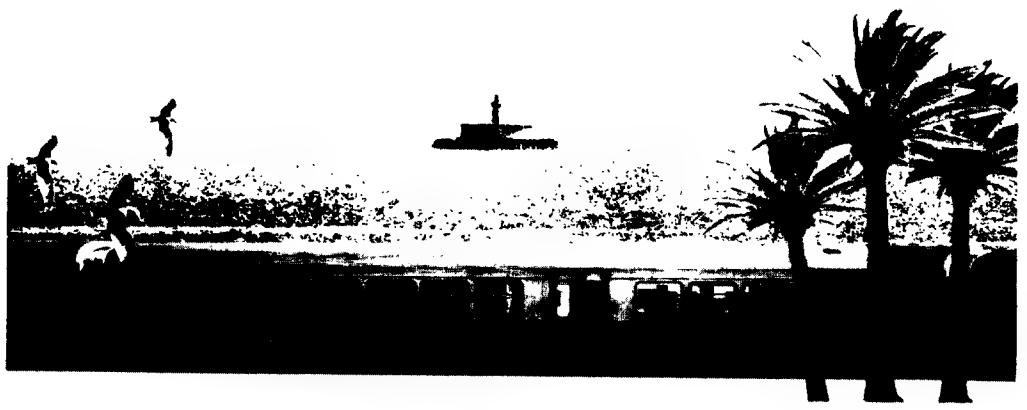
— **CURSO GERAL de Outubro a Junho**

As aulas são ministradas por professores soviéticos com utilização de meios audiovisuais

INSCRIÇÕES — Todos os dias úteis das 16.00 h às 20.00 h na sede da

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS
RUA DE S. CAETANO, 30 — 1200 LISBOA
Telefones 60 11 99 / 60 10 99 / 60 11 24

Tenha férias tranquilas.
Vá à praia de comboio.



Caminhos de Ferro Portugueses

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

EXPRESSO

ALENTEJO – ALGARVE

PORTALEGRE – VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

INÍCIO EM 12/Julho/82

Informamos o público utente que durante o período de **12-/Julho a 12/Setembro/82**, vamos realizar o novo «Serviço Expresso» entre Portalegre e Vila Real de Santo António, em regime trissemanal, conforme horário que se segue:

a)	b)		LOCALIDADES		c)	d)
08.30	14.00		Portalegre		16.00	00.25
09.00	14.30		Monforte		15.30	23.35
09.30	15.00		Estremoz		15.00	23.25
10.30	16.00	C		P	14.00	22.25
10.40	16.10	P	Évora	C	13.55	22.25
11.20	16.50		Portel		13.15	21.45
11.35	17.05		Vidigueira		13.00	21.30
12.00	17.30	C		P	12.35	21.05
12.30	18.00	P	Beja	C	12.05	20.35
13.15	18.45		Castro Verde		11.20	19.50
13.30	19.00		Ourique		11.05	19.35
14.40	20.10		Ferreiras		09.55	18.25
15.00	20.30		Quarteira		09.35	18.05
15.25	20.55		Faro		09.10	17.40
16.05	21.35		Tavira		08.30	17.00
16.17	21.47		Vila Nova de Cacela		08.18	16.48
16.30	22.00		Monte Gordo		08.05	16.35
16.35	22.05		Vila Real de Santo António		08.00	16.30

RN

a) – Às 2.ªs e 4.ªs feiras;
b) – Às 6.ªs feiras;
c) – às 3.ªs e 5.ªs feiras;
d) – Aos domingos.

DESPORTO

ponta esquerda

A imagem que não se deseja no nosso futebol

Bétis: 200 contos de prémio a cada jogador sevilhano se eliminar o Benfica

A primeira eliminatória da «Taça UEFA», em que o Benfica defronta o Bétis, já tem datas marcadas, 15 (em Lisboa) e 29 (em Sevilha) do corrente mês. A partida, na capital andaluza, disputar-se-á às 18 e 30. Em Lisboa, ficou sem efeito a hipótese de a partida se efectuar à tarde, devido às transformações por que passa a iluminação artificial do Estádio da Luz. Haverá um interregno nas obras, jogando-se às 21 horas.

Entretanto, foi já revelado o prémio que o Bétis oferece a cada um dos seus jogadores, em caso de eliminação benfiquista: nada mais, nada menos que 200 contos!

Inglês vem suceder a Alisson?

Declara publicamente o empresário Abdul Zubaida, representante do Cosmos para a Europa: **o presidente João Rocha pediu-me que procurasse urgentemente treinador inglês para o Sporting. Já lhe mandei uma lista...**

Baltasar às ordens

Baltasar («Prémio Stromp» no Sporting e, quase de imediato, reforço qualificado no futebol belenense) está livre para o seu trabalho. Quem pretender c concurso do médio «internacional» deve telefonar para 787470.

Meninas vão representar o futebol que temos

Para conhecimento dos clubes interessados e comunicação às suas jogadoras, a Federação divulga os nomes das jogadoras de futebol feminino convocadas para os treinos a realizar nos dias 6, 7 e 9 do corrente no Estádio do Mar, em Matosinhos:• Aliados do Lordelo: Fernanda Seabra.

• Boavista: Maria Eugénia Teixeira; Ana Paula de Freitas, Maria Assunção Tato, Eva Maria Antunes, Maria Assunção Azevedo, Beatriz Gonçalves de Macedo, Maria de Fátima Azevedo, Sílvia Maria Pinheiro, Ana Paula Leça, Isabel Maria dos Santos e Maria de Fátima Sousa Pinto.

• União de Coimbra: Maria de Lurdes Fernandes, Maria Adelaide, Cristina Viseu, Graça Isidoro, Aurora Esteves e Elsa.

• Leixões: Alfredina, Sara e Ester.

Ginástica pensa em altos voos

O presidente da Federação Internacional de Ginástica (FIG) declarou que **o número de ginastas aumenta diariamente em todo o mundo.** A FIG integra 78 Federações Nacionais. O organismo a que preside Iuri Titov, tem apoiado nos últimos anos numerosos países em vias de desenvolvimento, tanto técnica como financeiramente. Por exemplo: professores trabalham como treinadores de ginástica em mais de duas dezenas de países e, por outro lado, ginastas de diversas nacionalidades têm realizado exibições em países onde a modalidade não possuía expressão significativa. Tais exibições têm contribuído (como aliás se desejava) para despertar o interesse e o entusiasmo das camadas mais jovens para a sua prática.

A FIG elaborou um calendário de provas de média-competição com o objectivo de proporcionar possibilidades de desenvolvimento e de aperfeiçoamento aos não-campeões. Segundo o presidente da FIG, a «alta ginástica» é dominada não apenas pela força e pela coragem ou pela beleza e pela elegância mas, igualmente, pelo talento evidenciado na técnica da execução. Trata-se, portanto, de mais um importante factor a exercer uma influência poderosa no domínio do espectáculo que a ginástica pode ser e que, naturalmente, contribui também para o incentivo à prática da modalidade.

Com o nacional correndo

Liguinha: o último pio

Lá vai andando o Campeonato Nacional da Primeira Divisão futebolística, ainda com um jogo ficando atrasado em cada ronda, já que só amanhã será conhecido o 16.º primodivisionário. E, por falar nisso, fixem-se já os dois embates do Torneio de Competência, marcados para as 18 horas: Salgueiros - Académico de Coimbra e Farense - Penafiel. Tabela classificativa neste momento: Académico, seis pontos; Salgueiros e Penafiel, 5; Farense, 4. Um empate basta ao Académico, o clube (teoricamente) com mais hipóteses de regresso ao escalão maior, embora alinhe no campo de um Salgueiros a quem o triunfo impulsionará para o mais desejado salto.

Quanto ao torneio de alta amplitude, já esta tarde haverá um embate: Boavista - Guimarães, pelas 16 horas. Os demais processam-se também pelas 16 horas, mas amanhã: Vitória de Setúbal - Benfica, Espinho - Marítimo, Braga - Porto, Sporting - Rio Ave, Portimonense - Amora e Varzim - Alcobaça. Desta feita, repousa o Estoril, à espera de saber quem triunfa na «liguinha».

Recorda-se como está a classificação:

	J	V	E	D	G	P
1. Benfica	2	2	-	-	4-0	4
2. Estoril	2	2	-	-	4-1	4
3. Amora	2	1	1	-	2-0	3
4. Rio Ave	2	1	1	-	3-2	3
5. Porto	2	1	1	-	2-1	3
6. Sporting	2	1	1	-	1-0	3
7. Guimarães	2	1	-	1	3-3	2
8. Espinho	2	1	-	1	2-2	2
9. Marítimo	2	1	-	1	1-1	2
10. Varzim	1	-	1	-	0-0	1
11. Alcobaça	2	-	1	1	1-3	1
12. Portimonense	2	-	-	2	2-4	0
13. Setúbal	1	-	-	1	1-3	0
14. Braga	2	-	-	2	1-3	0
15. Boavista	2	-	-	2	0-4	0
16. Clube por apurar						

Nota: Varzim e Setúbal contam menos um jogo.

Benfica: difícil teste em Setúbal

Juiz da RDA no Finlândia-Portugal

Será o juiz de campo internacional da RDA, Klaus Scheureli, que dirigirá o primeiro jogo de Portugal no Campeonato da Europa de 1982-84, com a Finlândia, em Helsínquia, em 22 do corrente mês. Entretanto, para o primeiro encontro do nosso Grupo (2), que é o Finlândia-Polónia de quarta-feira, dia 8, também em Helsínquia, está nomeado o árbitro belga Marcel Van Langenhove.

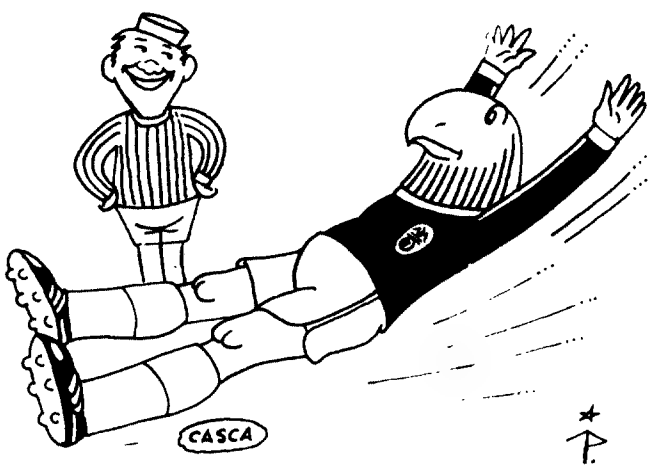
Atenção, Sporting!

O Dínamo de Zagreb, adversário do Sporting na 1.ª eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus», assumiu o comando do campeonato jusgoslavo de futebol, ao vencer (fora) o OSK Beograd, por 2-1. O Dínamo de Zagreb soma agora sete pontos, seguido do Dínamo Vinkovic com seis.

Futebol debatido

Integrado nas comemorações do 70.º aniversário da AF Porto, vai realizar-se no próximo dia 24, no novo anfiteatro daquela entidade associativa, um colóquio sobre problemas gerais do futebol em que participarão como moderadores o dr. Jorge Saraiva, César Grácio, José Maria Pedroto e António Garrido. No mesmo dia, serão inaugurados os melhoramentos introduzidos na sede da associação portuense.

O traço de Pargana



Benfica: casca de laranja no caminho?

Olhanense: reforço

O futebolista brasileiro Mirobaldo (ex-Farense), assinou um contrato válido por duas épocas com o Olhanense. O novo reforço será apresentado amanhã, em jogo particular que a equipa algarvia disputará com o Desportivo de Beja.

O Olhanense que ascendeu à 2.ª divisão do nacional de futebol (zona sul), iniciou também negociações com o Portimonense com vista à cedência do guarda-redes Hélder e do defesa Patan.

Campeonato francês

Resultados dos jogos de ontem da 5.ª jornada do campeonato francês de futebol: Paris S. G.-Nantes, 2-1; Toulouse - Rouen, 2-1; Laval - Tours, 3-0; Lyon - St. Etiènne, 2-1; Auxèrre - Strasbourg, 2-0; Brest - Monaco, 1-1; Lille - Lens, 1-1; Bastia - Nancy, 3-2; Bordeaux - Mulhouse, 2-0; Metz - Sochaux (disputa-se hoje).

Classificação: 1.º Lens e Toulouse, 8 pontos; 3.º Nantes e Laval, 7; 5.º Nancy, Lyon, Paris S G e Bastia, 6; 10.º Auxèrre e Bordeaux, 5; 12.º Metz (menos um jogo), Monaco, Strasbourg e Tours, 4; 16.º St. Etiènne, Rouen e Lille, 3; 19.º Mulhouse, 2; 20.º Sochaux (menos um jogo), 1 ponto.

MICROSCÓPIO

Andebol: festa

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, preside no dia 17 à sessão solene e de encerramento das comemorações do 50.º aniversário da Associação de Andebol de Lisboa No acto serão distribuídos os troféus conquistados na época desportiva 1981/82 e homenageados os jogadores que fizeram a sua estreia internacional em 1 de Janeiro de 1945 (batendo a congénere de Madrid, por 8-1).

Guarda recruta

Os xadresistas Luís Quaresma e Fernando Mota (de Coimbra) ingressaram no Grupo de Xadrez da Guarda. Fernando Ribeiro (Mangualde) anunciou também a sua adesão ao grupo Xadrezista da Guarda.

O clube guardense é integrado pela actual bi-campeã nacional de xadrez (ainda Ferreira) que recentemente foi agraciada pelo município daq ela cidade com a medalha de honra municipal

Distinção para o "DL"

Prémio para Neves de Sousa

Mais uma distinção para o «DL»: o nosso redactor Neves de Sousa acaba de ser escolhido, por votação pública dos ouvintes dos programas radiofónicos «Alvo Desportivo / Alvorecer», «Rádio Alvo» e «Acontecimento» (todos irradiados pela Rádio Renascença) como **o melhor jornalista desportivo da temporada,** fixando-se à frente de dois companheiros (Cruz dos Santos e Alfredo Barbosa, ambos de «ABola»).

O concurso «Os melhores do Desporto» é realizado pelos produtores radiofónicos Trindade Guedes e Jorge Peixoto, tendo ainda a colaboração de diversos órgãos de Comunicação Social, muito especialmente da zona nortenha. Neves de Sousa, que no ano transacto fora considerado **o melhor comentador radiofónico,** recebe agora a distinção como jornalista, sucedendo a uma grande figura da nossa Imprensa, o saudoso Alves Teixeira, desaparecido há poucos meses do número dos vivos

Este ano, eis os escolhidos através de 30 894 postais recebidos em «Rádio Alvo»:

● Treinador de futebol: 1.º, Pedroto, 2.º, Prof. Henrique Calisto.

● Jogador profissional de futebol: 1.º, Jacques (Porto), 2.º, Oliveira (Sporting), 3.º, Gabriel (Porto).

● Árbitro de futebol: 1.º, Raul Nazaré (Setúbal), 2.º, António Garrido (Leiria), 3.º, Fernando Alberto (Porto).

● Relatores de Rádio: 1.º, Gomes Amaro (Quadrante Norte, Rádio Porto), 2.º, Ribeiro Cristóvão (Bola Branca, Rádio Renascença), 3.º, Manuel Fernandes (Tarde Desportiva, da RDP).

● Atleta amador masculino: 1.º, Vítor Hugo (Porto).

● Jornalista desportivo: 1.º, Neves de Sousa («Diário de Lisboa» e «Gazeta dos Desportos»), 2.º, Cruz dos Santos (A Bola») e 3.º, Alfredo Barbosa («A Bola»).

Pedroto e Gomes Amaro vencem pela 4.ª vez. António Garrido e Neves de Sousa triunfam pela 2.ª vez. Os prémios serão entregues num jantar que terá lugar na próxima 2.ª feira (no Porto), após um largo programa comemorativo, que tem futebol e variedades artísticas

DESPORTO

ponta esquerda

Cova da Piedade: 24 horas a nadar

A SFUAP (Sociedade Filarmónica União Artística Piedense) promove, como é de tradição, nos próximos dias 25 e 26 de Setembro, a prova denominada «24 Horas a Nadar», com início às 16 horas. Do programa das festividades desse dia, dedicado inteiramente à natação da SFUAP, fazem parte debates sobre temas que vão desde o desporto à poluição, exibição de ranchos folclóricos e actuação de conjuntos musicais.

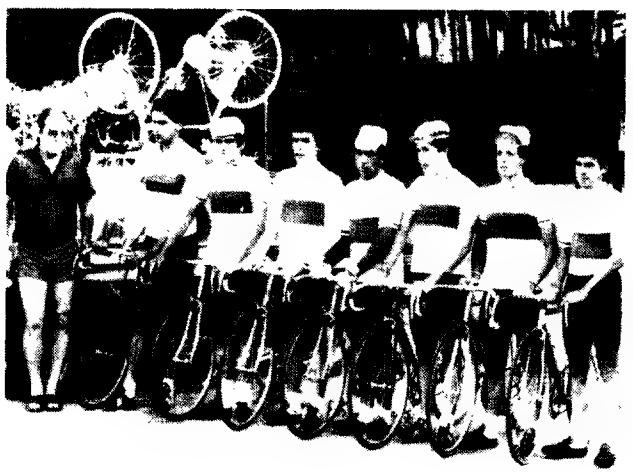
À semelhança do que aconteceu em edições anteriores, as «24 Horas a Nadar» vão ser uma demonstração da vitalidade da União Piedense, como vulgarmente se designa; de tudo o que tem feito pelo desenvolvimento da prática desportiva.

Gouveia: travar ou andar?

Falta de estruturas e de acções de sensibilização impedem o desenvolvimento desportivo no concelho de Gouveia – declara Brito Gordo, do Núcleo de Desporto e Cultura de Gouveia (NDCG). Andebol, xadrez, atletismo, ténis e voleibol são as modalidades mais divulgadas no concelho. Existem na região de Gouveia seis campos polivalentes e um pavilhão gimnodesportivo a funcionar na escola secundária local.

A carência de instalações e **«falta de apoio de organismo oficiais»**, são os obstáculos principais que impedem planos de desenvolvimento desportivo de se concretizarem. E aianta: **«apesar das carências, o desporto em Gouveia está em ascenção, retrocedendo em termos concelhios, entretanto, por factores económicos e humanos.**

Disse ser possível desenvolver ainda o montanhismo, como modalidade inovadora do desporto regional. A serra da Estrela oferece condições naturais propícias ao desenvolvimento desta modalidade que ainda não estão exploradas. O Núcleo de Desporto e Cultura de Gouveia é um dos clubes da região com maior número de modalidades, tendo obtido 33 títulos nacionais.



Ciclismo: para França o grupo que é possível

O ciclismo nacional vai estar presente na «Volta à França do Futuro», desta feita com um elenco escolhido por Honório Francisco e integrado por sete atletas: Luís Vargues, Alfredo Gouveia, António Alves, Luís Domingos, Benedito Ferreira, Manuel Cunha e Jacinto Paulinho. Por diferentes razões, escusaram-se ou estão impedidos de actuar Marco Chagas, Manuel Zeferino, José Amaro e Eduardo Correia, que preferiram representar o Futebol Clube do Porto (sua entidade patronal) em provas no Brasil. Adelino Teixeira, Luís Teixeira, Abel Coelho e José Xavier. A prova começa no dia 8 (em Divonne) e, como «massagista» dos lusitanos, segue Fernando Mendes...

Karpov abre-se

«Anatoli Karpov considera que as 'simultâneas' contribuem fortemente para o aumento da popularidade do xadrez». A afirmação foi proferida aquando da recente estadia do tricampeão mundial em Espanha, especialmente convidado para uma série de partidas simultâneas em Madrid, Barcelona, Sevilha e Málaga. Karpov sublinhou não haver recusado nunca a sua participação em iniciativas que visem a divulgação da modalidade que é, como ele próprio refere, a sua «grande paixão».

«É evidente que quando participo em 'simultâneas' mato dois coelhos de uma só cajadada: ajudo a propagandear o xadrez, por um lado, e, por outro, aproveito para testar algumas ideias ensaiando novas variantes» - acrescenta o campeão. Na opinião de Anatoli Karpov, o húngaro Portisch e o sueco Andersson são dois dos mais fortes candidatos a finalistas no Campeonato do mundo de 1984. Interrogado sobre se (em 1984) poderá ter pela frente, de novo, Viktor Korchnoi, Karpov afirmou: **«É impossível dizer que sim ou que não, mas não tenho dúvidas de que ele é, também, um dos candidatos mais fortes».**

No entanto, o tricampeão mundial adiantou acreditar nas «possibilidades» do seu compatriota Garri Kasparov.

A uma outra pergunta, respondeu Karpov: **«Não sei se ficarei na história como 'o maior campeão de xadrez', nem sequer estou preocupado com tal. É certo que conquistei o título mundial muito jovem, mas é impossível determinar por quanto tempo mais o conseguirei manter. A modalide evoluiu muitíssimo durante os últimos anos...»**

Marco Chagas: novo Agostinho lá pelo Brasil

Marco Chagas : um campeão de corpo inteiro

Marco Chagas, voltou ontem a brilhar, ganhando pela terceira vez uma etapa da maior prova brasileira (Volta da Independência).

Mais do que o seu triunfo, ao «sprint», o que não tem nada de surpreendente, destaque-se o facto de Marco Chagas ter estado novamente numa fuga, e no grupo de que fazia parte, ao lado do seu colega de equipa Eduardo Correia. Muitos milhares de portugueses acompanham com particular interesse as vitórias de Chagas e a supremacia indiscutível da equipa do FC Porto.

A etapa de ontem foi corrida entre Uberaba e Uberlândia, na distância de 105 quilómetros, e Marco Chagas registou o tempo de 2 h 59 m, à frente do francês Flohic Loici, de Eduardo Correia e dos brasileiros António Silvestre e Renan Ferraro. Hoje correr-se-á uma prova de 63 quilómetros num circuito programado para a Avenida João Naves de Ávila, em Uberlândia, enquanto o programa de amanhã foi alterado. Assim, em vez da etapa em linha de 137 quilómetros até Itumbiara, devido a estradas em mau estado, haverá uma neutralização depois da qual se disputará uma prova contra-relógio.

Classificação geral individual: 1.º, Marco Chagas (F.C. Porto), 27 h 11 m 56 s; 2.º Manuel Zeferino (FC Porto), 27 h 17 m 52 s; 3.º José Carlos (Caloi), 27 h 19 m 53 s; 12.º José Amaro (FC Porto), 27 h 33 m 24 s; 18.º Eduardo Correia (FC Porto), 27 h 34 m 53 s.

Classificação colectiva depois desta etapa: 1.º FC Porto, 82 h 03 m 12 s; 2.º Caloi, 82 h 24 m 11 s; 3.º Chile, 82 h 31 m 26 s.

Circuitos caseiros

Ao mesmo tempo que uma selecção se prepara para a Volta à França do Futuro e uma equipa do FC Porto se encontra no Brasil, o ciclismo intramuros vai tendo as chamadas provas domingueiras.

Assim, para hoje, está marcado o Circuito de Alfeizerão, destinado a seniores «A» e «B», que compreende uma prova de 90 quilómetros a efectuar entre Alfeizerão, Casais do Norte, Macarca e volta, a percorrer 20 vezes com início às 15 e 30.

Amanhã correr-se-á o tradicional Circuito de Rio Maior também destinado a corredores seniores, sem distinção de categoria. Também para depois de amanhã, na área da Associação do Sul, haverá uma prova destinada a aspirantes em São Domingos de Rana, na distância de 40 quilómetros a decorrer num circuito que será feito dez vezes e com início às 15 horas.

Entretanto, integrada nas Festas das Vindimas de Palmela, realiza-se naquela vila, a partir das 16 horas de depois de amanhã, uma prova destinada a juniores e seniores «B», na extensão de 62 quilómetros, que serão percorridos num circuito entre o Cinema São João, Largo da Câmara, Estrada do Outeiro, Estrada Nacional e Rua dos Aviadores.

Ténis: circuito satélite em cinco belos torneios

Nesta mesma altura do ano (em 1981), principiava a desbobinar-se o que seria o I Circuito Satélite Internacional de Ténis realizado em Portugal, em que as gentes da Centralcer apostaram. Agora, um ano decorrido, a Sotenis/Escola de Ténis João Lagos e os seus patrocinadores orgulham-se de terem sido pioneiros de um tipo de competição que, além do já irrecusável nível desportivo, constitui mais um ponderável contributo para a promoção turística do nosso País, e da nossa Hotelaria. E é com plena confiança que se lança a segunda edição do «Água de Luso».

Visitam-nos jogadores de mais de 20 países, dos cinco continentes, com apreciável contigente de latino-americanos, americanos do Norte, britânicos, alemães, italianos, espanhóis, franceses, belgas, holandeses, escandinavos, jugoslavos, israelitas, e até gente vinda do Japão, Austrália e África do Sul.

Mas, se a diversidade de procedência logo ilustra a «universalidade» deste «Água do Luso», o mais significativo, quanto ao nível do Circuito deste ano, reside na simples constatação de que houve jogadores com 10 pontos ATP (Associação dos Tenistas Profissionais), que não tiveram entrada automática no «Quadro Final», quando, há um ano, dois ou três pontos asseguravam já o ingresso.

Entretanto, embora a inscrição de vedetas como o sul-africano Frank Puncec (45 pontos), o brasileiro Fernando Roese (36), ou o chileno Heinz Gildemeister (33), permitisse apontar para apreciável «cabeças de cartaz», a que se juntaria mais meia dúzia de tenistas superando a vintena de pontos (e muitos entre os dez e os vinte), a verdade é que se preferiu anunciar um certame sob o signo da homogeneidade, a um nível até agora não conseguido em Portugal.

Todos apreciamos a valia dos nossos melhores jogadores e, quando recordamos excelentes «performances» de Pedro e José Cordeiro, Miguel Soares ou Manuel de Sousa, poderemos avaliar a capacidade de participantes estrangeiros que, não sendo «Borgs nem McEnroes» já fornecem um padrão de ténis que, infelizmente, só em excepcional momento de produção consentiria aos nossos melhores um confronto numérico favorável. Referimos o «numérico» para ressalvar que independentemente dos números, os categorizados jogadores que ora nos visitam vão facultar precioso contacto e consequente valorização, ao mesmo tempo que (recordemos, por exemplo, a oposição sensacional de Pedro Cordeiro a Rocky Royer, há poucos meses e, Montechoro) são susceptíveis de obrigar os nossos compatriotas a superar-se, através de uma réplica que todos gostaremos de presenciar. E que, obviamente, já numerosos público do ténis em Portugal bem merece. São essas as finalidades primordiais tanto dos patrocinadores do «Circuito» como dos seus organizadores.

Manuel de Sousa: o português melhor classificado na edição inicial do «Circuito Água do Luso»

Os cinco torneios que compõem este II Circuito Satélite Água do Luso são os seguintes: 4.º Troféu Internacional «Carlsberg», Estádio Nacional, Cruz Quebrada, de 4 a 12 de Setembro (Qualifying de 4 a 6); 2.º Troféu Internacional «Pepsi» – Clube de Ténis do Estoril de 11 a 19 de Setembro (Qualifying, 11 a 13); 2.º Troféru Internacional «Sagres Europa» – Lawn Tennis Clube da Foz 18 a 26 de Setembro (Qualifying 18 a 20); 1.º Troféu Internacional «Água do Cruzeiro» – Hotel Alvor Praia, de 25 de Setembro a 3 de Outubro (Qualifying, 25 a 27 Set.); Maters Luso – Grande Hotel das Termas do Luso, de 5 a 10 de Outubro.

Campeonatos nos EUA

O norte-americano Hooper bateu ontem o seu compatriota Roscoe Tanner, 16.º «cabeça de série», numa maratona de quatro horas e 20 minutos: a partida mais longa e emocionante dos Campeonatos Abertos de Ténis dos Estados Unidos. Hooper, que atraiu a atenção dos adeptos da modalidade no princípio do ano (quando venceu Tanner nos campeonatos profissionais dos Estados Unidos, em recinto coberto) voltou a bater o adversário, com os parciais de 6-7, 7-6, 4-6, 7-5, 7-6 ganhando o «tie-breaker» do último set por 7-4.

Na jornada de ontem, os «cabeças de série» John McEnroe e Martina Navratilova bateram os irmãos Davis e passaram à 3.ª eliminatória. McEnroe, a tentar fazer esquecer a má temporada com a quarta vitória consecutiva no «open» dos Estados Unidos, iniciou o dia com uma vitória sobre Marty Davis (7-6, 6-4, 6-3), e Navratilov bateu Jill Davis, com os parciais de 7-6, 6-1. Jimmy Connors, segundo «cabeça de série», teve um dia tranquilo, vencendo facilmente Hank Pfister (6-4, 6-3, 6-2).

Borg volta

Bjorn Borg, antigo número um do ténis mundial, confirmou a sua participação num torneio-exibição que terá lugar em Montreal (Canadá) de 30 do corrente a 3 de Outubro. O campeão sueco, indicou que este torneio servirá para verificar se está ou não em boa forma. Participarão igualmente neste torneio-exibição Jimmy Connors (EUA), Ivan Lendl (Chec.), Vitas Gerulaitis (EUA), Mats Wilander (Se.), Tim Mayotte (EUA), Wojtek Fibak (Pol.) e Guy Forget (Fra.).

Colectividades

Ajudar Arouca

O Ginásio Atlético Clube de Arouca, com sede na Avenida das Escolas (em Arouca) vai levar a efeito um sorteio, a nível nacional, por sistema de cartões. Espera o clube arouquense que as pessoas e organismos contactados para o efeito por escrito dispensem a melhor receptividade, colaborando deste modo e dentro das suas possibilidades com **um modesto mas ambicioso clube que se mostra disposto a oferecer o seu melhor contributo à expansão do desporto regional e nacional.**

Placard

Xadrez nacional

António Luís Ferreira (de Estarreja) e Pedro Palhares (fo Futebol Clube da Foz) lideram hoje o campeonato nacional de xadrez tendo averbado apenas vitórias.

A 3.ª jornada do campeonato que se iniciou quinta-feira, em Lisboa, terminou esta madrugada com os seguintes resultados, nas mesas principais:

Rui Pereira - Luís Ferreira, 0-1; Pedro Palhares - Alves Santos, 1-0; António Fróis - João Sequeira, 0-1; Manuel Coelho - Joaquim Durão, 0-1.

A partida entre António Antunes e João Cordovil foi suspensa.

Ténis de mesa convida

O Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da Sociedade Portuguesa de Autores vai realizar nos próximos dias 2, 3 e 4 de Outubro, no Pavilhão dos Desportos (Lisboa), o seu I Torneio Internacional de Ténis de Mesa (V torneio aberto). O referido torneio, que conta com a participação de trabalhadores das sociedades de autores de Espanha, França e Itália, tem a colaboração da Sociedade Portuguesa de Autores, Câmara Municipal de Lisboa e outras entidades particulares. As inscrições, que se encontram abertas a todos os atletas não federados, individuais ou representando CCDs, CRPs, casas do povo, entidades patronais, clubes, etc., até ao dia 21 do corrente, devem ser feitas para a Av. Duque de Loulé, 31 – 1000 Lisboa.

DESPORTO

MICROSCÓPIO

Vela em Lagos

Terminaram as regatas dos Campeonatos Nacionais das Classes «420» e «Europa», disputados em Lagos e integrados na VII Semana de Vela de Lagos, organização do Clube de Vela de Lagos, que novamente se realizou na Baía de Lagos. As seis regatas de cada classe caracterizaram-se por terem decorrido com pouco vento e mar calmo e por uma grande disputa entre os velejadores mais qualificados na Classe «420», enquanto que na classe «Europa» cedo se desenhou o vencedor, que já havia sido o campeão nacional em 1981.

As classificações finais do campeonato foram na Classe «420»: 1.º, Joaõ Torka/Nuno Mourão (Clube Naval de Lisboa); 2.º, José Braula Reis/Francisco Caetano (Associação Naval de Lisboa); 3.º, Pedro da Silva/Vasco Passanha (Clube Desportivo de Paço d'Arcos).

Classe «Europa»: 1.º, António Madeira (CNOCA); 2.º, José Madeira (Clube Oriental de Lisboa); 3.º, José Eduardo Martins (Clube Oriental de Lisboa).

Os resultados da Classe «420» não podem considerar-se como definitivos, uma vez que a tripulação do barco P. 38143 (classificado em 2.º lugar) recorreu para a Federação Portuguesa de Vela por ter sido desclassificado na 1.ª regata devido a protesto apresentado pelos tripulantes do barco P. 29000.

Durante os dois últimos dias da VII Semana de Vela de Lagos decorreram igualmente as regatas do Troféu Cidade de Lagos, aberto a embarcações de todas as classes e a pranchas à vela. Os resultados finais: 1.º classif. absoluta em «470» – Cristina Veloso/João Espírito Santo (Clube de Vela de Lagos; 1.º corrigido, em «laser» – André Calado (Clube Naval de Cascais); 1.º aprendizagem, em «Optimist» – Diogo Diniz (Clube Naval de Cascais); 1.º Pranchas – Carlos Barbosa (CIMAV); 1.º, Pranchas, escalão feminino: Dora Barbosa (CIMAV).

Hipismo na Penina

O capitão Pimenta da Gama (em «Ribamar») repetiu ontem o triunfo alcançado na primeira jornada do Concurso Internacional de Saltos da Penina, no Alvor.

Nesta prova, em que participaram 42 montadas, o francês Hervé Duhat (em «Kulman») alcançou a 2.ª posição, seguido de Soares da Costa (em «Orfeu»). Na segunda prova de ontem, à americana, a vitória coube ao espanhol Joaquim Astaci (em «Dorado») seguido do capitão Pimenta da Gama («Ibis J») e de Soares da Costa («Joyeuse A»).

Windsurf no Algarve

Organizado pelo Clube Internacional da Marina de Vilamoura, realiza-se hoje e amanhã o II Torneio de Verão de Windsurf, «Troféu SG Pack», prova que se vai disputar em moldes inéditos no nosso país. Assim, em lugar das tradicionais regatas em percurso triangular, cada uma das quatro corridas será feita em tipos de percurso diferentes, a saber: 1 - percurso triangular (clássico); 2 - slalom (por eliminatórias); 3 - percurso «fun board»; 4 - longa distância. Pretende-se com esta inovação apurar como vencedor geral o concorrente que se revele mais polivalente. Haverá prémios para os vencedores de cada regata e para os cinco primeiros da geral.

Râguebi: em Coimbra

Na Associação Académica de Coimbra principiaram os treinos dos praticantes de râguebi.

O insólito sempre acontece para gáudio da objectiva do repórter fotográfico: no embate de domingo, nas Antas, Bruno Neves apanhou assim (por terra) Gomes e Romeu

Hóquei: planos sem dinheiro

O técnico José Lisboa vai dar início à preparação da representação portuguesa de hóquei patinado no campeonato da Europa de juniores, que se realiza em Pordenone, de 19 a 24 de Outubro. Participam os seguintes países: Itália, Espanha, Holanda, Grã-Bretanha, Alemanha, França, Suíça, Bélgica e Portugal. O sorteio realiza-se em breve na sede da Federação Holandesa, em Amsterdão.

Portugueses na Suíça

Ao derrotar a França por 19-0 e o Basileia por 8-2, Portugal (representado por uma selecção nortenha) encontra-se em 1.º lugar no Torneio Internacional de Basileia de Hóquei em Patins, ao fim da 2.ª jornada, superando pelo «goal-average» a RFA e a Espanha também com quatro pontos. Resultados da primeira ronda: Portugal - França, 19-0; RFA - RS Basileia, 3-1; Espanha - Holanda, 4-0; Itália - Suíça, 4-1. Na segunda jornada: RFA - França, 18-3; Suíça - Holanda, 5-4; Espanha - Itália, 4-2 e Portugal -Basileia, 8-2.

Europeu de juvenis

Realiza-se em Zaandam (Amsterdão) de 3 a 5 de Dezembro, com organização da Federação Holandesa, o Campeonato da Europa de juvenis que conta com a presença da França, Itália, Espanha, Grã-Bretanha, Bélgica, Suíça, Alemanha, Holanda e Portugal. O sorteio já efectuado deu o seguinte resultado:

Dia 3/12 - às 10.40 horas: Portugal/ Bélgica; 16.25: Alemanha/ Portugal; 21.15: Holanda/ Portugal.

Dia 4/12 – 10.40: Portugal/ Suíça; 19.15: França/ Portugal; 21.55: Itália/ Portugal.

Dia 5/12 - 11.20: Portugal/ Grã-Bretanha; 15.55: Espanha/ Portugal.

Quem ajuda a Federação?

Infelizmente a Federação de Patinagem não conta com qualquer subsídio oficial para a presença em qualquer destas provas, o que está causando graves dificuldades não só na preparação das selecções, mas também para a sua deslocação e estada nos locais de competição.

Apesar do alheamento das entidades competentes não pode a FPP renunciar às suas responsabilidades e a uma das razões da sua existência (a representação nacional nas provas internacionais) e neste caso em campeonatos europeus de jovens que para além da competição, tem a finalidade de transmitir aos atletas a experiência e evolução tão necessária para garantir no futuro a continuidade da nossa supremacia no hóquei mundial.

Assim, a falta de apoio financeiro leva a FPP a procurar junto de empresas os meios financeiros que a levem a estar presente naquelas provas aceitando qualquer tipo de publicidade, incluíndo nas camisolas da selecção nacional, havendo já iniciado contactos para tal objectivo.

Barcelos distinguida

Considerando os altos serviços prestados à patinagem pela realização de dois campeonatos da Europa de juniores, um campeonato mundial de seniores e, ainda, pelo grande desenvolvimento que a patinagem está a ter a nível regional a Direcção da FPP deliberou atribuir o seu mais alto galardão (a Medalha de Bons Serviços) à Câmara Municipal de Barcelos. Igualmente deliberou homenagear a Comissão Executiva (da Cidade de Barcelos) da organização do campeonato do Mundo de 1982, **pelos altos e relevantes serviços prestados, fazendo a entrega de uma placa de reconhecimento e agradecimento.** A data destas cerimónias será indicada oportunamente.

Separação à vista?

Devido às dificuldades económicas que passa a FPP, considerando também o escasso subsídio que a modalidade recebe tendo em atenção o seu gigantismo (três disciplinas: Hóquei em patins, patinagem artística e corridas em patins) e para dar cumprimento a uma recomendação do último Congresso da modalidade, a Direcção da Federação vai estabelecer contactos com os Comités Nacionais das disciplinas de patinagem artística e corridas em patins, procedendo a posterior estudo que vise a criação de Federações próprias. A patinagem artística será a primeira disciplina com hipótese de ser separada, considerando a sua grande implantação e o elevado número de praticantes. Porém, qualquer solução de «desmembramento» não é na óptica desportiva a mais aconselhável e será só a falta de apoio das entidades oficiais e a falta de subsídio próprio que levará a tal opção.

Hoje pode ver

ANDEBOL: Torneio «Cidade de Melsungen» (RFA) com a participação de equipas de juniores masculinos da Juventude Salesiana. Torneio Internacional de Moguer (Espanha), com a participação das equipas de seniores masculinos do Sporting e do Belenenses.

ATLETISMO: Volta Pedestre ao Minho. 2.ª etapa: Guimarães -Fafe, com 15 km, partida ás 18 horas e chegada provável às 19 e 30. Partida do aeroporto da Portela, da equipa portuguesa que vai participar nos Campeonatos da Europa, em Atenas (Grécia).

BASQUETEBOL: Reunião das associações . na sede da Associação de Lisboa, a partir das 15 horas, para discussão sobre o futuro elenco da federação.

BOXE: Sessão promovida pela Associação de Portalegre, em Los Santos de Maimona (Espanha). Encontro-exibição entre o Ramaldense e o Sporting, no Pavilhão de Paço, Arganil, às 21 horas.

FUTEBOL: Taça de Honra da AF Lisboa (II Divisão): Sacavenense - Atlético, às 17 horas, e Torriense - Odivelas, às 19, ambos em Torres Vedras. Torneio de Abertura da AF Setúbal (seniores nacionais) – Série B; U. Montemor - Montijo, em Santiago do Cacém, às 17 horas. Taça de Honra da AF Portalegre: Campomaiorense - Portalegrense, em Campo Maior, às 16 horas, e Estrela de Portalegre - Elvas, em Portalegre, às 17 horas. Torneio de Abertura da AF Setúbal (juniores nacionais): Barreirense -V. Setúbal, no campo do primeiro, às 17 horas. Jogo particular: Belenenses - GD Torralta, em juniores, no Restelo, às 17 horas.

MOTOCICLISMO: Campeonato Nacional de Motocross, categoria de juniores, prova de 50cc, a realizar no Cacem. Em Valpaços, Extracampeonato Nacioal de Velocidade, prova de 50cc, juniores e seniores.

TÉNIS: Nos «courts» do Porto, início do Campeonato Nacional de 3.ªs categorias, prova que irá decorrer até ao dia 12.

The Right Man

Muito bem: aí está já o dedo de Otto Glória modificando, de fio a pavio, o esquema que regia um denominado «Departamento Técnico» da Federação que, contra tudo o que deveria significar, mais parecia um mero pretexto para meia dúzia ganhar uns cobres muito razoáveis e, quanto a produto, a rendimento de trabalho, temos conversado.

O plano idealizado por Otto Glória começa a ser desbobinado: e logo acarreta, como surpresa maior, uma nítida aposta na juventude, entregando a figuras não estagnadas mas actualizadas tarefas que, nos vários compartimentos do futebol oficial, podem interligar-se num esquema lubrificado e atentamente preparado para dar o melhor fruto, em toda a latitude dos vários escalões que vai abranger.

Sabemos que o técnico brasileiro de maior prestígio em Portugal não é homem para viver da saudade. E, embora tenha tido a honra única de ter treinado os quatro clubes de maior divulgação (Benfica, Belenenses, Porto e Sporting), de ter arrancado à frente da selecção de 66 o tal lugar **número três** que depois ficou implantado como miragem ou muro de lamentações, de ter comandado a turma militar que triunfou em toda a linha num torneio europeu, de ter logrado títulos e troféus como nenhum outro orientador futebolístico destas bandas, transporta agora uma bagagem mais enriquecida pelo tempo e pela experiência vivida em diferentes coordenadas do Mundo e que só a saudade dos bons amigos portugueses (que somos muitos) o trouxe de novo com a mesma juventude de espírito até à sua pátria de adopção, desprezando muito maior volume de dinheiro em paragens onde era igualmente desejado. Mas, Otto é um sujeito de trabalho, que mesmo entre milhões não poderia ficar inactivo, longe da sua paixão-labuta. E aí o temos, insuflando sangue novoe revitalizador na decrépita e amesquinhada e anquilosada e ultrapassada orgânica do futebol português. Otto vai rodear-se de um naipe de «expoerts», cada qual com seu terreno de acção: Fernando Cabrita como treinador de campo, José Augusto a preocupar-se com todo o futebol juvenil. Radisic a conferir (finalmente) a nota adequada de um excelente preparador físico ao bloco de jogadores seleccionados para cada embate.

No clubes, Otto Glória terá permanentes elos de ligação, dentro de um «staf» de leque diversificado: Toni (adjunto de Eriksson no Benfica), tal como António Morais (subalterno de Pedroto no «team» das Antas) já foram conquistados para o bloco com que Otto quer chegar à glória.

Os jogos mais importantes do calendário oficial terão olheiros que poderão ser técnicos ou jornalistas. No capítulo juvenil, também José Augusto dividiu o País por zonas, colocando à frente de cada uma treinador apto a escolher e limar os valores mais prometedores: Jaime Garcia na Zona Norte, Pinho no Centro e Mário João na Zona Sul. Um homem que deixou obra no Boavista, outro que brilhou com as cores da Académica de Coimbra e um antigo benfiquista que, como José Augusto, teve honras de conquista de título europeu. Mas, não ficará por aqui a dilatada tarefa de prospecção de novos jogadores: Ângelo Martins no Benfica, Aurélio Pereira no Sporting e António Dominguez no Belenenses vão (certamente) caprichar em burilar jóvens com capacidade e talento para neles se apostar em termos de futuro. Um amanhã que pode já ter uma meta em 1984, quando esse futebol de meninos estiver dando o primeiro belo passo nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

Não há dúvida: Otto Glória sempre cria e organiza qualquer coisa de novo, sacudindo o marasmo que encontra quando é chamado como um 115 do futebol. E, porque acreditamos na sua equipa, apostamos também nas suas novas conquistas.

Neves de Sousa

Selecções aceleram

Otto escolheu 50

Benfica e FC Porto fornecem mais de metade dos convocados por Otto Glória para o primeiro treino das selecções «A» e de «Esperanças» com 14 e 12 jogadores respectivamente.

É a seguinte a relação dos jogadores que devem comparecer na terça-feira à noite, no Hotel Fénix (Lisboa) para efectuarem um treino no dia seguinte, às 9 horas, no campo n.º 2 do Estádio Nacional:

SELECÇÃO «A» – Bento, Humberto, Bastos Lopes I, Veloso, Sheu, Pietra, Carlos Manuel, Alves, Nené e Chalana (Benfica); Amaral, Gabriel, Simões, Eurico, Costa, Sousa e Gomes (FC Porto); Oliveira, Jordão e Festas (Sporting); Damas, Norton de Matos e Coelho (Portimonense); Palhares (Boavista) e João Cardoso (Sporting de Braga).

«ESPERANÇAS» – Bandeirinha, Jaime Magalhães, João Pinho, Sobrinho e Quinito (FC Porto); Padinha, Álvaro, Bastos Lopes II e Carlos Pereira (Benfica); Venâncio, Carlos Xavier e Mário Jorge (Sporting); Vitinha e Paulo Xavier (Estoril); Jaime e Jorge Plácido (Amora); Silvino e Laureta (Guimarães); Vítor Nóvoa (Vila Real); Guimarães (Benfica de Castelo Branco). Fernando Cruz (Setúbal); Coelho (Boavista); Leonardo (Farense); Serra (Braga); António Martins (Leixões).

Andretti volta à "Ferrari"

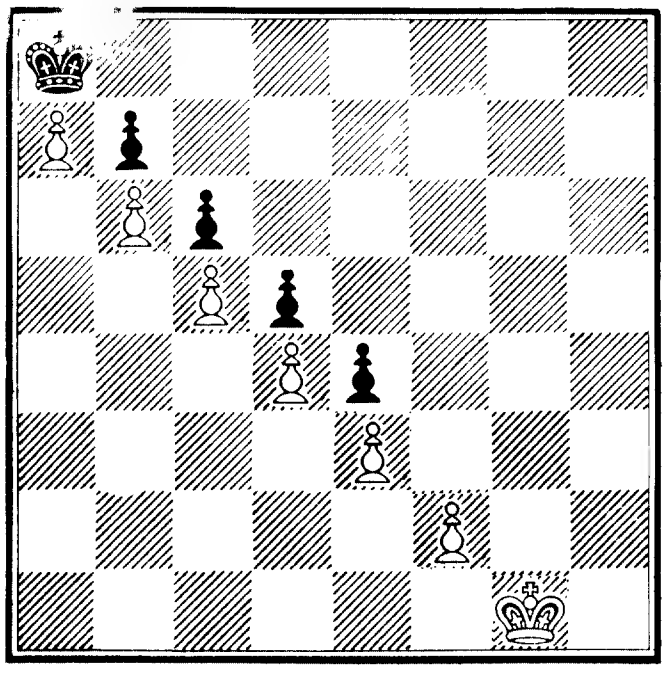
O antigo campeão mundial de Fórmula Um, o norte-americano Mário Andretti, confirmou que pilotará (dia 12) um «Ferrari», no Grande Prémio de Itália, no circuito de Monza. Andretti, um veterano com mais de cem corridas de Fórmula Um, disse (em entrevista à «Gazzetta Dello Sport») que chegou a acordo com a escuderia italiana para a representar em Monza. O piloto italo-americano (de 42 anos) tem disputado corridas apenas nos Estados Unidos, depois de uma má temporada em 1981, pela «Alfa Romeo».

«Eles falaram-me de Maranello (fábrica da Ferrari) na terça-feira e depois de conversações com Enzo Ferrari aceitei as condições propostas», disse

Andretti representou a «Ferrari» em 1972, mas foi ao serviço da «Lotus» que foi campeão mundial de condutores em 1977.

Problemas de Xadrez

Um e[studo] do autor desconhecido. O R negro está pate, pelo que o prime[iro] lance é óbvio, mas segue-se um extraordinário trabalho de cálcu[lo] de tempos pelo R branco.



(As brancas ganham)

SOLUÇÃO

1.f3 exf3 2. Rf1 f2 3. e4 dxe4 4. Rxf2 e3 5. Re1 e2 6. d5 cxd5 7. Rxe2 d4 8. Rd2 d3 9. c6 bxc6 10. Exd3 Rb7 11. Rd4 Ra8 12. Rc5 Rb7 13. a8=D+ Rxa8 14. Rc6 Rc8 15. b7 e promove novamente a D.

Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo

41

C OPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

JAZZ EM ALVERCA
COM
RÃO KYAO
DIA 6 DE SETEMBRO ÀS 21,30
NO CINEMA DE ALVERCA

ORGANIZADO PELA COMISSÃO MUNICIPAL DE JUVENTUDE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D - 1000 (metro Areeiro) - Rua Infantaria, 16-B-C - 1300 LISBOA

SERVIÇOS SOCIAIS
DA UNIVERSIDADE
TÉCNICA DE LISBOA

SERVIÇOS DE ALOJAMENTO

Pede-se às pessoas interessadas em alugar quartos a estudantes universitários que contactem os Serviços de Alojamento destes Serviços Sociais, pessoalmente ou através dos telefones n.ºs 538702/538703/561223/534683.

BIG-BEN
BOUTIQUES

50% DESCONTO
Na Boutique da Av. Ressano Garcia, 34-D
POR MOTIVO DE OBRAS

Av. Ressano Garcia, 34-D – Telef. 535720
Rua do Carmo, n.º 51-5.º C.
Centro Comercial Alvalade
Loja-6 – Telef. 804927
Centro Comercial Pão de Açúcar
Loja-1 – Av. 5 de Outubro
Centro Comercial Pão de Açúcar
Loja 8 em Cascais – Telef. 2841519.

CUMPRA
os sinais das bandeiras

Spielberg ataca de novo com "Poltergeist"

Se alguém possui um «toque mágico» em Hollywood nos dias que vão correndo, esse alguém é Steven Spielberg – o rapaz maravilha de o «Tubarão», o «mágico» dos «Salteadores da Arca Perdida», o «génio» de «ET», a sua última obra já transformada numa máquina de fazer dinheiro (já ultrapassou 100 milhões de dólares de bilheteira e ameaça aproximar-se dos 400 milhões transformando-se no maior êxito de sempre). Agora, o grande êxito é «Poltergeist», um filme de horror que neste Verão atinge os 40 milhões de dólares de bilheteira. Mas, curiosamente, este filme não foi realizado por Spielberg, embora seja voz corrente que foi ele o verdadeiro autor da obra: desde produtor a argumentista, de supervisor da montagem a conselheiro do realizador Tob Hooper.

«Poltergeist» decorre num vulgar subúrbio americano que Spielberg conseguiu transformar num lugar mítico. Mas, neste lar suburbano, nada é o que parece e muito menos vulgar. Tudo começa quando algo se avaria no aparelho de TV. Na realidade, o receptor de televisão passa a ser habitado por intrusos subnaturais e violentos, vindos de um outro mundo.

Já muito se escreveu sobre os «poltergeisters», mas estes continuam a ser um fenómeno inexplicável. Spielberg explica: «Poltergeist quer dizer fantasma barulhento ou em vernáculo, um fedelho de um fantasma. Não se devem tomá-los de ânimo leve porque no nosso filme são tudo menos fedelhos. São violentos e caprichosos».

Como em «ET», a acção em «Poltergeist» centra-se em crianças e faz um uso extremamente efectivo de efeitos especiais. Mas enquanto «ET» nos fala de pequenos pavores e de maravilhas, «Poltergeist» é sobre terror, aquele tipo de terror que leva as pessoas às salas de espectáculos como se fossem rebanhos.

A despeito do sucesso deste filme no Verão que vai correndo, nem tudo tem corrido bem para Spielberg ultimamente. Neste momento, encontra-se a braços com um processo criminal movido pela escritora Lisa Litchfield que o acusa de ter «roubado» a ideia de «ET» de uma peça sua e exige uma indemnização no valor de 750 milhões de dólares.

Spielberg é ainda réu, juntamente com a Warner Bros, num processo conduzido pelos pais de um jovem autor morto durante um acidente quando se filmava «The Twilight Zone». A indemnização exigida é de 200 milhões de dólares.

Spielberg e Tob Hooper durante a rodagem de «Poltergeist»

Heather O'Rourke vítima dos «caprichos» do fantasma

O «poltergeist» ataca Dominique Dunne, irmã de Heather

Exito reeditado este ano?

Casal Rowlands-Cassavetes em Veneza com filme de Paul Mazursky

A exibição de «Tempest», escrito e realizado por Paul Mazursky, no Festival de Cinema de Veneza, deste ano, consagra o regresso ao écran de um singular casal de actores americanos, John Cassavetes e Gena Rowlands.

Estreado recentemente em Nova Iorque, «Tempest» é ainda interpretado por Vittorio Gassman e Sam Robards, filho de Lauren Bacall e Jason Robards, que faz o seu primeiro filme.

«Tempest» inspira-se directamente na peça homónima de Shakespeare, mediante uma adaptação do próprio Mazursky.

Para o principal papel a escolha recaiu sobre Cassavetes, consagrado pelo seu desempenho em «Rosemary's Baby» (A Semente do Diabo), de Roman Polansky. Estreou-se na realização em 1961, com o filme «Shadow».

Quanto a Gena Rowlands, obteve com a sua interpretação em «Glória», também um êxito entre nós, um prémio no Festival de Veneza e um «Golden Globe». Foi igualmente laureada pelo seu desempenho no filme «Opening Hight», de Cassavetes.

O trabalho conjunto do casal completou-se recentemente com a interpretação de Gena, sob a direcção do marido de duas peças apresentadas em Hollywood, «The Third Day» e «Love Streams».

Contracenando com Gena Rowlands e Cassavetes, está Vittorio Gassman: na «foto», uma cena do filme que se apresenta a concurso em Veneza, este ano

John Cassavetes e Gena Rowlands regressam este ano a Veneza, que consagrou no passado o singular casal de actores americanos, com o filme «Glória». E este ano, como será?

Com Manhattan em fundo, Paul Mazursky dá a partida para uma tumultuosa aventura: assim nascia «Tempest»

Avinhão — as férias do teatro

13 — Savary: Guerra e Paz

Uma cena de «Noel au front», o mais recente espectáculo de Jérôme Savary

Nestas férias teatreiras nem tudo era fácil. O «Grand Magic Circus» estava instalado aí a uns 4/5 quilómetros fora das muralhas da cidade. Uma hora à ida (a butes, claro), regresso de boleia. Foi a primeira vez que vi a companhia de Jérôme Savary no seu espaço próprio: uma enorme tenda de circo. Este, inclui uma escola, e foi aí que entendi as enormes capacidades acrobáticas, clownescas, dos actores da companhia: é que a escola é mesmo a sério, e os actores de teatro são mesmo artistas de circo (mesmo que leões durmam mansamente à sombra).

Devo, no entanto, reconhecer que este espectáculo de Savary não me pareceu ter a mesma pujança, a mesma originalidade, a mesma energia cénica dos outros. É bem possível que esta reacção a «Noel sur le Front» tenha sido, ao menos em parte, motivada pelas péssimas condições em que vimos o espectáculo, com o público de tal maneira apinhado, e com tanto calor, que, no intervalo, uma espectadora protestou alto e bom som, o que obrigou o próprio Savary a dar uma explicação lamentando o sucedido e ilibando-se de quaisquer responsabilidades.

O G.M.C. produziu este espectáculo com o Schauspielhaus de Hamburgo, com intérpretes franceses e alemães. Savary tem trabalhado com frequência na R.F.A., em especial naquela companhia, dizendo-se até que é mais admirado pelos alemães do que pelos seus compatriotas.

Eis como o próprio Savary descreve o espectáculo: «Era uma vez, algures na frente, dois grupos de soldados contrários, dois alemãs, dois ou três franceses que tiritavam nas suas trincheiras, cobertos de neve. O frio era insuportável e os soldados perguntavam-se se passariam daquela noite. «Natal na Frente» é o resultado de um triplo desejo: montar um espectáculo tendo a guerra por enquadramento; reunir no mesmo espectáculo actores alemães e actores franceses fazendo-os trabalhar juntos; tentar utilizar as técnicas da narrativa cinematográfica.»

O espectáculo conta seis histórias. A história da generala Bellefleurie bela e jovem que se apaixona por um estudante, Robert, que vai para a guerra, com o general cada vez mais mutilado até ficar reduzido ao tronco. Mais tarde, na trincheira, Robert, recorda, com saudades, a sua aventura. Segue-se a história de Karl, herói das trincheiras alemães, que só procura a morte e só encontra medalhas. Se ele não tem amor à vida, isso deve-se ao facto de um dia ter encontrado a mulher na cama com outro. No entanto, Karl acaba por aceitar a vida tal como ela é. Terceira história: Jo e Lolo trabalham num pequeno teatro de Hamburgo; amam-se e são felizes, pois o seu número acaba por ter grande sucesso. Mas Jo parte para a guerra – o que será deles? Na história de Justin, este recorda o que era a sua vida na quinta onde trabalhava com a mulher. Sempre que vai a casa, preocupado com os problemas da terra, esquece-se de se despedir da mulher o que a deixa imensamente triste. Na penúltima história, estamos na Baviera no princípio do século, quando era costume haver casamento apenas quando as mulheres engravidassem. Hans e Maria casam mas ele é obrigado a partir para a frente e a mulher recolhe um soldado ferido, um poeta de quem Hans tem ciúmes sobretudo por causa daquilo que a mulher aprende com ele.

Na última história, Emílio vive com as suas queridas e os clientes das queridas, compostos por velhos ricos. Emílio tem que partir para a guerra deixando um mundo feliz que não voltará a encontrar.

Estas sinopses de histórias banais não conseguem exprimir, claro está, o que é o espectáculo de Savary cuja riqueza cénica, força de imaginação, carga crítica ultrapassam em muito o que as histórias significam.

A força de Savary reside essencialmente na mistura dos mais saborosos ingredientes teatrais, que ele agita energicamente e nos dá a beber como se fosse um «coktail» mágico. Desde o «vaudeville» ao circo, do melodrama à pantomima, da banda desenhada ao cinema e ao bilhete postal ilustrado, do estilo «pompier» ao «cadáver esquesito» – Savary faz passar no espectáculo as coisas mais incongruentes e transforma o absurdo num formidável espectáculo

Aqui, de um lado e do outro da trincheira, soldados franceses (que falam francês), soldados alemães (que falam alemão) vivem a sua pequena, mas sangrenta, guerra e recordam as delícias do mundo que ficou para trás. Por vezes, o espectáculo amorna, dormita, cai; noutras, é super-ritmado, a música tocada ao vivo ajuda a prolongá-lo; não faltam os «gags», os achados cénicos, as piadas grosseiras e certeiras, que nos acordam, nos põem a bater com o pé no chão, nos revitalizam. Se calhar os intérpretes alemães são melhores do que os franceses, se calhar a articulação entre o «alemão» e o «francês» deixa a desejar; se calhar o material dramatúrgico é demasiado pobre (textos de Savary e de Helmut Ruge, os alemães). Que importa, ao fim e ao cabo? Savary leva-nos com ele, arrasta-nos no turbilhão das suas ideias, dos seus truques, das suas invenções. E acaba por nos pôr a gritar: Abaixo a guerra! Viva o amor!

Um espectáculo pacifista num mundo em que o som das botas se faz de novo ouvir, é um bom tónico. O êxito do espectáculo prova que esse tónico interessa a muita gente e que a ameaça da terceira guerra mundial (em que se fala com uma sem-cerimónia arripiante) encontra a resistência lógica da própria humanidade.

O Grande Magic Circus é, desde Janeiro, o Centro Dramático Nacional do Mediterrâneo de que Savary foi nomeado director sem que isso perturbe os seus projectos de um teatro marginal, não-institucionalizado, desopilante e jamais visto.

Os canadianos: a arte do improviso

Surpresa vinda do Quebeque. Foi este talvez, o espectáculo «in» que esteve mais tempo em cena (de 15 a 31 de Julho) e provavelmente o que despertou mais entusiasmo entre o público. Espectadores houve que foram várias vezes ao pátio do Liceu Mistral, o que se compreende porque os espectáculos nunca eram iguais.

Título: «Matches d'Improvisation». Grupo: Liga Nacional de Improvisação de Montréal (Quebeque). Trata-se, pois, de um jogo. Imagine-se um quadrado, espécie de ringue de boxe, com paredes em três partes, como as de um rinque de boxe, com paredes em três partes, como as de um ringue de hóquei. Fora deste espaço, está colocada a mesa dos cronometristas; e o órgão eléctrico no qual um músico executa músicas conhecidas, antes, nos intervalos e ao longo do espectáculo, músicas conhecidas, antes, nos intervalos e ao longo do espectáculo, músicas que o público acompanha («Kalinka» era a de maior êxito). Como escrevi, o especáculo é um autêntico jogo, um verdadeiro desafio. O juri é o próprio público. Sempre que acaba uma prova, o público é convidado a mostrar um cartão que lhe deram à entrada e que tem um lado vermelho e outro azul (as cores das duas equipas), de acordo com o seu parecer. Os votos são devida e cuidadosamente contados pelos auxiliares podendo haver vitória ou empate. Além do cartão, o espectador dispõe de um sapato de borracha com o qual pode alvejar os jogadores que a seu ver estejam a jogar mal. Como se pode ver, o espectador ainda se diverte mais do que num jogo de futebol!

Escreve-se nos textos de apoio: «A Liga Nacional de Improvisação, fundada há seis anos por Robert Cravel e Yvon Leduo, é um jogo teatral que alia as regras do desporto, e mais especialmente as duas hóquei sobre gelo, com a espontaneidade da improvisação. Este espectáculo, no qual o imaginário e o efémero constituem a mensagem mais importante, exige a participação do espectador que se torna, ele também, jogador.

O que há de mais importante é a total honestidade do jogo que exprime as contradições desse ofício tão difícil que é o do actor... O importante, ao fim e ao cabo, não é conseguir ou falhar, ganhar ou perder, o importante é jogar (como disse um jornalista canadiano)».

Duas equipas em jogo

Há portanto duas equipas: os vermelhos e os azuis; cada uma com o seu treinador, o dos vermelhos veste um simples fato desportivo, enquanto o dos azuis se oculta atrás de uma fantasia quase indescritível, incluindo uma larga capa e duas asas. Começa por haver um pequeno período para cada equipa, para aquecimento de corpo e voz. Os jogadores são apresentados ao público um a um (cada equipa tem seis elementos, incluindo o capitão). O árbitro tira ao acaso um cartão, entre muitos outros, e o jogo começa de acordo com a modalidade inscrita no cartão e com as regras aceites (e que o público conhece através de um papel que lhe é distribuido). Pode ser, por exemplo, improvisação **comparada** o que significa que cada eqipa vai sucessivamente improvisar sobre o mesmo tema. Logo que sabe qual é o tema, cada treinador faz uma pequena reunião com a respectiva equipa, da qual saem as indicações para o exercício a executar. Pode haver uma improvisação **mista:** os jogadores das duas equipas terão que improvisar juntos sobre o mesmo tema. O tempo de cada jogo é marcado com antecipação e o cronometrista apita para principiar e acabar o desafio. O árbitro segue atentamente cada jogada (cada cena), como se estivesse no boxe, e é ele a autoridade máxima: quando entende que uma equipa não está a cumprir o regulamento (por exemplo, fugindo ao tema) interrompe o jogo. Nesse caso, o capitão da equipa respectiva (e só ele) pode pedir-lhe explicações que aquele lhe dará sem voltar atrás com a decisão.

Na primeira improvisação a que assisti o tema era «As quatro estações». O jogo da equipa dos vermelhos era mais poético; o dos azuis nais apoiado no quotidiano. O árbitro puniu a equipa azul por considerar que só focara duas estações. Segunda improvisação: «O último da lista». Apenas um jogador de cada equipa. Cada um deles finge atirar facas ao outro perdendo várias partes do corpo, orelhas, dedos, olhos, etc. Um ponto importante é o que diz respeito ao início da partida, pois a segunda equipa é obrigada a ir atrás do jogo daquela que abre. A mais interessante das improvisações chamava-se «A loja da memória», Dizia um dos elementos: «Nos mapas todos os países são coloridos, só a província de Quebeque é transparente», ao que outro respondia: «O Quebeque não existe», travando-se um diálogo, em palavras e mímica, à volta desse tema.

Cada tema é tirado, como disse, de um grande monte de cartões e portanto à sorte, podendo os temas variar imenso, como «Uma visão shakeapereana do roubo num contra»; «Água profunda», de características submarinas; «Filosofia da cozinha» em que um deles propunha acabar com as batatas fritas e com o «spaghetti»; «Acredita que sou um cow-boy»; as filmagens de um «romance rosa»; «Náufrago no tempo», de ficção-científica. Cada jogo pode durar de 1 a 20 minutos e ser jogado por um ou mais jogadores de cada equipa.

Há aqui várias coisas impressionantes. Garante-se que cada espectáculo é único, funcionando como se fosse um «happening». Ora isto significa que cada equipa, com o treinador, dispõe de escassos segundos para inventar uma história, ou pelo menos uma situação, sobre o tema dado, e os jogadores têm que improvisar, sem rede, as palavras e os gestos que vão transformar essa história ou essa situação em algo de concreto que é ao mesmo tempo uma cena de teatro. Daqui advém o seguinte: o jogo depende da capacidade de improvisação, de mímica, de expressão vocal e corporal, de jogo, de cada actor (ou jogador?), capacidade que se desdobra com a de inventor das palavras, das frases, que exprimem a personagem e o conflito. E isto não gratuitamente, mas com a intenção de vencer o outro. Atendendo ao pouco tempo disponível, trata-se de qualquer coisa de verdadeiramente fantástico cuja qualidade depende das possibilidades diferentes de cada jogador e também de cada equipa. Por isso se entende que haja vencidos e vencedores. A vitória e a derrota dependem da experiência, do instinto, do saber teatral, da capacidade física e de improvisação, de comunicação de cada actor. Entre uns e outros havia diferenças que por vezes eram evidentes, como se fosse um jogo competitivo (e também o era) pois criava-se uma atmosfera de competitividade, marcada por gritos e pancadas na madeira, e até pela dureza amigável que cada um punha nas jogadas, claro que tudo muito temperado pela camaradagem, pela amizade, pela cumplicidade próprias da situação. Uma coisa parece evidente: os canadianos inventaram qualquer coisa que tem a emoção do desporto de competição e a inteligência do teatro, e vice-versa. Um fenómeno. Um dos muitos que Avinhão me permitiu conhecer.

Quem quer reinventar aí um jogo como este?

Carlos Porto

LOJAS — VENDA

ZONA COMERCIAL EM NOVA-CHELAS

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

(COMISSÃO LIQUIDATÁRIA)

• Para os devidos efeitos torna-se público que se aceitam propostas para a **venda** de 84 lojas e 10 escritórios existentes nos lotes números **247 — 248 — 232 — 225** e **221** da Zona N/2 Chelas, sitos junto das Ruas Arq. Pardal Monteiro e Luís Cristino da Silva.

• As áreas variam entre 21 m2 e 860 m2.

• A base de licitação das lojas será de 15 500$00/m2 e 14 500$00/m2, consoante sejam de 1 ou 2 pisos.

• O prazo para recepção das propostas iniciar-se-á em 13 de Setembro e terminará às 17 horas do dia 27 de Setembro de 1982.

• As lojas e escritórios poderão ser visitados a partir de 23 de Agosto até 24 de Setembro no horário compreendido entre as 9,30 e as 12 horas e as 14,30 e as 17,30 horas.

• As condições especiais de compra e venda estarão afixadas neste Fundo Dep. de Património — Av. 5 de Outubro, n.º 153-3.º e poderão ser consultadas dentro do horário normal de funcionamento dos serviços.

LOTES 222, 223, 224, 226, 227 e 228:

• As lojas números 1 a 42 serão igualmente susceptíveis de venda.

• Todos os arrendatários poderão apresentar as suas propostas para aquisição da respectiva loja, de acordo com os valores e condições afixadas no endereço supra-referido.

LISBOA, 26 de JULHO DE 1982.

O RESPONSÁVEL PELO DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO

(António Augusto Serralha Ferreira)

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Dependência e independência

Telejornal tem alguns correspondentes no estrangeiro. Quer dizer, não são funcionários da RTP, nem enviados especiais. Na maioria dos casos, são jornalistas que trabalham em estações estranhas à RTP. Trabalham na BBC, por exemplo.

O problema da isenção coloca-se de forma imperiosa. Será que um jornalista da BBC encara de forma objectiva os acontecimentos na Inglaterra?

Pode acontecer. Mas a virtude, segundo velhíssimo critério, terá não apenas de ser, mas também parecer.

Não há dúvida que a BBC não pertence ao Governo britânico, mas pertence ao capitalismo britânico, ao «estilo britânico de viver». Não será preciso recuar muito para encontrar provas de que na BBC a independência é uma coisa excelente quando não sai da... dependência.

Gralhas que falam

O trabalho na Televisão é um trabalho de equipa. Por detrás das câmaras, a responsabilidade tem de ser colectiva.

Há dias, a Teresa Cruz apresentava no **Telejornal** a notícia da criação de um serviço por chamada telefónica, no Porto. Os assinantes, a qualquer hora, telefonam e pedem. Tudo lhes será mandado ao domicílio. Tudo, **desde** (dizia a locutora) **uma injecção à procura de uma arma.**

Claro que é gralha. Não vejo nenhum assinante daquele serviço, às duas horas da madrugada, a pedir que lhe arranjem uma pistola com urgência. Até porque a essa hora já não há o **Telejornal.**

E a gralha ficou. Ninguém, no Lumiar, deu por ela caramba, todo o mundo, lá, há-de considerar como normais todas as tolices?

O «pressing» e o «forcing»

É grande a importância da secção desportiva na Televisão portuguesa. As pessoas gostam de saber. Ninguém lhes pode levar a mal. É uma forma inocente de ver. Inocência? Enfim, se alguém como a RTP pode ser inocente no mínimo gesto que faz.

Porque a secção desportiva na RTP (em todo o lado) tem farto consumo, aumenta a sua responsabilidade no plano da educação. O rigor na informação deve estar ligado ao rigor da expressão.

O famigerado «pressing» parece ter abrandado nos comentários. Mas já desponta, por aqueles sítos, o «forcing»...

Cuidado, meus senhores. Não será melhor que forcinguem na defesa da nossa língua?

Previsões imprevistas

Hélder de Sousa do que ele percebe mesmo é de cilindradas. Corridas de popó é com ele. Ai se o Cerqueira não se põe a pau!

Aliás, parece-me que é nos relatos automobalísticos que eles melhor se realizam. Pelo menos, em que eles melhor viajam.

Nisso, porque no humor é uma desgraça. Antes de ontem, no **último jornal,** Hélder de Sousa dizia assim: **Como fiz a propósito do tempo, gostaria de dar uma previsão para a sorte grande, mas a Santa Casa da Misericórdia ainda não faz isso.**

Fiz aquela cara do miúdo do Roper quando o pai quer fazer graça.

. Automóveis, meninos, automóveis!

Pois não?...

A corrupção atinge níveis assustadores. Inúmeros são os casos de membros responsáveis do Governo, de políticos, de pessoal da administração implicados em situações agudas de suborno.

Em todos os domínios da actividade, com particular incidência no mundo da construção civil, da compra de terrenos, do turismo. Um dos escândalos ultimamente revelados, respeita à cedência de terrenos para um parque de diversões. A Televisão portuguesa tem falado imenso nestas questões.

Esquecia-me de dizer que a corrupção, o suborno, o empochamento ilícito acontecem nos Estados Unidos e nos têm sido relatados particularmente em algumas séries televisuais. Como ainda antes de ontem, no «Lou Grant».

Cá, felizmente, não acontece nada disso, pois não? Pelo menos a Televisão não conta.

Use sempre o cinto de segurança

circular e viver.

JÁ SABIA QUE

Pode adquirir a sua Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo (20 volumes) em 20 prestações

SEM FIADOR

E com garantia total?
Telefones:
579991 (Manhã)
545855 (Tarde)
2435912 (Noite)
ou Apartado 2938
1100 Lisboa CODEX

CONTACTE-NOS

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

Em última sessão poderemos ver esta noite, na RTP-1 o filme intitulado «Thriller»

RTP 1

15.55 Sábado Desportivo
19.30 «Sport Billy» – 9.° episódio.
20.00 Tur/82 – Açores (12.° episódio).
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal – notícias do País e do estrangeiro.
21.05 Som de... – José Diniz.
21.30 «Pedro e Paulina» – 6.° episódio: «Querida Arlete».
21.50 «Dallas»
22.45 Última Sessão – «Thriller». Intérpretes: Norman Eshley, Katharine Schofield, Geoffrey Chater, Gigi Gurpinar

RTP 2

O actor Tyrone Power principal intérprete do filme «Correio Diplomático»

19.02 Rancho na Praça – Rendilheiras de Vila do Conde.
19.30 Fogos nas Florestas
20.00 Itinerários Artísticos – a Provença, de Orange a Marselha.
20.45 Sábado Especial – «Correio Diplomático». Intérpretes: Tyrone Power, Patrícia Neal, Hildegarde Neff e Karl Malden. Realizador: Henry Hathaway.
22.30 Documentarismo Português – Lisboa, circulação e crescimento.

Amanhã

RTP 1

10.45 70X7; **11.15** Eucaristia Dominical, **12.00** Tempo dos Mais Novos, **13.05** «O Trovão» **13.30** Navegar **14.00** Sumario, **14.15** «Le Mans» **16.00** Berros e Bocas **18.00** Hipismo **19.30** «Fame», **20.25** O Tempo, **20.30** Telejornal, **21.05** Cartaz TV, **22.00** Festa do Sol **23.10** Grande Encontro

RTP 2

15.32 Campeonato do Mundo de Ciclismo **17.00** Animação, **17.50** As Pontes de Toko Ri **20.00** Roque's da Casa **22.00** História de [illegible] episódio

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP 1 «Dallas» (21.50)

RTP 2 «Correio Diplomático» (20.45)

...e sugere para hoje...

RTP 1

«DALLAS»

Com a ajuda de miss Ellie, J.R. consegue entrar no rancho de Clayton Farlow. De facto, fingindo que gostava de a acompanhar até ao rancho, J.R. tenta usá-la para trazer de novo o seu filho para Southfork.

De novo em Dallas, Afton ajuda o seu irmão Mitch a comemorar o fim de curso, enquanto Lucy faz tudo para salvar o seu casamento.

Quanto a Cliff, tem agora, através da mãe, de modificar o seu futuro em Dallas. Por outro lado, a transformação de Ray Krebbs de «cow-boy» em homem de negócios perturba bastante Donna...

Produção de Leonard Katzman.

Realização de Irving J. Moore.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

NOTARIADO-PORTUGUÊS

«LABOFAR-COMÉRCIO E INDÚSTRIA, LIMITADA»

Eu abaixo assinado, ajudante de 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, número 202, rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que por escritura de 28/7/82, lavrada nas notas deste Cartório no livro 43-H de folhas 2 a folhas 5, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «LABOFAR-COMÉRCIO E INDÚSTRIA, LIMITADA», tem a sua sede em Lisboa, na Rua Luciano Cordeiro, número vinte e quatro, segundo andar, letra E, freguesia de Coração de Jesus, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

ARTIGO SEGUNDO

A sociedade tem por objecto o exercício da indústria e comércio de produtos e especialidades farmacêuticas e ramos afins, e ainda qualquer outro ramo de comércio ou indústria que seja deliberado explorar.

ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de quatro mil contos, acha-se inteiramente realizado em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios: Dr. Antonino José de Brito Alves Barata, uma quota de mil contos, D. Maria Antónia de Brito Barata Lodwick, uma quota de mil contos, Daniel Luís Barata Lane, uma quota de mil contos e José Joaquim Gomes Alves Barata, uma quota de mil contos.

ARTIGO QUARTO

Poderá haver prestações suplementares de capital mediante prévia deliberação da assembleia geral, a qual decidirá também as condições e épocas de reembolso.

ARTIGO QUINTO

Entre os sócios é livremente admitida a cessão de quotas, no todo ou em parte.

ARTIGO SEXTO

A cessão a favor de estranhos só poderá ter por objecto a totalidade de uma quota e ser feita com autorização prévia da sociedade, à qual, em carta registada dirigida à gerência com aviso de recepção, será dada notícia do ajuste, se o houver, ou, não o havendo, do propósito da alienação.

ARTIGO SÉTIMO

A gerência dos negócios sociais e a representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, competirá, com dispensa de caução a todos os sócios, sendo obrigatória e suficiente para vincular a sociedade, a assinatura do gerente Dr. Antonino José de Brito Alves Barata, o qual poderá delegar os seus poderes.

ARTIGO OITAVO

Os exercícios sociais corresponderão aos anos civis e os balanços serão submetidos à apreciação dos sócios durante os três primeiros meses imediatamente seguintes ao termo de cada exercício.

ARTIGO NONO

Os ganhos que se apurarem, líquidos de todas as despesas e encargos, serão divididos pelos sócios na proporção das quotas, separada porem uma importância nunca inferior a cinco por cento para a formação ou reintegração do fundo de reserva legal.

ARTIGO DÉCIMO

Por falecimento de algum dos sócios, e enquanto a respectiva quota estiver indivisa, os direitos do falecido serão exercidos em comum pelos seus herdeiros, que se farão representar por um só, escolhido entre si.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

É permitida a amortização das quotas nos casos seguintes:

a) Pela morte ou declaração de interdição, falência ou insolvência de qualquer sócio;

b) Quando os sócios cujos votos representem setenta e cinco por cento ou mais do capital da firma declarem a amortização como vantajosa para o prosseguimento dos negócios sociais;

c) Quando a quota for penhorada ou arrestada ou estiver sujeita a alienação ou adjudicação em qualquer forma de processo ou inventário judicial;

d) Quando a quota for cedida com infracção do disposto no artigo sexto.

Parágrafo primeiro — Nas hipóteses das precedentes alíneas a), c) e d) a amortização deverá ser decidida pela sociedade dentro do prazo de trinta dias, contados da data de óbito, do trânsito em julgado da decisão que determinar a respectiva falência ou insolvência, a penhora, o arresto ou a alienação ou adjudicação da quota ou do conhecimento da cessão.

— Para esse efeito, e dentro do aludido prazo, os sócios deverão reunir em assembleia geral, para a qual desde já todos dispensam outras formalidades de convocação que não seja um simples aviso em carta registada, com aviso de recepção, expedida quarenta e oito horas antes da data designada para a reunião.

— As deliberações a tal respeito serão válidas quando tomadas por mais de cinquenta por cento de todo o capital da firma.

— Parágrafo segundo — O valor da amortização será o que for determinado por balanço especialmente feito para tal fim e o respectivo pagamento far-se-à em dez prestações trimestrais sucessivas e iguais, acrescidas de um juro anual líquido, à taxa de quinze por cento, vencendo-se a primeira prestação trinta dias depois da data em que tenha sido deliberada a amortização.

— Parágrafo terceiro — A amortização considera-se perfeita e definitiva e a sociedade poderá exercer livremente os direitos inerentes à quota amortizada, desde que tenha sido feito o pagamento ou depósito da primeira prestação.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

Excepto quando a lei exija outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas com a antecedência mínima de oito dias por carta registadá dirigida aos sócios, na qual se indicará sempre o objecto ou assunto a tratar.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial, que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 9 de Agosto de 1982.

A Ajudante,

(Joaquina Rita Gião de Rodrigues Falcato)

roteiro cultural

«O Suicidário» está em ensaios no Teatro Aberto. Na foto: o encenador João Lourenço e os actores Irene Cruz, Mário Viegas, Melim Teixeira e Francisco Pestana

Teatro

O Novo Grupo de Teatro iniciou já os ensaios do seu próximo espectáculo: «O Suicidário» de Nikolai Erdman, com versão de Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo de Lemos e João Lourenço; música de Pedro Osório; cenário de António Casimiro; encenação de João Lourenço e interpretação de: Amilcar Botica, Carmen Santos, Francisco Pestana, Irene Cruz, Joel Constantino, Jorge Gonçalves, Maria Albergaria, Mário Viegas, Melim Teixeira, Paula Guedes, Teresa Lima e Vasconcelos Viana.

O Novo Grupo de teatro, fundado a 1 de Fevereiro de 1982, é a **companhia residente** do Teatro Aberto, tendo estreado o seu primeiro espectáculo «Oiçam Como Eu Respiro» de Dario Fo – Franca Rame a 25 de Maio de 1982, sem qualquer subsídio. Este espectáculo que oteve assinalável êxito junto da crítica e continua a obter junto do público, entrou já no 4.º mês consecutivo de representações, prosseguindo assim uma carreira que só terminará para dar lugar à estreia de «O Suicidário». Com os ensaios em curso desta peça o Novo Grupo de teatro respira já a plenos pulmões, pois encontra-se a trabalhar a totalidade dos seus elementos base, apesar do esforço económico despendido com a montagem do 1.º espectáculo e sem saber com que meios poderá contar no futuro para continuidade do seu projecto com que a nova Direcção Artística do Teatro Aberto pretende imprimir uma outra dinâmica a esta sala de Teatro.

Música

O Grupo de Expressão Cultural Africana realiza hoje à noite, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, um concerto que terá a participação do músico angolano Elias Diakimuezo, orquestra moçambicana de João Domingos, agrupamentos Jovens do Prenda (Angola), Sakalas (Guiné-Bissau), Diamantes Afroband e dos artistas Enrik Langle (Angola) e José Casimiro (Cabo Verde).

Rão Kiao (sax, flautas) e o seu quarteto, composto ainda por José Eduardo (contrabaixo), António Pinho (piano) e Steve Philips (bateria) actuam amanhã na Festa da Alegria, em Braga, e na 2.ª feira, às 21.30, no cinema de Alverca, num espectáculo organizado pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Têm ainda concertos marcados a 9, 10 e 11 de Setembro, às 22.30, no Hot Clube, em Lisboa; a 10 de Setembro, às 21.30, no Jardim de Paço d'Arcos (concerto gratuito ao ar livre), e a 19 de Setembro, às 22 horas, em Setúbal.

O Festival de Música do Convento dos Capuchos, no Monte da Caparica, encerra hoje, às 21.30, com um concerto de música electro-acústica (violinos e electrónica) por Carlos Zíngaro. Recém-chegado de França e Itália, onde participou no Festival de Pisa («Rassegna Internazionale di Jazz»), Carlos Zíngaro está em vésperas de se deslocar mais uma vez a Itália para com a «Mitteleuropa Orchestra», dirigida pelo percussionista italiano André Centazzo, participar numa série de concertos.

Exposições

«Arraiolos e o Poder Popular» é o tema de uma exposição fotográfica patente na Câmara Municippal daquela vila até ao próximo dia 26. Os motivos centrais da mostra são a arquitectura civil e religiosa e o trabalho de levantamento cultural que o município de Arraiolos tem desenvolvido.

O II Salão Ibérico de Pintura Naif foi ontem inaugurado na Galeria de Arte do Casino Estoril. A mostra ficará patente até 20 de Setembro, diariamente, das 15 às 24 horas.

Carlos Lobo expõe esmaltes no Hotel Vasco da Gama, em Monte Gordo. O artista, natural de Coimbra, participou em diversas mostras colectivas. A mostra pode ser visitada diariamente, encerrando no dia 12 deste mês.

Em Sesimbra, na Sociedade Musical, está patente uma exposição de artes plásticas (pintura, cerâmica e escultura) com obras de Eduardo Marques, João Gouveia e Nuno Soares. A mostra encerra no próximo dia 12 e pode ser visitada diariamente das 18 às 23 horas (aos sábados e domingos abre às 15 horas).

Embaixador

FRANCISCO RAMOS DA COSTA

Faleceu

Maria do Carmo Coelho da Costa, Olinda Aires Ramos, cunhados, sobrinhos e demais família participam o falecimento de seu marido, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã às 8 horas saindo da sua residência em Queijas para o cemitério de Alfarelos - SOURE.

Agência Magno tel. 534167

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DAS NOTAS (Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	60$55	65$55
ALEMANHA FED. (marco)	34$35	35$45
ÁUSTRIA (xelim)	4$80	5$00
BÉLGICA (franco)	19$23	19$23
BRASIL (cruzeiro)	$147	$397
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	68$45	70$45
(notas de 5 a 1000)	68$95	70$95
DINAMARCA (coroa)	9$80	10$20
ESPANHA (peseta)	$721	$821
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	84$60	86$00
(notas de 5 a 1000)	85$10	87$10
FINLÂNDIA (marka)	17$85	18$45
FRANÇA (franco)	12$20	12$90
HOLANDA (florim)	31$35	32$35
INGLATERRA (libra)	147$70	151$70
IRLANDA (libra)	118$65	122$65
ITÁLIA (lira)	$055	$065
JAPÃO (iene)	$300	$335
NORUEGA (coroa)	12$75	13$25
SUÉCIA (coroa)	13$80	14$40
SUIÇA (franco)	40$35	41$45
VENEZUELA (bolivar)	17$70	18$70

Observações:
1 – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

«ANTENA UM»

16.00 Banda Magnética; **17.20** Informativo de Trânsito; **18.20** Informativo de trânsito; **19.00** Síntese informativa; **19.45** Música sem Fronteiras; **19.20** Informativo de Trânsito; **20.00** Programa da noite - Teatro Radiofónico – «A Escola de Charlatães», da autoria de Pristan Bernard; 21.00 Lisboa, País, cidade; **23.00** Actualidade; **23.15** Em destaque no último jornal; **23.30** Último jornal. Noticiários intercalares às 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.40 Música de Câmara: Quarteto em Sol Maior KV 387, de Mozart, Quarteto em ré menor op. 56 «Vocês Intimae», de Sibelius; **16.45** Solos de cravo de Bach; **17.30** Música sinfónica **18.15** Música de Câmara. Quarteto n.º 14 em ré menor op. póstumo, de Schubert, **19.10** Solos de piano de Brahms por Julius Katchen; **20.10** Música de Stravinsky; **21.00** Concerto em lá maior, op. 126 para violoncelo e orquestra; **21.30** Duas sonatas para flauta e cravo de Vivaldi; 22.35 Concerto em sol menor, para órgão e orquestra, de Poulenc, **23.00** Sonata n.º 7 em dó menor op. 30 n.º 2, para violino e piano, de Beethoven; **23.30** Intercâmbio musical - Temporada de Concertos de 1981/82 da Radiodifusão Austríaca, em gravações cedidas por este organismo; **01.00** Fecho. Noticiário de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

15.05 Musicando; **18.03** Problemática da caça/82; **19.03** Quatro tempos; **20.03** Quando o telefone toca; **21.30** Tempo de desporto; **23.00** 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03 Musicando; **19.03** Música ao vivo; **21.03** Blues index; **00.03** Rolls rocks. Noticiário de hora a hora.

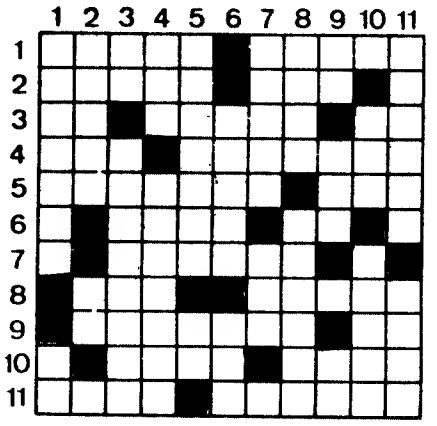
Rádio Renascença

16.00 Cobertura do Campeonato Nacional de Futebol **18.00** Magazine regional; **18.30** Diálogo e vida; **19.00** Títulos de Informação; **19.03** Saltitão (Espaço Infantil); **19.30** Jornal da Noite (com Nota de Abertura), **20.00** Paju; **21.00** Quando o telefone toca, **21.30** Transmissão directa do Terço do Santuário de Fátima; **22.30** Bola Branca (2.ª edição); **23.00** Títulos de Informação, **23.03** Suplemento de Informação, **23.30** Jornal das 23 30 (com Nota de Abertura), **23.55** Meditando Noticiários intercalares 7.00 21 00 e 22 00

Tiragem media diária do mês anterior: **43 493** exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 519



HORIZONTAIS:

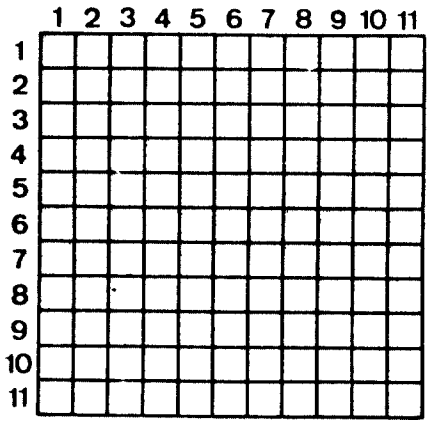
1 Jamais. Falha
2 Cantigas. Antiga medida espanhola de comprimento que correspondia a cerca de 2 metros.
3 Vossa Alteza. Cidade do Japão Vossa Senhoria.
4 Eia! Separou.
5 Bom pescador do rio (pl.). Membro de ave.
6 Lavrar. Boro (s.q.).
7 Espancara (fig).
8 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Puxa para si.
9 Arpo e (a baleia) (Açores) Doutor
10 O mesmo que airo Varredor de rua (bras.)
11 Estro. Dares aviso de alguma coisa em voz alta.

VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho e distrito de Goa (ex-Índia Port.). Artigo indefinido.
2 Nome de planeta. Abreviatura de militermia.
3 Níquel (s.q.). Cobriras de nata.
4 Mercado ou estalagem no Oriente. Substituira.
5 Queimaras. Em a.
6 Limalha. Pronome relativo.
7 Corta papel (pl.). Título honorífico na Índia.
8 Prover de abas. Chuvada.
9 Nota musical. Tanto. Clima.
10 Pronome pessoal. Fale sem sentido (fig.).
11 Cidade do Alto Egipto, nas margens do Nilo. Paz

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N 9379



HORIZONTAIS:

1 Um dos gases da atmosfera. Sura ou vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes. (Ex-Índia Portuguesa).
2 Atiladas. Amónio (s q.).
3 Em a. Laço. Tempo do verbo ir.
4 Enchera (fig.).
5 Li. Poisar no mar (o avião)
6 Acrescentando uma consoante, é apelido do homem que foi cognominado o Apóstolo dos Índios. Nota musical. Sufixo que designa abundância.
7 Artigo definido. Gálio (s.q.).
8 Segundo mês sagrado dos Hebreus, que corresponde à Lua de Abril. Carregais.
9 Tardios
10 Cobre (s.q.). Imundícies. Interjeição que exprime admiração.
11 Naipe das cartas de jogar. Nome de jogo.

VERTICAIS:

1 Dinastia que reinou na China do século XVI ao século XI aC. Tolo, aparvalhado (prov.).
2 Nome de mulher. Pequeno poema da Idade Média, narrativo ou lírico. Interjeição de dor.
3 Níquel (s.q.). Conselhos.
4 Artigo definido. Irmão do pai. Gavinha.
5 Canto para acalentar. Cidade de França.
6 Estaleiros. Rio da Sibéria.
7 Título do falecido imperador da Pérsia. Diz-se dos indivíduos que vivem em mancebia.
8 Agarrara. Pastor siciliano, que foi amado por Galateia.
9 Ilha do Pequeno Belt. Preposição e artigo.
10 Duna na Suécia. Carta de jogar. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
11 Artigo indefinido. Verbais. Hólmio (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 518

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 NÃO; Ir Ará	1 Nata; POEIRA.
2 AT; LEVANTES	2 Atirar; Mês.
3 Tinas. Ia	3 NA, Ova. Ca.
4 Ara. Trapos	4 La. Avitar
5 Arados	5 ESTRADA; DA
6 Provado, Soa	6 IV, Rada, Cós
7 Vidas	7 Ralados, Os
8 Ala. VA	8 Pó, An
9 Im; Convir.	9 AT, Osso; Val
10 Recados, Ada	10 Reis; VIDA.
11 Asaras, Elas	11 Asa; Câmaras.

Provérbio: **Não levantes poeira na estrada da vida.**

SOLUCAO DO PROBLEMA N.º 9378

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Galáxia; Abé.	1 Guatemala
2 Ufa; Acartar.	2 Afiados; Rio
3 Ais; Arão.	3 Lás. Riam
4 Ta! Pera; Rua	4 Penacova
5 ED: El; Mat	5 Ca. Ela Or
6 Mornas; Ceia	6 Içar, serrar
7 Ásia; Eton	7 Aarau, Troia
8 Acarreta	8 Ra, Coem
9 Armo, Rómano	9 Atormentara
10 Voai, Rir	10 Ba, Uai Anis
11 Bocarra, Aso.	11 Erratas, Oro

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23.45
– N. ac. men. 18 a.
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O TONTO

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.15, 19, 21.30 e 24
– Int. men 13 a.
MISSING (DESAPARECIDO)
c/ Jack Lemmon, Sissy Spacek e Melanie Mayron

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
As novas peripécias dos jovens conquistadores e suas garotas do rock dos anos 50!
GELADO DE LIMÃO III

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
CÉLEBRES E RICAS
Um filme de George Cukor

15.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para todos
Walt Disney Productions apresenta
FESTIVAL DISNEY DE VERÃO
Technicolor

2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O OUTRO LADO DA MEIA-NOITE

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ESPLENDOR NA RELVA
5.ª Semana

Às 24
E O HORIZONTE FICOU EM CHAMAS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45 e 19
– Int. men. 18 a.
CALORES DE MULHER

Às 24
E JUSTIÇA PARA TODOS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES

Às 24
DILLINGER

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O MILAGRE DA FÉ

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A RAINHA AFRICANA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
MANAOS

Às 24
MÚSCULOS DE AÇO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA MULHER É UMA MULHER

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
– Para Todos
OS GUERREIROS DA FÓRMULA 1

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15,15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
FUNNY LADY – UMA MULHER ENDIABRADA

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO

9.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
OS FRUTOS DA PAIXÃO

Às 24
MENINOS RICOS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
BRIGADA ANTICRIME
c/ Burt Reynolds e Vitorio Gassman
Som Dolby Stereo
Projecção do filme 5 minutos após o início das sessões

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A SEMENTE DA INOCÊNCIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Interd. men. 18 anos
Bruce Lee em
O DRAGÃO ATACA
Obra-prima em artes marciais

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
AMOR E BALAS
c/ Charles Bronson, Jill Ireland e Rod Steiger
Colorido

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
OS NOVOS MONSTROS
de Monicelli-Scola-Risi
Às 00.45 – N. 18 a.
MISTERIOSO DR. FU MANCHU

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO
de Bernardo Bertolucci
Às 00.45 – N. 18 a.
A ILHA DO DR. MOREAU

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– Int. men. 13 a.
ATLANTIC CITY, USA
de Louis Malle

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O CLARIM DA REVOLTA
Às 00.45 – M. 18 a.
UMA QUESTÃO DE HONRA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Os repetentes estão de volta! Desta vez e em continuação
Mais um grande êxito de gargalhada e juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A TURMA DOS MALANDROS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15 15, 18.30 e 21 30
– Int men. 13 a.
ROCKY III
c/ Sylvester Stallone e Talia Shire

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21 45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
37.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
23.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
EM BUSCA DA VERDADE
3.ª Semana

Às 24
OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
007 O AGENTE IRRESISTÍVEL
Domingo às 11.15
OLIMPÍADAS DA BICHARADA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18.00 e 21.30
N. Ac. a M 13 anos
UNS E... OS OUTROS
46.ª Semana

Às 01.00
O ÚLTIMO HERÓI DO APOCALIPSE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
BRIGADA ANTICRIME
– N. ac. men. 18 a.

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
Int. men. 13 anos

6.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Os grandes senhores da aventura – 4 Óscares da Academia
DOIS HOMENS E UM DESTINO
c/ Paul Newman e Robert Redford

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
INFERNO

Às 23.45
A MONTANHA DO DEUS CANIBAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «Missing», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Malícia», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Casais Infiéis», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Amanda, Perigo Sexual», sessões contínuas (18 anos)
POLITEAMA – «O Meu Nome é Ninguém», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «O Fantasma do Paraíso», às 21.30 (18 anos)
2000 – «Apocalipse Now», às 21.00 (18 anos)
RESTELO – «Banana Joe», às 21.30 (13 anos)
OLIVAIS – «Sissi», às 21.30 (6 anos)
PROMOTORA – «O Tango do Ciúme», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Santo e a Vendetta», às 21.30 (13 anos)
PÁTRIA – «Continuaram a Chamar-me Trinitá», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «A Fortaleza Secreta», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «O Comando dos Tigres Negros», às 21.15 (18 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Que Há de Novo Gatinha?», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Teerão 43», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Bye, Bye, Brasil», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Um Chui de Blue Jeans», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Bye, Bye, Brasil», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «American Graffiti» (2.ª Parte), às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Repetentes em Férias», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «007 Aventura no Espaço», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «O Bando de Jesse James», às 21.30 (13

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Barafunda no Far-West», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Os Heróis de Telemark», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Os Repetentes em Férias», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «O Último Tubarão», às 21.30 (18 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Mercenários por Conta Própria», às 21.30 (18 anos)

Porto

BATALHA – «Repetentes em Fénas», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «Paraíso Azul», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
FOCO – «Missing», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Encontro com os Extraterrestres», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIZ – «A Caçada Implacável», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Os Bandidos do Sexo», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Rocky III», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Garganta Funda», às 21.30 (18 anos)
TERÇO – «Amor Ameaçado», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «O Dinheiro Não Dá Felicidade», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «A Revolta dos Gladiadores», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Brigada Anticrime», às 21.30 (18 anos)
RAIONE – «Herbie, um Carocha dos Diabos», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-A – «O Homem da Pistola Dourada», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Norstradamus», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

JOÃO XXI – Av. João XXI, 16-A (Tel. 886462); **SEPOL** – Cç. da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958), **ELMA** – Rua D Maria Pia, 358-A (Tel. 666176); **SANTA MARIA** – Av 5 de Outubro, 283-A (Tel 763016); **MONTE** – Rua Senhora do Monte, 30-AB (Tel 867842); **DA LUZ** – Est. da Luz, 124-A; **BRANCO** – Av. Duque Loulé, 61-65 (Tel. 545048); **CONCEIÇÃO** – Cç D Gastão, 30-32(Tel. 381279); **MIRAFLORES** – Rua Dr. António Granjo, 2-A (Tel. 2101161); **TAVARES DE MATOS** – Rua 8 Lote 308 (Tel. 993220); **CATELA TAVARES** – Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes, 29-A (Tel. 915446).

AMANHÃ

PERMANENTE

NOGUEIRA – Rua de Alcântara, 5-AB (Tel. 637563); **ORIENTE** – Rua Lopes, 120 (Tel. 843381); **UNIFA** – Rua da Vitória, 21-23 (Tel. 323793); **NOVA IORQUE** – Av. Est. Unidos América, 140-B (Tel. 760658); **PORFÍRIO** – Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349); **BASTOS** – Rua Morais Soares, 91-D (Tel. 844350); **SALUS** – Rua Luciano Cordeiro, 73 (Tel. 42239); **ASCENSO** – Pç do Norte, 11 A (Tel 311216), **SÃO TOMÉ** – Est. do Desvio, Lt 12-A (Tel. 790704), **MODELAR** – Lg. Dr Ant Sousa Macedo, 7 (Tel. 608896); **SOUSA** – Est de Benfica, 429-431 (Tel. 780027); **SÃO SEBASTIÃO** – Lg. S. Sebastião Pedreira, 1-3 (Tel 548642); **CABRITA** – Prq Res. Miraflores, Lt. 12 (Tel. 2101486), **JARDIM** – Rua Conde de Oeiras, 12-D (Tel 938424); **CORREIA** – st Principal, Lote 172 (Tel. 993148); **MONSERRATE** – Rua Guil. Gomes Fernandes, 31-A (Tel. 911139).

Linha de Cascais

CAXIAS – Nova – R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839) Permanente; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Permanente; **OEIRAS – Alcântara Guerreiro** – P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10 (Tel. 2430691) Até às 22 horas; **PAREDE – Alair** – Av. Gago Coutinho – B.º Caixas Previdência (Tel. 2472948) Permanente; **S. PEDRO DO ESTORIL – S. Pedro** – R. 9 de Abril (Tel. 2683052) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Lopes** – R. Hangar, 3 (Tel. 26008) Até às 22 horas; **CASCAIS – Cordeiro** – Av. Comb. G. Guerra, 30 (Tel. 280170) Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA – Campos – R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072) Permanente; **QUELUZ – Correia** – L. do Mercado, 3 (Tel. 950906) Até às 22 horas; **CACÉM – Silva Duarte** – R. Elias Garcia, 167 (Tel. 9248120) Permanente; **MEM MARTINS – ALGUEIRÃO – Rodrigues Rato** – R. do Morés (Tel. 2912038) Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO – Riomouro** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA – Gomes da Silva** – L D Afonso, 3-A Portela (Tel. 9232747) Permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088)

●

LOURES: Sélvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente; **MOSCAVIDE: Vareia**, Av. Moscavide, 44 (T. 2518520). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca** (T. 2518726). Até às 19 horas.

Outra Banda

SESIMBRA – Leão – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **AMORA – Nova Amorense** – Est. Nacional, 10 Bloco A Loja A6 Paivas (Tel. 2216824); **SEIXAL – Alves Coelho** – L. Camões, 27 Torre da Marinha (Tel. 2211132) Até às 22 horas; **MONTIJO – S. Pedro** – L. Camões, 16 (Tel. 2311133); **MOITA – União Moitense** – Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Guamão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 233100)

●

ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19. Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Alberto Araújo, 19. Até às 22 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **LARANJEIRO: Baptista Marques**. Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado. Até às 19 horas; **SETÚBAL: Salão**, Av. Portela, 55. Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Garvotas, 68. Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

MAGALHÃES, R. de Serralves, 566; **BARREIROS**, R. de Serpa Pinto, 8-10; **COSTA CABRAL**, R. de Costa Cabral, 1832; **SOEIRO**, R. de Santos Pousada, 71; **LEMOS & FILHOS**, P. de Carlos Alberto, 31.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

UNIVERSALP. 8 de Maio, 35 (T. 23744).

teatros

Lisboa

TEATRO ABERTO – «Oiçam Como Eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA MATOS – «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.30 (13 anos)
VASCO SANTANA – «A Classe Dominante», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES – «Ó Zé Arreganha a Taxa» às 20.30 e 23.00.

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

DL

PORTE PAGO

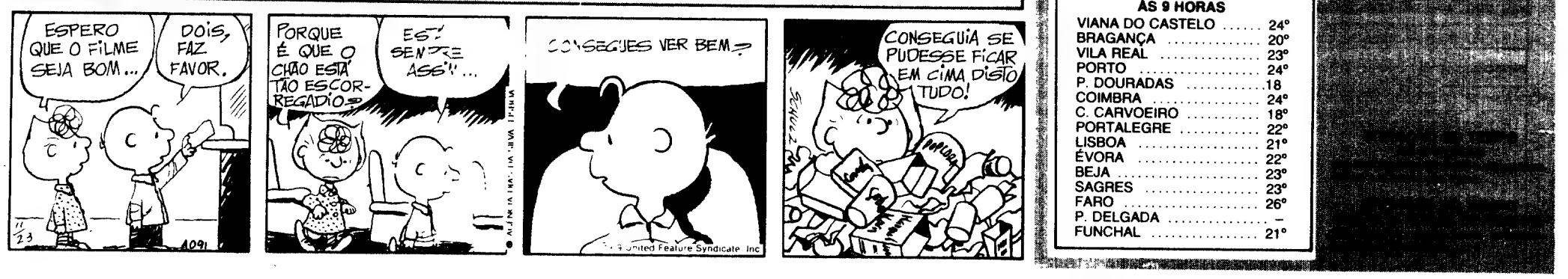
PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 554531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.38	3,9 m	10.06	0,9 m
16.51	4,1 m	22.28	0,8 m
	Dia 5		
5.43	3,9 m	11.16	0,9 m
17.57	4,1 m	23.37	0,9 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	24°
BRAGANÇA	20°
VILA REAL	23°
PORTO	24°
P. DOURADAS	18
COIMBRA	24°
C. CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	22°
LISBOA	21°
ÉVORA	22°
BEJA	23°
SAGRES	23°
FARO	26°
P. DELGADA	–
FUNCHAL	21°

últimas

PINTURAS E JÓIAS AVALIADAS EM DUZENTOS MIL CONTOS acabam de ser doadas à Câmara Municipal do Porto por uma senhora, Marta de Sousa Ortigão Sampaio Sequeira, recentemente falecida, na freguesia de Cedofeita. No seu testamento D. Marta Sequeira refere que a edilidade terá de reunir os objectos doados numa casa-museu que deverá ostentar as iniciais SOSS, dos apelidos Sousa, Ortigão, Sampaio, Sequeira, a ser instalado num edifício igualmente por ela cedido e localizado na Rua Nossa Senhora de Fátima naquela cidade.

O MONUMENTO DO «SOLDADO DESCONHECIDO», erigido na Praça de Carlos Alberto, no Porto, foi seriamente danificado por um grupo de vândalos que a coberto da madrugada, entortaram a baioneta que sai da espingarda da estátua. A PJ investiga.

«BOMBA» TELEFÓNICA COLOCADA no parque de viaturas da Embaixada de França, na Rua Santos-o-Velho, em Lisboa. Enviada ao local uma equipa da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP nada de anormal foi encontrado nos dois automóveis que a voz anónima afirmava estarem armadilhados.

O JORNALISTA ROBERTO CORDEIRO, dos quadros do «Diário de Notícias», queixou-se, conforme ontem noticiámos, de ter sido assaltado por dois jovens, na Avenida da Liberdade. Divulgámos a ocorrência com base em elementos fornecidos pelo próprio à PSP constantes no «Comunicado de Imprensa».

Estranha portanto a referência feita à nossa local naquele matutino na sua edição de hoje. Pois se a notícia que publicámos era «inexacta e truncada» só Roberto Cordeiro conhecerá as razões que o levaram a «truncar» os dados fornecidos à PSP para elaboração do auto de notícia. Aí talvez resida o facto «lamentável» de não podermos ter sido tão exactos quanto Roberto Cordeiro o desejaria.

PUXAVAM OS CABELOS A UMA UTENTE do Centro Comercial «Drugstore», na Avenida Grão Vasco, e foram detidos por um agente da PSP a quem teriam igualmente agredido. São eles o reformado Vasco Manuel Marques e os «solteiros» Rui Marques e Alberto da Silva. O auto de notícia não refere o motivo que esteve na origem do puxão de cabelos nem a identidade da vítima.

Atribuem a si mesmos a designação de «rockers nazis», adoptando como símbolos a cruz gamada, o capacete de aço e a caveira. Sob a «inocente» capa de clubes de motociclistas, os neo-nazis criaram em todo o território oeste-alemão uma rede de núcleos, sob a divisa «Os SS são o nosso modelo»

Manifestação de neo-nazis pertencentes ao clube de motociclistas «MC National», de Mannheim. O chefe deste grupo, o primeiro à direita, é membro do NPD (partido neo-fascista), tendo recentemente caracterizado a sua luta nester termos: «Vamos mobilizar a juventude para a luta de libertação nacional».

«Nós regressaremos», lê-se na caneca de cerveja deste jovem neo-nazi. O chefe do grupo a que pertence, o «Stander Greif», de Markgröningen, perto de Estugarda, gabou-se de ter morto um operário turco de 44 anos, com um tubo de aço. Ilegalizado, este grupo de cerca de cem elementos fez saber que «há nas florestas muitas possibilidades de esconder armas e explosivos»...

República Federal Alemã, 1982

Neonazis regressam com a crise económica e o desemprego juvenil

Vinte vítimas mortais nos últimos dois anos, atentados com cargas plásticas, ameaças de morte, ataques brutais contra democratas, campanhas de calúnias e difamação moral dos trabalhadores imigrados, profanação de memoriais antifascistas e de cemitérios judeus: eis um breve panorama da actividade dos grupos noenazis, nos últimos tempos, na República Federal Alemã.

Segundo estatísticas provisórias, existem neste país actualmente mais de 300 organizações, associações e grupos neonazis, que totalizam mais de 20 000 membros.

Cerca de 40 organizações neofascistas estrangeiras, que na sua maioria se encontram estabelecidas noutros países europeus e nos Estados Unidos, têm filiais na RFA.

A acção destas grupúsculos caracteriza-se particularmente pelo recrudescimento dos ataques armados. O número de actos de terror cometidos pelos neonazis triplicaram nos últimos cinco anos.

A difusão de teorias racistas encontra um campo de actuação por excelência entre os meios de trabalhadores imigrados na RFA.

Tirando partido da crise económica e do desemprego crescentes, os neonazis atiçam a hostilidade dos alemães, sobretudo jovens desempregados, contra tudo o que é estrangeiro.

A série de «fotos» que hoje publicamos ilustram aspectos particulares ou episódios significativos da nova escala nazi na Repúbnlica Federal Alemão.

Numa zona montanhosa de Arouca

Helicópteros procuram salvar povoação isolada pelas chamas

Helicópteros do aeródromo de Viseu procuravam fixar ao fim desta manhã um violento incêndio, tudo indica, de origem criminosa, que ameaça o povoado de Sevilhão, nas proxidades de Arouca. A localidazação do sinistro numa zona bastante escarpada tem impedido até agora, o acesso dos bombeiros de cinco corporações que, ao fim da noite de ontem, conseguiram dominar as chamas que se aproximavam perigosamente das povoações de rio de Frade e Cabreiros. Em Sevilhão, algumas pessoas já teriam sido retiradas do local pelos helicópteros.

As corporações em causa são as de Ovar, Arouca, Albergaria-a-Velha, Aveiro, Ovar e Feijões. «Há três dias que não temos sequer um ninuto de descanso» referiu ao «DL» um porta-voz dos bombeiros voluntários de Arouca.

Enquanto isto, o fogo destruiu um parque de madeiras, pertencente à empresa Paivopam, localizada à beira do rio. As chamas irromperam quando os operários da empresa procediam à queima de serrim. Os prejuízos estão cobertos pelo seguro.

Finalmente um incêndio destruiu parcialmente as instalações da fábrica «Fewtim», situada em Trofa e dedicada à manufactura de feltros industriais. os prejuízos estão avaliados em 50 mil contos.

SÉNECA
SEBASTIÃO DA GAMA

9º CRUZEIRO ÀS ILHAS MADEIRA E CANÁRIAS
A bordo do moderno paquete
"FUNCHAL"
Classe única • Serviço de 1ª cl.
30/Set. a 8/Out./82
(LISBOA A LISBOA)
Preços excepcionais desde 35.400$
FUNCHAL-TENERIFE-LAS PALMAS-LANZAROTE
Vantajosas compras em Portos francos
ORGANIZAÇÃO TÉCNICA
abreu
fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
PORTO - R. Eug. Castro, 256 - Tel. 691686
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

4 de Setembro de 1982

Os meus primeiros passos entre os selvagens

Jacques Maurier

O que leva o etnólogo a procurar os «selvagens»? Que sonhos, que mitos persegue? Jacques Meunier, recordando os seus primeiros passos na Amazónia, pergunta a si próprio se não será um turista perdido num mundo acabado, um necrófago perseguido por fantasmas.

DEMASIADO tarde. Cheguei demasiado tarde. A Amazónia já era um terreno vago. Uma terra indolente e fatigada. Abandonada. Quando contava à gente das aldeias que tinha feito uma viagem de várias semanas num barco de carga transatlântico e em comboios cheio de polícias, de bêbados e de contrabando, para terminar naqueles pequenos barcos de transporte que eram quase capoeira, olhavam-me com pena. Eu devia ser um simples, ou então um turista perdido.

Foi muito mais tarde que compreendi a verdadeira natureza das minhas deslocações. Eu era uma espécie de artista necrófago e um coveiro de tradições. Um antiquário de causas perdidas. Pois não é verdade que os etnólogos são as aves de mau agoeiro que ignoram aquilo que a sua chegada significa? Essa chegada não será já uma condenação à morte daqueles que vieram observar?

Deitado numa rede, fumando um cachimbo de tabaco indígena, ia matando o tempo a folhear um manual de espanhol ou a espreitar a passagem de um tapir ou o movimento de um formigueiro. Seguia com o olhar nostálgico o voo rectilíneo dos papagaios. Partilhava a solidão dos povos.

Com as suas águas cor-de-café, as suas praias brancas, os seus macacos acrobatas e as suas tartarugas sonâmbulas, o rio abria-se aos sonhos da infância e do primitivismo. Parecia correr por entre as praias de uma antiga cartilha ilustrada. Impassivelmente.

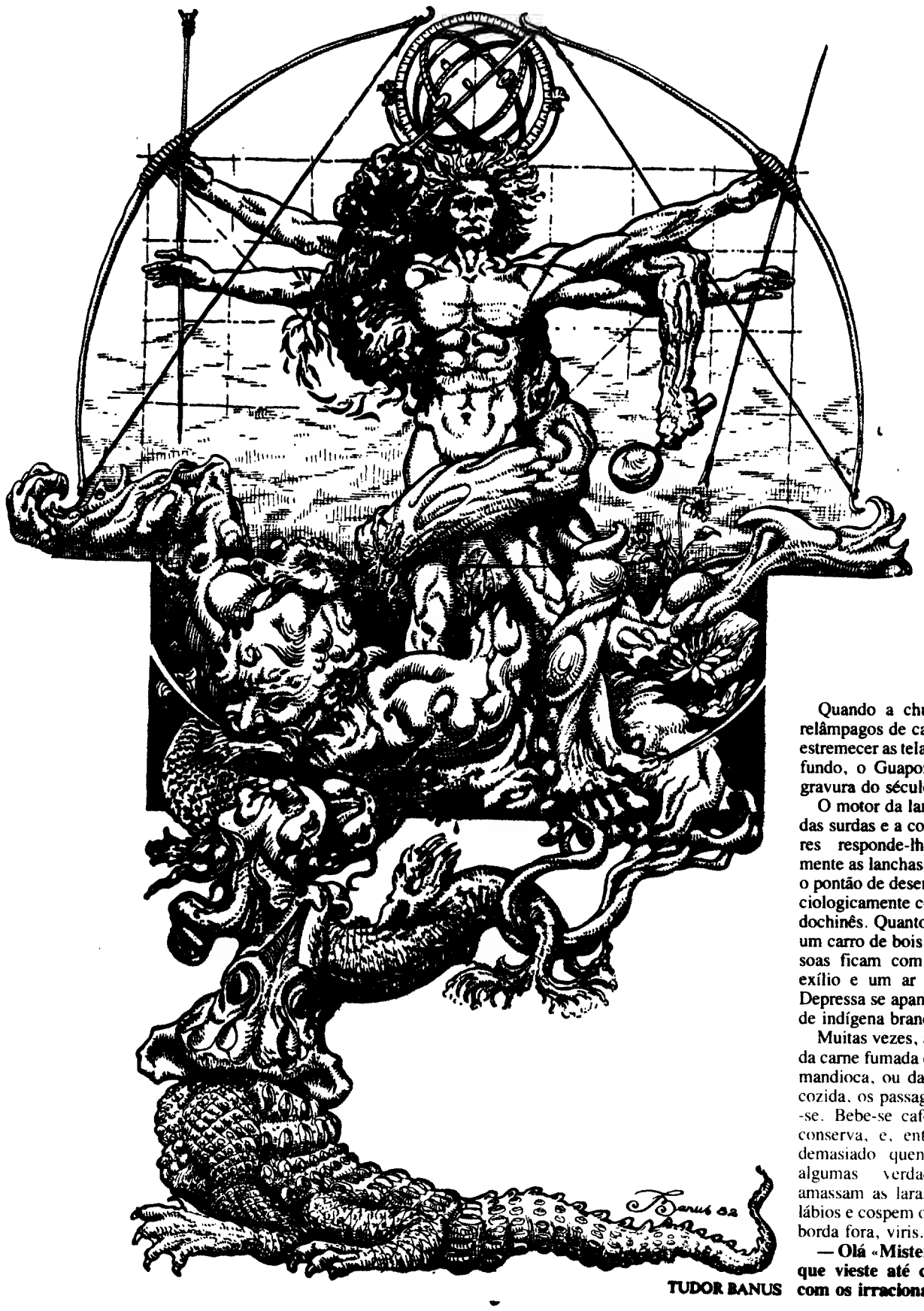
De facto, através dessa nova aprendizagem, eu tornava-me uma criança profissional... Regressava ou, melhor dizendo, atingia uma nova simplicidade... A Amazónia tem a particularidade de levar a confundir geografia e introspecção. É tanto uma terra de futuro como uma terra de memória. Lá todos meditam sobre a sua sorte.

Estranha impressão. O próprio clima, a atmosfera doce e levemente febril, o amontoado de sacos de laranjas e de toranjas, os cheiros da noite, e aquele tipo, lá adiante, encolhido na sua rede a ler uma fotonovela à luz de uma lanterna, evocam o tempo em que simulávamos um pouco de febre para faltar à escola. Sim, eis o meu primeiro sentimento de Amazónia, e a ideia que associo, sem bem saber porquê, à minha primeira viagem: **convalescença.** Só os grandes doentes — os dos sanatórios e das estações termais — devem compreender a palavra, tal como eu aqui a entendo. Há nela esperança e magia, algo de iniciático, uma remissão. Um regresso à vida.

as minhas duas malas de «cabine», cheias de anzóis e de espelhos — presentes, para os índios — dormem no porão.

Mosqueteiros

De todos os rios que percorri, o Guaporé é uma excepção. Embora sem a majestade do rio Negro ou a transparência do Tapajoz, embora não seja o ossário de árvores mortas que formam o rio Curanja e o rio Mavaca, ele tem pouco de todos eles.



TUDOR BANUS

Quando a chuva cai ou há relâmpagos de calos que fazem estremecer as telas que são o seu fundo, o Guaporé parece uma gravura do século XIX...

O motor da lancha dá pancadas surdas e a cortina das árvores responde-lhe... Tecnicamente as lanchas têm a ver com o pontão de desembarque, e sociologicamente com o junco indochinês. Quanto à velocidade, um carro de bois. Nelas as pessoas ficam com uma cara de exílio e um ar de emigrante. Depressa se apanham os modos de indígena branco.

Muitas vezes, à tarde, depois da carne fumada e da farinha de mandioca, ou da banana verde cozida, os passageiros reúnem-se. Bebe-se café em latas de conserva, e, entre dois golos demasiado quentes, dizem-se algumas verdades. Alguns amassam as laranjas contra os lábios e cospem os caroços pela borda fora, viris.

— Olá «Mister!» É verdade que vieste até cá para viver com os irracionais?»

Quem se me dirige é um professor primário brasileiro: veste uma camisa talhada num saco de farinha e umas calças azul-petróleo. A barba a nascer lembra pequenos traços a carvão. Tem uns trinta anos. Pouco à vontade, respondo: **«Olá, Brasileiro! É verdade que no Mato Grosso te chamam o terror dos analfabetos?»**

Pronto. O desafio foi aceite. Um tipo exclama: **«Calem-se!»**, e o único aparelho de rádio que há a bordo pára. Então o Brasileiro, com a sua forte pronúncia nordestina volta à carga: acusa os estrangeiros de impostores e espiões. Principalmente os Franceses... Só sabem criticar e acusar os outros de genocídio. Escrevem nos jornais. Não fazem mais do que denegrir o Brasil e a Bolívia. **«Mas já alguém lhes perguntou, a eles, o que fizeram dos seus mosqueteiros?»**

Aprovam-no, e eu fico perplexo. Não sou muito propenso a bater-me em casos destes. Pergunto-lhe, em todo o caso, o que vêm fazer os mosqueteiros em toda esta história. Ele explica.

Tudo o que ele sabe da França vem de Alexandre Dumas. Leu todos os seus livros. Também ouviu falar da Indochina, da Argélia e do general De Gaulle. E de Brigitte Bardot, claro está. Mas como hoje se faz silêncio sobre esses homens notáveis que foram os mosqueteiros concluiu daí que eles foram vítimas de um holocausto. Que os suprimiram. Preciso de algum tempo para compreender: no seu espírito os mosqueteiros eram uma tribo que vivia num canto do hexágono. Viviam como os Bororos em Mato Grosso, e falavam uma língua à parte. Faziam a guerra por sua conta e risco, para arranjar mulheres e cavalos. De vez em quando, para sobreviver, alistavam-se como mercenários e lutavam ao lado do rei da França, contra uma qualquer etnia inimiga que se aliara ao cardeal...

A sua explicação é luminosa. Sem falhas. A assistência aprecia a lição. Sinto-me o mais **gringo** possível... Que figura faria aos meus próprios olhos se me lançasse numa explicação subtil onde interviessem os conceitos de «diacronia» e de «sincronia»? Não, o argumento parece imparável, e, como não respondo, confesso-me vencido. O Brasileiro oferece-me um cigarro. **«A política não tem nada a ver com a amizade»**, diz ele, bom jogador. O auditório dispersa-se.

Continua na pág. 8

Cinema

Jessica Lange e Jack Nicholson em «O carteiro toca sempre duas vezes»

• A tragédia de um homem ridículo de Bernardo Bertolucci (Itália — 1981)

Um dos mártires de Cannes-/81: pouco importa, este filme é, digam o que disserem críticos e público, a redescoberta de um Bertolucci audaz e inteligente, experimental e apaixonante. Desde **A estratégia da aranha** que ela não atinava com todas essas características simultaneamente.

Cinema Quarteto — sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h) (interdito a men. 13 anos)

• Célebres e ricas de George Cukor (USA — 1981)

Cukor a falar de (com?) mulheres. Irónico, mordaz, incorrigível a sublinhar fricções, desencontros, futilidades, desencantos, vitalidade. E a inventar actrizes quem supunha que Candice Bergen e Jacqueline Bisset podiam fazer o que fazem neste filme?

Cinema Berna (14, 16.30, 19 e 21.30 h) (interdito a men. 13 anos)

• A amante do tenente francês de Karel Reisz (GB — 1981)

O neo-romantismo, mesmo desencantado, continua a seduzir os espectadores. O sucesso de **A amante do tenente francês** prossegue.

Cinema S. Jorge 2 (14, 16.30, 19 e 21.45 h) (não acons. men. 13 anos)

• Esplendor na relva de Elia Kazan (USA — 1961)

O desejo e a sua repressão. Uma tristeza tão funda que já nem chora, tresvaria, e depois fica assim, madorrenta, quotidiana, nossa.

Inolvidável. Natalie Wood.

Cinema Cine 222 (15.15, 18 e 21.30 h) (interdito a men. 13 anos)

• Missing (o desaparecido) de Costa — Gavras (USA — 1982)

Ver crítica neste 7.7.

Cinemas Alfa 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h) e Apolo 70 (14, 16.15, 19, 21.30 e 24 h) (não acons. men. 18 anos)

• A rainha africana de John Huston (USA — GB — 1951)

Bogart e Katherine Hepburn desceu o rio do cinema num encontro onde toda a aventura é encontrararem-se. O resto são **transparências**, truques, a embalagem que remete para o espaço fechado e para as pessoas que aí derivam.

Cinema Condes (14, 16.30, 19 e 21.30 h) (não acons. men. 13 anos)

• Uma mulher é uma mulher de Jean-Luc Godard (França — Itália — 1961)

A irreverência de Godard (mais tarde seria cólera depois desespero expectante) ainda com Anna Karina e um Belmondo que não chegara a vedeta. Era a **Nouvelle Vague** em ascenso.

Cinema Estúdio (15.30, 18.30, 21.30 h) (não acons. men. 13 anos)

• Em busca da verdade de Ingmar Bergman (Suécia — 1961)

A trilogia do cinema «cinema de câmara» começou aqui. O filme permanece formalmente forte mas o silêncio de Deus ou a sua gélida e aracnídea face são coisas que não sobreviveram. A loucura sim.

Cinema Satélite (15, 17, 19, 21.30 h) (interdito a men. 13 anos)

• Reds de Warren Beatty (USA — 1981)

John Reed e Louise Bryant, ou pelo menos esta história de amor em fundo de Revolução, fazem sucesso.

Cinema S. Jorge 3 (13.45, 17.30, 21.15 h) (não acons. men. 13 anos)

• O carteiro toca sempre duas vezes de Bob Rafelson (USA — 1981)

A transgressão é uma vertigem incontrolável. É ver o que acontece a Jack Nicholson depois de tocado por Jessica Lange neste filme belissímo, marcado por algumas das noites mais espantosas do recente cinema americano.

Cinema CineBloco (14.30, 16.45, 19 e 21.30 h) (não acons. men. 18 anos)

• Os amigos da onça de Billy Wilder (USA — 1981)

Billy Wilder está de volta com Walter Mattchav e Jack Lemmon: o resultado é mais uma comédia desse triunvirato já clássico (a que é justo juntar o «eterno» co-argumentista de Wilder, I.A.L.Diamond).

Cinema ABCine — sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 24 h) (interdito a men. 13 anos)

• Os salteadores da arca perdida de Steven Spielberg (USA — 1981)

Os 81 lugares do Alfa 2 não esgotam sempre mas ainda esgotam muitas vezes. É por isso que ninguém pára **Os salteadores da arca perdida.**

Cinema Alfa 2 (13.45, 16.45, 18.45, 21.15 e 23.45 h) (não acons. men. 13 anos)

• O clarim da revolta de Harold Becker (USA — 1981)

Uma revolta com os mestres contra a sociedade. Pelos valores que a sociedade inculcou nos jovens mas wue, afinal, não reconhece.

Um filme inesperado e subtil, a merecer que se reflictam as conotações que ele destila.

Cinema Quarteto — sala 4 (14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30 h) (não acons. men. 18 anos)

• O fantasma do paraíso de Brian de Palma (USA — 1974)

Foi com este filme que, em Portugal, se descobriu Brian de Palma. Agora que se tem a certeza que ele é um dos maiores cineastas da nova geração americana vale a pena confirmar que isso já se via neste filme.

Cinema City Cine (14.30, 16.45, 19 e 21.30 h) (não acons. men. 18 anos)

AS ESTRELAS

A tragédia de um homem ridículo	★★★★
Célebres e ricas	★★★★
A amante do tenente francês	★★★★
Esplendor na relva	★★★★
Missing	★★★
A rainha africana	★★★
Uma mulher é uma mulher	★★★
Em busca da verdade	★★★
Reds	★★★
Os amigos da onça	★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★
O clarim da revolta	★★★
O fanstasma do paraíso	★★★
O carteiro toca sempre duas vezes	★★★
Uns e... os outros	★
O outro lado da meia-noite	●

A «CHAVE

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

"O desaparecido" de Costa-Gavras

Quando a moda do filme político, das ficções de esquerda, já passou, é justo assinalar que a insistência de Costa-Gavras nesse domínio não releva de qualquer oportunismo de quem está numa vaga só porque ela vem. Ele, que nos finais dos anos 60 introduziu as polémicas coordenadas da trama policial no discurso político, com o célebre e contestado Z

A orgia do poder, ele que depois tanto se interessou pela América Latina (Estado de sítio) como pelos processos estalinistas (A confissão), volta agora com um filme centrado no Chile dos dias do putsch fascista de Pinochet.

Um filme americano (e sublinhe-se): quer dizer, um filme produzido com dinheiro americano e cuja estética é a do cinema americano. Quanto ao ponto de vista, lá iremos.

Missing baseia-se num livro de Thomas Hauser em que este descreve o desaparecimento do seu filho, cidadão americano, nos dias sequentes ao golpe em Santiago do Chile, e a busca que fizera, juntamente com a nora, no sentido de que fosse encontrado. As evasivas hipócritas da Embaixada Americana, a falsa cooperação das entidades chilenas no sentido de o ajudarem, desembocam numa conclusão: o filho soubera, acidentalmente, do envolvimento americano no golpe e fora preso e abatido com a anuência das autoridades americanas.

Contada deste modo, a história de Missing parece destinada a uma série de lamentações e de boa consciência. Nada de mais errado. Como filme americano que é, Missing não podia deixar de se envolver em detalhes psicologistas dos personagens, isto é, no melodrama. E é nessa fusão que Costa-Gavras é brilhante.

O pai está longe de ser um homem de esquerda, sequer um liberal. Quando desembarca em Santiago ele só quer saber em que é que o parvo do filho se meteu, ele julga vir resolver com as suas influências um mero disparate juvenil. O pai é um homem de negócios de Nova Iorque, defensor do american way of life, crente nas instituições e o assunto do filme é, sobretudo, a descoberta que esse homem faz de uma trama desumana e cínica, levada a cabo pelos seus próprios compatriotas, em nome dos valores em que ele mesmo crê e se situa.

De resto a intromissão do Departamento de Estado na produção do filme, pressionando a sua não realização, quer dizer que Missing toca em algo de essencial na consciência americana: não é a interferência dos americanos em países estrangeiros que a pode perturbar; é a demonstração de que o sistema não hesita em sacrificar também americanos (e americanos «inocentes»; o desaparecido deste filme está longe de ser um militante de esquerda).

Deste ponto de vista o filme é eficaz e inteligente, eficácia não diminuída na definição do clima de golpe de Estado fascista. Não apenas os cadáveres, os tiros constantes, os aplausos da alta burguesia chilena, o estádio nacional cheio de prisioneiros, mas sobretudo o medo generalizado, tão bem representado na sequência em que Sissy Spacek se encontra na rua, em pleno recolher obrigatório.

Costa-Gavras abstém-se de opinar politicamente sobre a situação. Fornece dados, sumários mas precisos e o seu ponto de vista é o de um democrata horrorizado pela barbárie. Nenhum discurso de luta de classes, apenas a presença de um exército que mata arbitrariamente e é senhor da vida, da morte e da dignidade de todos. Alguns dirão que aí está um dos limites do filme. Por mim penso que aí está uma virtude: é que na situação excepcional que o filme retrata não há muito lugar para a análise fria, há o espaço para uma constatação indignada. Nada justifica a barbárie (e nada é mesmo nada). Embora o filme até nos explique porque é que ela se desencadeou.

Resta dizer que Jack Lemmon é a grande presença deste filme. Ora seco, ora exaltado, ora comovido, ora perturbado, o seu trabalho enche contraditoriamente o personagem desse pai em busca. Sissy Spacek acompanha-o, mas é mais frágil. Onde o filme se esmera é na espantosa galeria de secundários (todos os funcionários e militares americanos, por exemplo) que dá corpo e solidez ao percurso kafkiano de Lemmon.

Constate-se ainda que as multinacionais americanas depois de terem ganho muito dinheiro com o golpe no Chile, estão agora a ganhar alguns milhões não desprezíveis com um filme que denuncia, e bem, e eficazmente, esse golpe e a ingerência americana no mesmo. Malhas que só os americanos podiam tecer. Para o mal e para o bem.

Jack Lemmon no mais recente filme de Costa-Gavras: o prémio de Cannes amplamente justificado

FICHA:

Título original: **Missing.**
Realização: **Costa-Gavras (USA — 1982)**
Argumento: **Costa-Gavras e Donald Stewart, baseado no livro de Thomas Hauser.**
Fotografia: **Ricardo Aronovich**
Cenários: Peter Jamison (production designer), **Linda Spheeris** (set decorator), **Agustin Ytuarte e Lucero Isaac** (art directors)
Música: **Vangelis**
Montagem: **François Bonnot**
Interpretação: **Jack Lemmon** (Ed Horman), **Sissy Spacek** (Beth Horman), **Melanie Mayron** (Terry Simon), **John Shea** (Charles Horman), **Charles Cioffi** (cap. Ray Tower), **etc.**
Distribuição em Portugal: **Sonoro Filmes/Universal**
Cinemas: **Alfa 3 e Apolo 70**
Classificação: **Não aconselhável a menores de 18 anos.**

JORGE LEITÃO RAMOS

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Jorge Leitão Ramos

Zita Duarte em «O mal amado»

DUARTE, ZITA

— actriz

Zita Glória Duarte Silva nasceu em Cascais, a 17 de Fevereiro de 1944.

Faz o curso liceal e ingressa no Conservatório que conclui em 1964. Entretanto, em 1963, estreara-se, como amadora, na Casa da Comédia («Deseja-se mulher» de Almada Negreiros, enc. Fernando Amado).

Findo o Conservatório, não querendo escolher entre Vasco Morgado e o Teatro Nacional, passa seis meses em Paris. Em 1965, de volta a Portugal, está na fundação do Teatro Experimental de Cascais, onde permanecerá até 1974. Aí faz inúmeras peças, sob a direcção de Carlos Avilez, entre as quais «Esopaida» de António José da Silva, o Judeu, «Maria Stuart» de Schiller, «D. Quixote» de Yves Jamiaque, «Fuenteovejuna» de Lope de Vega, «Ivone, princesa de Borgonha» de Gombrowicz...

Em 1975 Zita Duarte faz uma breve incursão no teatro de revista (em «Força, Força Camarada Zé» de Anibal Nazaré, Eugénio Salvador e Henrique Santana, no Teatro Maria Vitória) e entra em «Equus» de Peter Shaffer, no Teatro Capitólio. No ano seguinte ingressa na Cornucópia: «Tambores na noite» de Brecht (enc. Jorge Silva Melo) em 1976 e «Casimiro e Carolina» de Odön von Horváth (enc. Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Melo e Cristina Reis) em 1977, são as peças que aí representa. Ainda em 1977 faz uma ruptura com os cânones do teatro: com Ana Zanatti, numa pequena sala de cinema (o Quarteto), à meia-noite, leva à cena «A verdadeira história de Jack, o estripador» de Elizabeth Huppert, encenado com a colaboração de Carlos Avilez.

Em 1979, a solo, encena e interpreta (no auditório da Sociedade Portuguesa de Autores) «À procura de Alberto» de Gilbert Leantier. 1979 é ainda o ano de «Mata e esfola» uma série de doze programas TV com Ana Zanatti; mímica, canto, texto, dança fazem o corpo dessa série singular.

Dois anos na República Federal Alemã, como bolseira da Fundação Gulbenkian preenchem-lhe 1980 e 1981. Em Munique é assistente de Hans Peter Cloos na companhia Rota Ruber que se dedica a teatro musicado; em Berlim estagia na Schaubühne, como assistente de Peter Stein na encenação da «Oresteia».

Em 1982, de regresso a Lisboa, monta, no Bar Roller, um espectáculo de cabaret alemão, «Meu nome é som e fumo».

Para além de teatro radiofónico e televisivo, Zita Duarte faz uma razoável carreira no cinema. Estreia-se em 1965, num pequeno papel em Domingo à tarde, **e o seu rosto, embora não muito assíduo, torna-se marcante no cinema português.**

FILMOGRAFIA: Domingo à tarde **de António de Macedo (1965);** Uma abelha na chuva **de Fernando Lopes (1968/71);** O cerco **de António da Cunha Telles (1969);** O mal amado **de Fernando Matos Silva (1972);** Os demónios de Alcácer Kibir **de José Fonseca e Costa (1975);** Reina a tranquilidade no país **de Peter Lilienthal (1975);** O rei das Berlengas **de Artur Semedo (1975/77);** Nós por cá todos bem **de Fernando Lopes (1976/77);** A ilha dos amores **de Paulo Rocha (1977/80).**

Ela não é muito bonita. Mas tem a chispa de erotismos profundos, coisas indizíveis, sempre que um realizador lhe «agarra» o rosto, o corpo, com justeza. Aconteceu em Uma abelha na chuva **(o seu mais importante trabalho cinematográfico) onde ela era o cadinho onde explodiam os conflitos; aconteceu, em fugazes momentos, em** Os demónios de Alcácer Kibir **onde ela se ofertava à aventura; aconteceu, sibilinamente embora, em** Nós por cá todos bem.

Se em O mal amado **ela era a vítima de coisas que a ultrapassavam (o papel de Zita Duarte era, necessariamente, apagado), se em** O rei das Berlengas **era caricatural, a traço grosso (tanto como o tom do filme), é inegável que se trata de uma actriz cuja presença no** écran **nunca é indiferente (basta atentar nas breves «pontas» de** Domingo à tarde **ou de** O cerco).

Vale a pena, por isso, aguardar com expectativa o que fez em A ilha dos amores.

Zita Duarte em «Uma abelha na chuva»

BICICLETA ou O tempo que a Terra esqueceu

— curta metragem
— 16 mm/cor

Realização: **Vicente Jorge Silva.** Argumento: **António Mega Ferreira e Vicente Jorge Silva.** Fotografia: **António Escudeiro.** Música: **Terje Rypdal («After the rain»).** Montagem: **Manuel Tomás e Natércia Correia Machado.** Som: **Manuel Tomás.** Interpretação: **Eduardo Cruz, Gilda Silva, Maria João Avilez, Júlio Henriques, Miguel Nuno da Silva, Augusto Abelaira, Teresa Ricou e as vozes de Fátima Martins Pereira, António Mega Ferreira, Maria José Mauperrin e Carlos Martins Costa.** Produção: **Instituto Português de Cinema.** Direcção de produção: **Óscar Cruz.** Duração: **25 minutos.** Rodagem: **1977.** Estreia: **14 de Fevereiro de 1980 (na RTP/2).**

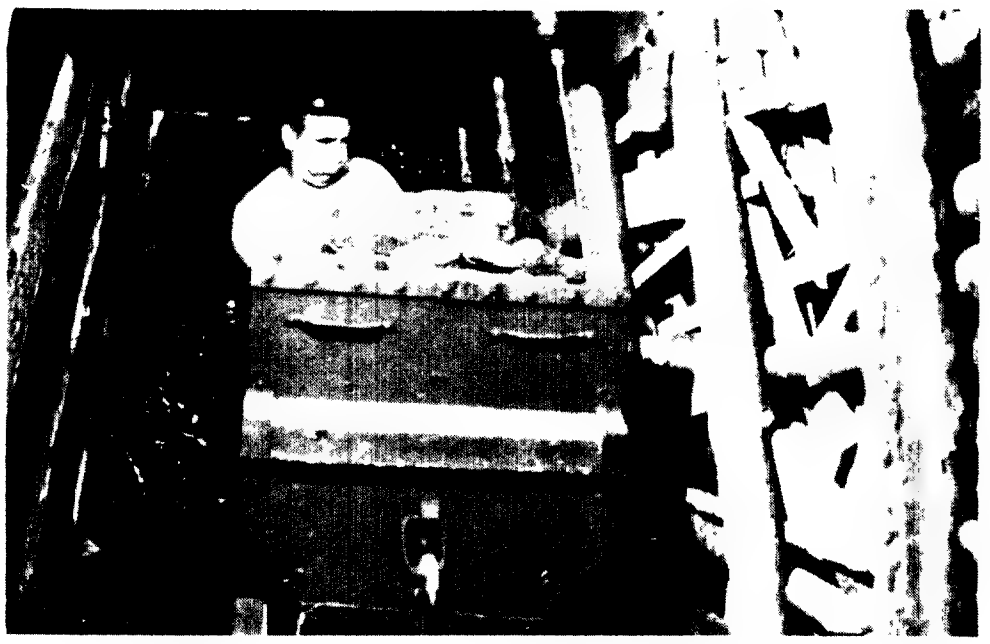
Eis um daqueles filmes onde ao adjectivo «falhado» se deve acrescentar o advérbio «produtivamente».

É que esta história de utopia (um dia, todos se revoltam, em todas as fábricas, exércitos e academias, de Leste a Oeste; e partem, para o Sul, de bicicleta) está longe de encontrar eficácia e convicção no corpo do filme.

A falta de eficácia será fundada em carências do realizador: daí que o filme falhe.

Mas a falta de convicção não é acidente de percurso. Funda-se numa íntima (inconfessada?) descrença nestas utopias filhas de Maio: senão, porquê o operário de bicicleta vem tão penosamente e de rosto tão duro? Este filme quer acreditar mas sabe que não é mais tempo de visionar amanhãs que cantam. Daí que o falhanço seja produtivo, interpelante.

Para mais: Bicicleta **denota um «olho» de cineasta em Vicente Jorge Silva. Na estupefacção agressiva com que filma a paisagem industrial de Sines; na forma como conjuga a serena expectância de Gilda Silva com essas janelas abertas ao infinito: um outro** écran, **sem limites.**



Maria João Avilez e Eduardo Cruz em Bicicleta

SÃO PEDRO DA COVA

— médiametragem
— 16 mm /p.b.

Um filme de **Alexandre Gonçalves, Ed Pais Mamede, Fernando Cardoso, Luís M. Saraiva, Manuela Serra, José Brandão, José Carvalhosa, José Lopa, José Pedro Caiado, Rui Paulo da Cruz, Rui Simões e do Grupo de Acção Cultural com a colaboração dos mineiros do Pejão.** Produção: **Viver, com a participação da Direcção-Geral de Educação Permanente.** Duração: **45 minutos.** Rodagem: **1976.** Não estreado comercialmente.

Nota: **O genérico não referencia diversificação de funções nos trabalhadores deste filme. Daí a ficha acima apresentada. Um folheto editado pela Cooperativa Virver, como promoção internacional, adianta as especificações que seguem:** Realização: **Rui Simões.** Fotografia: **J. Luís Carvalhosa.** Música: **Ed Pais Mamede, José Pedro Caiado.** Montagem: **Manuela Serra.** Sonoplastia: **Luis M. Saraiva.** Som: **José Lopa.** Direcção: **Rui Paulo da Cruz.**

Reunindo três filmes produzidos para os programas semanais da DGEP na Televisão, em 1976, São Pedro da Cova **traça a História, o presente e a esperança de uma comunidade mineira.**

«Foram os próprios intérpretes da história real que encenaram e organizaram estes filmes, assumindo completamente a responsabilidade da reprodução da sua própria imagem» — afirma-se na abertura de São Pedro da Cova. **Processo nítido, sobretudo no primeiro painel do tríptico («O Museu») onde se reconstitui o quotidiano mineiro a partir de objectos e locais conservados no museu das minas. Aí este filme é excelente.**

A ocupação dos edifícios da companhia mineira (que encerrara as minas em 1970), o processo SAAL, a alfabetização e os problemas dos reformados ocupam o segundo painel. Aí este filme é forte, convicto, militante. As actividades culturais da comunidade (do jornal «O Diálogo» ao folclore, da banda musical ao teatro) fazem o terceiro painel. Aí São Pedro da Cova **é descritivo, escorreitamente documental.**

NA ÓPERA CÓMICA DE BERLIM (RDA)

"O Rapto no Serralho" numa realização-modelo

É de séculos, na Alemanha, a tradição da ópera concebida como um todo teatral. Mas data de há pouco mais de trinta anos, com Walter Felsenstein, a reformulação teórica e prática dessa tradição, aquilo a que podíamos chamar o renascimento da ópera como espectáculo actual, capaz de corresponder às necessidades e solicitações de uma comunidade, isto é, inserido no processo sócio-cultural não marginalmente como manifestação de uma *élite* mas centralmente como factor de formação e evolução da consciência colectiva.

A partir da experiência de Felsenstein, cujas ideias só puderam ser postas à prova continuamente com a fundação da Ópera Cómica de Berlim (ver DL de 13.11.81: «O Teatro Musical de Walter Felsenstein»), toda uma nova filosofia do espectáculo de ópera se desenvolveu e expandiu nos teatros da República Democrática Alemã. Relativamente à montagem moderna do reportório tradicional, ganharam particular importância questões como a da relação de actualidade e historicidade, a do conceito de fidelidade à partitura, a dos sistemas e comunicação à data da criação da obra e no presente, a do próprio conceito de acção e de fábula no teatro musical. Exemplo do tipo de abordagem teórica que se tem feito destes problemas é um colóquio realizado em 1972 que, além de especialistas como Horst Seeger (hoje intendente dos Teatros de Dresden), Gerd Rienäcker (professor de Teoria do Teatro Musical na Universidade Humboldt), Horst Bonnet (encenador) e Hans-Joachim Irmer (dramaturgo), entre outros, reuniu dois dos mais dotados discípulos de Felsenstein, que se encontram na casa dos quarenta anos e acabam de realizar a sua primeira temporada à frente dos teatros para que foram recentemente nomeados: são eles Harry Kupfer (novo director artístico da Ópera Cómica de Berlim, que sucedeu a Joachim Herz) e Friedrich (novo intendente da Ópera Alemã de Berlim-Ocidental, que sucedeu a Siegfried Palm). Já me referi a trabalhos do primeiro na Ópera Estatal Alemã de Berlim (o velho edifício setecentista mandado edificar por Frederico II e recuperado das destruições da guerra pelo governo da RDA) e na Ópera Cómica, encenações respectivamente da *Salomé* e dos *Mestres-Cantores* (ver DL de 24.4.82 e 8.5.82). Quanto ao segundo, terei ocasião de me ocupar proximamente de alguns dos pontos salientes da temporada que dirigiu em Berlim-Ocidental, nas condições sócio-culturais de um teatro a que só a alta burguesia pode ter acesso.

Por agora volto a Kupfer e à Ópera Cómica para dar parte de mais uma realização-modelo no capítulo da reavaliação e redescoberta do reportório tradicional. *O Rapto no Serralho* de Mozart, espectáculo estreado em Março que rapidamente se transformou num dos mais populares de Berlim. A lotação da sala esgota-se para as sucessivas representações e o público não esmorece no entusiasmo com que corresponde, participativo e atento, ao discurso cénico-musical de uma vivacidade rara que perante ele se desenrola.

Dar vida a uma concepção

Os elementos essenciais da dramaturgia que serviu de base à encenação estão patentes no programa distribuído aos espectadores, cuja redacção é da responsabilidade de Eberhard Schmidt, professor da cadeira de encenação da Escola Superior de Música Hanns Eisler. Uma citação de Romain Rolland, centrada no tema do amor e da ternura que se libertam da música de Mozart, introduz uma série de textos de Montesquieu (**Cartas Persas**), Lessing (**Laokoon**), Herder (**Cartas para a satisfação da Humanidade**) Goethe (cena final da **Ifigénia em Tauris**), Georg Maurer (poema **O Homem**) do próprio Mozart (uma carta ao pai) e um conjunto de documentos iconográficos de Van Eyck a Picasso susceptíveis de relacionação com a obra ou com a problemática que dela decorre. É neste contexto que aparecem as contribuições originais de Joachim Grosskreutz («O **Rapto** de Mozart no Teatro Nacional Alemão de Viena») e do já citado Eberhard Schmidt («Do conformismo ao Humanismo» e «Humanidade feita som»), das quais mais directamente se extraem os fundamentos da concepção da obra a que a cena dá vida.

O dar vida à concepção que se partilha foi a tarefa da equipa constituída por Rolf Reuter (direcção musical), Harry Kupfer (encenação), Marco Arturo Marelli (cenografia), Reinhard Heinrich (figurinos) e, naturalmente também, dos responsáveis pela preparação do coro e musical em geral, respectivamente Dieter Hänsel e Christoph-Albrecht von Kamptz. Na base de tudo a numerosa equipa técnica do teatro.

Este complexo de contribuições destina-se a servir da maneira eficaz os elementos centrais da representação, ou seja, os actores-cantores, o coro e a orquestra.

Personagens convincentes

A preocupação de edificar personagens convincentes, cheias de força, tal como lhes dá corpo a partitura, segundo a leitura analítica que dela se fez, foi coroada de êxito: cada um dos tipos mozartianos, que um **habitué** da ópera já consideraria familiares, transfigurou-se numa nova **dramatis persona,** ganhou tanto em dimensão psicológica, autenticidade histórico-social e projecção actual que parece impossível de agora em diante imaginá-los de outra maneira. Não se dirá que constituem paradigma para todas as futuras encenações (isso seria negar o próprio princípio felsensteiniano de partir sempre do zero), mas correspondem sem dúvida à representação mais rica, profunda e coerente a que poderiam ter levado a concepção e os pressupostos artísticos, culturais e técnicos sobre os quais se trabalhou.

Bem elucidativo do critério de rigor teatral que presidiu ao todo é ter-se convidado para o papel de Paxá Selim (inteiramente declamado) um dos grandes actores alemães, aliás director da Escola Superior de Teatro da RDA: Hans-Peter Minetti. O mesmo critério de rigor ditou a escolha do elenco de cantores, onde o que contou não foi só o carácter vocal pedido pela partitura mas também as condições de estatura e tipo físico adequadas à caracterização global e perfeita de cada personagem. Magda Nador (**Constança**) mostrou bem como é possível esconder por detrás de um rosto angelical vontade firme, energia, coragem, determinação (está tudo na ária «Marter aller arten» — «torturas de toda a sorte» — realizada com extraordinária intensidade dramática, ainda quando nem a sua voz se fazia ouvir, logo na troca de olhares e de gestos com Selim, por sobre a extensa introdução instrumental). Barbara Sternberger (**Blondi**) foi, até ao pormenor, a inglesa típica, na boca da qual a recusa da condição da mulher como mercadoria é uma reivindicação consciente, assumida e, ao mesmo tempo, uma aspiração popular. A sua relação tanto com Osmin, que sem êxito lhe ordena que a ame, como com Pedrillo, que duvida da sua fidelidade, traduziu-se sempre na mesma espontaneidade de atitudes que quadra ao seu carácter extrovertido e se manifesta com especial exuberância na bofetada (também acontecimento musical) com que castiga o namorado Espontaneidade que tranpôs, aliás, para a realização vocal ou, se quisermos, que a esta era inerente.

Osmin não consegue ser mau

Pedrillo (Uwe Peper) e Osmin (Hans Franzen) respectivamente o criado de Belmonte e o criado ou valido de Selim, definiram-se em função um do outro desde o primeiro encontro, um momento que há-de perdurar na memória da Ópera Cómica de Berlim como cena de antologia da melhor tradição felsensteiniana e do espírito do **Singspiel**. Realizada com recurso a constantes «gags» que sublinham a comicidade das situações, nela ficam desde logo traçadas as personalidades de cada um. Percebe-se claramente, e isto é importante para o desenrolar subsequente da acção, que Osmin não é um ser execrável (como podia sê-lo, com aquela música?...) mas um pobre diabo que ama convictamente à sua maneira muçulmana, sem possuir as «luzes» que estão na origem da sabedoria e generosidade de Selim. Sabedoria e generosidade que não excluem a compreensão humana pelo próprio **caso** Osmin, na cena final. O contraponto entre as invectivas, as ameaças e afirmações de poder ou vingança de Osmin e o jogo de Pedrillo a desmenti-las a cada passo (através de processos cénicos cheios de graça e imaginação) constitui, ao mesmo tempo, nessa cena, um exemplo de como os significados contidos numa ária resultam **essencialmente** (não decorativa ou acessoriamente) da síntese audio-visual.

«Blondchen» (Barbara Sternberg

Constança e Selim: uma interrogação

Também Günter Neumann (Belmonte) correspondeu inteiramente às exigências da personagem, até no esforço vocal a que toda a evidência se obrigou. Uma certa «verdura» aparentada (e que não é intrínseca ao actor-cantor, que tem chamado a si com êxito papéis de grande responsabilidade, ao longo de uma já larga carreira) contribuiu para a verosimilhança da leitura que o final deixa ficar no ar: será que Constança, ao partir com Belmonte, leva no coração Selim? Tamanho acto de generosidade — perdoar ao filho do seu pior inimigo e deixá-lo partir com a mulher desejada (versão bem diferente do libreto conformista de Bretzner, que Stephanie e Mozart transformaram ou «subverteram...») — teria de transformar, de facto, a imagem do sábio Selim aos olhos de Constança. Até que ponto? Os traços da personagem do «Paxá», tal como decorrem desta encenação não excluem essa leve insinuação ou interrogação...

Não menor rigor e eficácia manifestaram os elementos do coro da Ópera Cómica bem como actores-figurantes que encarnaram a população turca. Mais uma vez as solu-

Selim (Hans-Peter Minetti), Belmonte (Günter Neumann) e Constança (Magda Nador). Surpreendidos pelos guardas, os fugitivos são levados à presença do «Paxá»

Osmin (Hans Franzen) e Pedrillo (Uwe Peper) no seu primeiro encontro

A população troça de Osmin (cena final). No momento seguinte, Selim manda-os

er) e Pedrillo (Uwe Peper)

ões cénicas encontradas nada tive-
am a ver com rotineiras «entradas»
«saídas» de coro, antes se fizeram
epresentar movimentos de «mas-
as» com perfeita lógica dramática.

Pressuposto da fluência da acção
oi a utilização do palco giratório,
tilizado aliás não no sentido de
ma estética de «ilusão» mas como
lemento (rítmico) de uma lingua-
em cénico-musical global, isto é,
omo elemento produtor de sentido.
laveria a registar várias inovações
a fábula, que a tornaram mais só-
ida ou coesa, sem alterar uma sí-
aba no texto ou um compasso na
úsica. Entre elas menciono o
no interposto entre o momento
a descoberta da fuga e o perdão de
elim. As 24 horas decorridas, com
insónia de Selim discretamente
epresentada face ao dueto de amor
na prisão) de Constança e Bel-
honte, conferem ao seu acto muito
naior verosimilhança dramática.

É de mencionar também a colabo-
ação de uma personagem muda
Rudolf Mayer), um novo elemento
uffo que contribui para resolver a
ena da fuga.

**Mário
Vieira de Carvalho**

calar

JAIME ISIDORO E A BIENAL DE V. N. DE CERVEIRA

"Queremos que a pintura saia da moldura em que tem estado"

No mais estreito espaço que separa o místico e o real, o fantástico e o inocente, este canto de prazer que é o «Norte do Minho», esta «fotografia» de uma cultura cultivada ao ritmo da atmosfera fria de Vila Nova de Cerveira, é a surpresa de Jaime Isidoro. Este nome que a arte portuguesa lançou para o primeiro plano da vida pública, vai fazendo «esquecer» o pintor que muito próximo está de toda a linha criativa do «ciclo de arte portuguesa».

É da Bienal que ele, como organizador, nos fala. Transporta-nos para ela, animando o nosso universo imaginário com as verdades correntes da vida de uma pequena vila, das suas políticas, das máfias familiares, dos demónios e pequenos nadas que o artista amplia em painéis ingénuos, com uma subtileza e domínio de quem tem nas mãos e no sangue a própria crónica por ele vivida ao lado das personagens com quem convive.

Jaime Isidoro, de 58 anos, pintor e organizador das Bienais de Vila Nova de Cerveira conta-nos como aconteceu o «milagre».

Como apareceu a ideia de organizar uma exposição com o nome de Bienal, no norte de Portugal, mais precisamente em Vila Nova de Cerveira?

J.I. — O realizar-se nesta Vila deve-se ao facto de haver aqui uma Câmara Municipal sensibilizada para receber manifestações de divulgação de arte moderna que atinge a vanguarda, tanto no pensamento actual da arte, quanto naquilo que se faz hoje em relação à criação artística.

A Arte é sempre contestada no momento da sua criação. Eu sei-o bem dado que, ao longo destes 28 anos, tenho sido um divulgador da Arte Moderna, trabalho a que me propus quando fundei a Galeria Alvarez.

Nessa altura, em 1954, não havia nada. As galerias apenas fechavam e abriam exposições. A arte moderna não era entendida nem absorvida, nem comprada. E eu trabalhei no sentido de a promover.

Quanto às Bienais, já são, em si, um velho sonho que vem detrás, quando da organização de vários festivais, nomeadamente os Encontros Internacionais de Arte realizados em Valadares, depois em Viana do Castelo, na Póvoa do Varzim e nas Caldas da Rainha.

Especificamente, em Vila Nova de Cerveira, a Bienal deve-se ao Presidente da Câmara que já na altura era meu amigo e, interessado como é em arte moderna, pediu-me uma exposição. Ele, tal como eu, sabe perfeitamente como é gravemente descuidado o interesse reservado ao campo da cultura. Os Presidentes das Câmaras normalmente tratam dos caminhos, electricidade, fontanários, água, escolas, que são bem necessários como nós sabemos, mas descuidam, e isso é grave, a parte cultural. Nós os artistas vivemos bastante mal nesta Nação porque não há estímulo à criatividade. Pelo menos as obras só são entendidas quando estão catalogadas ou já se encontram em museu.

Tendo a Bienal se transformado num acontecimento cultural nacional com o projecto para se tornar internacional, não é de prever que a organização desta manifestação venha a ser extremamente complexa e com consequências a nível diversíssimo?

J.I. — Sim. Quando falo dos meus 28 anos de trabalho, quer dizer que por trás de tudo isto há um substracto de interesse e de promoção sócio-cultural que pretendo efectivar a partir do espaço de Vila Nova de Cerveira, terra lindíssima, mas que queremos que se expanda. Pretendemos construir aqui um Centro de Arte, que a curto prazo venha, não só servir a região e a terra, como desempenhar certa influência e projecção em todo o País, como aliás já se verifica. Vieram, por exemplo, tantas obras de artistas do Porto quantas as de Lisboa, e nós superámos o problema do envio dos trabalhos para Cerveira. A Sociedade Nacional de Belas Artes colaborou connosco e a Secretaria de Estado da Cultura também. Fazemos questão, apesar de estarmos num dos extremos do norte de Portugal, de que a Bienal tenha interesse nacional. Verificamos isso todos os dias, com o público que aparece aqui de quase todos os pontos do País.

— Considera que há em tudo isto um momento de aprendizagem, de impacto pedagógico, de dinamização cultural, que no começo não tenha sido considerado, mas que agora se vai tentar desenvolver, ampliar e diversificar?

J.I. — Acho que esta Bienal está a atingir aquilo que pensei que ela iria ser. Isto é: o que pretendia fazer está a chegar aos objectivos para que foi criada. Não basta fazer uma exposição de artes plásticas circunscrita ou reduzida ao problema da pintura, escultura e gravura. A arte toma, hoje, aspectos muito mais largos e abrange um âmbito, uma diversidade de expressões que têm de estar presentes para atingirmos os fins a que nos propusemos. O que pretendo fazer é uma Bienal, que seja um Festival de Arte que abarque todas as manifestações artísticas: do teatro à poesia, passando pela «performance», música gravura, pintura, escultura. Mas queremos mais. Queremos que a pintura saia da moldura onde tem estado, do atelier onde é criada, para um lugar onde o público possa participar. As pessoas têm do artista que está no seu atelier uma noção mistificada. «Um deus». É preciso destruir isso. É preciso pôr a pessoa a ver como se pinta, como se processa, desde o esboço, desenho, até ao fim. E o público assiste nos ateliers livres (como aqueles que criámos nesta Bienal) porque eles estão a funcionar para isso. A assistência jovem pode ir assim absorvendo esta experiência.

— Não será vossa a ideia de instalar uma colónia de artistas que trabalhe aqui o ano inteiro, ou quando cá quiser estar? Quer dizer: criar condições que permitam um trabalho contínuo, acção pedagógica e ao mesmo tempo um polo de atracção?

J.I. — É isso que pretendemos. No final da primeira e segunda Bienais, surgiu nesta terra a frase seguinte: «então e agora? Vocês vão-se embora e nós ficamos aqui isolados, sem nada?» Daí verifiquei que de facto as bienais tinham entrado no interesse da gente desta terra que se habituou a ver os artistas a trabalharem. Agora o que pretendemos, tal como o Município, é organizar um atelier livre que funcione todo o ano; espaço para exposições contínuas e apartamentos para artistas. Aqui há um aspecto importante que gostaria de mencionar e que é um dos meus objectivos, de certo modo conseguido: fiz parte da 12.ª Missão Estética de Férias em 1948, realizada em Vila Viçosa. A Academia Nacional de Belas Artes pagava todos os anos a estadia dos artistas durante dois meses numa região determinada. O artista ia para uma terra e instalava-se, pintava, não tinha problemas com alojamento ou alimentação. Depois se queria, deixava lá um quadro, como uma forma de agradecimento a essa terra. Esta modalidade acabou como todas as coisas boas neste País que ficam sem continuidade.

Mas a Câmara de Cerveira, e nisso tem sido extraordinária, tem efectuado um investimento cultural regular que é uma lição para o País e para os responsáveis pela cultura. Se não vejamos: o artista que vem à Bienal tem a estadia paga, alimentação materiais para trabalhar (tanto em pintura como escultura, serigrafia, fotografia, etc.) e a Câmara fica, em troca, com um trabalho dos artistas.

Ao fim desta III Bienal a Câmara já possui cerca de duzentas obras que poderão constituir o princípio de um Museu de Arte Moderna. Agora só faltam as instalações que já estão a ser estudadas.

— É extraordinário que num país onde se fala muito e se faz tão pouco, vocês conseguissem fazer tanto...

J.I. — Aqui não há tempo para conversas desnecessárias. Da ideia à realização é um passo. Não quero dizer que isto seja perfeito. Claro que há críticas a fazer e coisas a aperfeiçoar...

— Sei que fazem no final uma avaliação para corrigir erros, fazer modificações, introduzir novos elementos...

J.I. — Cada Bienal é um novo problema. Até porque nunca queremos uma repetição da anterior. Cada uma será sempre um acto de criação sem esquecer que deve, acima de tudo, servir os interesses culturais de Portugal.

O Presidente da Câmara deu-me carta branca para eu fazer uma exposição de arte moderna de forma experimental. A isso chamei Bienal, palavra que na altura era ainda pouco compreensível para as pessoas. Hoje, o vocábulo entrou nas raízes desta terra e tenho a impressão de que terá continuidade, porque os cerveirenses não deixarão que esta Festa de Arte que acontece aqui de dois em dois anos, acabe. Além disso é uma manifestação cultural que se pode considerar o que de mais positivo há, dentro da chamada descentralização cultural. Esta palavra já tem alguns anos, está gasta, está dentro da política de fachada herdada do passado recente, mas continua a preocupar-nos. O 25 de Abril não realizou uma revolução cultural. Os ministros sucedem-se e não têm tempo de fazer andar os projectos que são muitos.

Já o nosso Centro de Arte, há pouco referido, está em vias de se tornar realidade. E sê-lo-á numa região priveligiada pela sua beleza natural nas margens do Rio Minho, ao pé da montanha e perto do mar. Eu disse à Câmara que seria importante ceder terreno aos artistas para construirem eles próprios os seus ateliers, vindo a pagá-los com obras de arte. A Câmara mostrou-se receptiva e interessada e tenho a impressão que isso vai para a frente.

— A meu ver, o seu grande mérito deve-se ao facto de que a descentralização cultural foi feita de baixo para cima. Isto é: não foi feita à boa maneira portuguesa, que é pedir primeiro ao Estado. Vocês é que começaram sem esperar que o Estado realizasse. Não foi assim?

J.I. — Foi. Sabe, estas coisas têm de ser vividas com uma certa intensidade emocional e com determinado poder de realização. Aconteceu eu ser pintor numa época em que o artista moderno era um pouco marginalizado (1950), e os espaços abertos à arte estarem ocupados por uma pintura de um certo paisagismo tradicional (arte de sentido documental). Então, comecei a abrir os olhos para as manifestações de arte moderna e passei a compreender o atraso em que estavamos em relação ao movimento de artes plásticas no mundo inteiro. Assim, resolvi criar uma galeria que era única por ser a primeira (estávamos em 1954), para divulgar a arte moderna. A Galeria Alvarez.

— Foi portanto um pioneiro. Acha que continua a sê-lo?

J.I. — Penso que sim. Fiz tudo com entusiasmo. Deu-me muito gosto e não sinto que tenha mérito nenhum nisso. Sou produto de uma sociedade, mas também intervenho nela. Como artista conheço as suas carências e dediquei-me à divulgação da arte moderna. Tenho até a impressão de que pelo menos interferi esteticamente na sociedade portuguesa.

— É compensador para o artista jovem ou consagrado expor aqui? Há ou não procura?

J.I. — Na organização da Bienal não há qualquer sentido de comercialização. Todos os espectáculos são gratuitos, sejam eles teatro, música, recitais ou entradas na exposição. Mas penso que futuramente o público deveria contribuir com uma pequena parte nos pagamentos de entradas em espectáculos e a Bienal deverá começar assim um trabalho de conquista de independência económica — o que naturalmente será difícil. Mas há mais: desenvolver no plano editorial, edições de álbuns de artistas, serigrafias a preços acessíveis, uma revista de arte e a criação de um grupo por quotas, de Amigos da Bienal, que receberiam em troca, álbuns de artistas, serigrafias e revistas de arte. Seria uma das vias de acção cultural e ao mesmo tempo uma forma de angariação de meios financeiros.

O bando: comunicar o inconformismo da criação (2)

Não queremos um teatro «infantil-ista». As crianças não precisam de um tratamento artístico especial desde que possam descodificar a obra que lhes é apresentada. Não precisam de mais «poesia», «ternura», erotismo, de confiança em si próprias, de vontade de tornar o que nos rodeia numa sociedade mais alegre e mais justa que o adulto. O que é exacto é que quanto mais cedo armarmos a mulher e o homem com tudo isto e com um conhecimento crítico e aprofundado da sociedade em que vivem, mais certos podemos estar de que as gerações futuras vão ser transformadoras.

Declaração incluída em «Manifesto» publicado há dois anos pelo grupo de teatro-animação O Bando que tece o seu início post 25 de Abril e cujos principais espectáculos foram Pastor Dezembro 74), Onzikzaf (Outubro 78), Auto dos Altos e Baixos (Julho 79), História da Estrela Escondida por Trás da Montanha (Maio 80), Cenas da Vida d'el Rei Ramiro (Dezembro 80), Caras ou Coroas (Outubro 81) — com o qual participará no Festival de Vancôver, organização da AQIT (Associação do Teatro Jovem do Quebec) e do Theâtre de la Marmaille — e ainda Aton (Maio 82). A propósito do grupo — sua ideologia, perspectivação e actividade — recolhemos um depoimento de **João Brites,** principal responsável por esta companhia que presentemente prepara um espectáculo sobre a figura de Afonso Henriques, conforme referimos na última semana neste suplemento.

O prazer, a educação, a produção, considerações e dependências

— Lutamos contra uma divisão aberrante do tempo que é atribuída às pessoas. Até aos seis anos é o tempo do divertimento, até aos vinte o tempo da educação, daí em diante o da produção. É curioso que os homens e as mulheres gostam de brincar ao trabalho até aos seis anos, depois passam a receá-lo, estando embora ligados a um tempo anterior. Na escola, porque é que o desenho e a expressão dramática, por exemplo, são tidos como um tempo de prazer e a Matemática e a História se transformam geralmente no tempo da obrigatoriedade do trabalho? A criança está dependente política, social, económica e afectivamente. É um ser culturalmente dependente. A sua emancipação passa pela conquista do poder não só político e económico mas também artístico e científico. A **emancipação** é obra de um conjunto do qual faz parte a criança e o teatro é um instrumento que a deve servir. Mas o teatro para a infância que não contenha uma certa **subversão** dos conceitos eséticos, morais, sociais tende a ser um teatro a brincar, brincar ao teatro, brincar a ser crianças, brincar a viver. É claro que estamos de acordo com a teoria de que a componente lúdica é indispensável na vida mas o teatro para a infância, ainda mais facilmente que o outro, escorrega para a ocupação dos tempos livres, para a ilustraçãozinha da vida, limitando-se a mostrar mas não tomando posição porque é mais cómodo. Mas voltando à tal divisão dos tempos das pessoas, o teatro aparece na escola como um tempo de divertimento uma vez que esse tempo não existe nos seus programas.

Na maioria dos casos a escola é um lugar de opressão. Então o teatro para as crianças funciona como um escape, tal como um passeio e sobretudo um pretexto para não ter aulas. O gosto pelo teatro não é incentivado, e isto começa porque nos pedem para ir aos seus locais evitando deslocações a espaços que consideramos mais propícios à inventiva e ao gosto por esta arte, como pátios, ginásios, ruas, largos, pracetas, espaços rurais...

Claro que são as direções que nos contratam que no fundo nos consideram saltimbancos e palhaços (na acepção depreciativa das pala[illegible] que forma de ganhar a vida não é coisa séria. Não somos reconhecidos porque estamos dependentes de professores que dependem dum programa do Ministério da Educação que está dependente do governo.

Intervir, modificar

— Participamos numa corrente não formalizada que dessacraliza os espaços teatrais, que não se limita a uma sala própria. Onde o criador não é um mito distante. Teatro que tende a libertar-se do imobilismo, das etiquetas e que arrisca pondo-se em questão no contacto vivo com o público. Corrente que não abdica da função primeira do teatro: **intervir** para ajudar a **notificar.**

Quando nos deslocamos às escolas sentimos muitas vezes que o teatro não serve senão para embelezar as suas salas com coisas «atractivas» para enganar o tédio rotineiro. Ora o **teatro decorativo** é uma forma ilusória de progresso cultura, confundindo-o com o andar à procura de novas formas estéticas, alternativa duma sociedade que para manter a ideologia dominante precisa, a nível de arte, de incentivar o formalismo.

Limpidez e acessibilidade

— Nalguns casos defendemos que o teatro para a infância é mais inovador do que o teatro para adultos. Isto não quer dizer que todas as experiências tenham resultado. O teatro acessível à infância é o terreno mais fértil para a criação de um teatro popular. Não negando as virtualidades e importância histórica do teatro de agitação, o teatro que queremos não é um cartaz que se leia de imediato nas particularidades das suas múltiplas acções. Esforçamo-nos por que o aspecto global seja límpido, que se imponha com clareza e sem ambiguidades. Ao trabalharmos para a infância exigimos das nossas próprias obras que elas sejam acessíveis a todos, sem paternalismos, enfocando a problemática universal da perpétua luta do homem pelo domínio da natureza.

Um inesperado falhanço

— O que sucedeu com o nosso último espectáculo **Caras** ou **Coroas** revelador do nosso meio educacional e cultural. Nem sequer tínhamos locais para apresentá-lo porque sendo um grande empreendimento muitos dos professores não nos cederam os ginásios «com receio de que os sujássemos». Fizemos trinta representações de um espectáculo cujo cenário havia custado cerca de quinhenos contos, nove actores, depuração, esforço, o nosso melhor. Se o teatro não fosse uma arte efémera julgamos sem modéstias, que seria um trabalho notório julgado daqui a muito tempo. No entanto passou despercebido, não foi assimilado nem teve apoio da crítica. Esta, aliás, furta-se a manifestar-se quando se trata de **criações colectivas** ou fá-lo sobre o joelho. Talvez porque nestes casos não disponha de livros em casa para consulta ou «inspiração».

Para nós trabalhar em **colectivo** é uma **opção política.** Numa sociedade cujo interesse da ideologia dominante é o de individualizar para dividir, engordando alguns com a tentação do prestígio individual, para facilitar o seu trabalho em controlar os outros, o agrupamento de pessoas é um acto subversivo quando não pode ser directamente policiado. A tentativa de controlo indirecto está sempre presente. A autocensura, o fatalismo, o oportunismo... são aspectos desse policiamento indirecto que actua ideologicamente no interior dos colectivos, através dos seus elementos mais frágeis.

A criança no espectáculo — sua participação

— Ser artista e animador é querer educar a disponibilidade da criança para **conceber** e **estar** no espectáculo doutro modo. É aprofundar o nosso conhecimento do público que queremos atingir tornando mais consequente a intervenção sócio-cultural. O actor-animador deve, mantendo a sua identidade, abandonar o comando da acção às próprias crianças, mas isto implica saber comunicar com elas, aceitá-las como público activo que está ali na sala para isso mesmo. Mas duvidamos que as crianças possam estar activas mantendo-se quietinhas e boquiabertas: receptores ideais dos que chamam **magia teatral a um estado de hipnose** e dos que aceitam a participação no espectáculo **que foi previamente programada.** Chegado o momento lá temos as criancinhas em coro, a cantar, a bater palminhas, a dizer um, dois, três sob o comando do actor-sinaleiro.

Muitas vezes acontece que o meio é adverso ao próprio espectáculo. Os actores, pouco seguros da sua disponibilidade, do seu bom humor e da sua capacidade de se colocarem em questão, têm medo das crianças com um coeficiente razoável de «emancipação». À s vezes o saldo é um grande esgotamento, a caminhada que pode moralmente destruir. É que todos aqueles que estão diariamente em contacto com as crianças sabem que elas não são nenhuns anjinhos da guarda: são também egoístas, parvas, maldosas, levantam-se durante os espectáculos, fazem barulho, vão fazer chichi, lançam bolinhas e aviões de papel e só não nos mandam ovos e tomates porque não os têm à mão. Na criança que prejudica o desenrolar do espectáculo vemos que a sua **irreverência** sendo positiva não significa **contestação** ao que está a assistir.

Fazer teatro tomar posições

Sem infra-estruturas compatíveis com o desenvolvimento do meio teatral tudo isto resulta um combate inglório. A nossa vida tornou-se muito difícil. Estamos a construir a nossa sede, na Quinta da Casquilha, com autocarros da carris, desde há dois anos e meio. Todos se entusiasmam, nos dão o seu **apoio moral** mas apenas a Gulbenkian contribuiu com quinze por cento da verba do projecto. Da Secretaria de Estado da Cultura nem um tostão. A falta de perspectivas é penosa.

Para nós o teatro reconhece antes do mais ser movimento, vida em transformação. Repudiamos o teatro espelho ou lupa da vida que se limita a ilustrar os acontecimentos sem tomar posição sobre eles, sem proporcionar uma tomada de consciência por parte do público, logo sem dividir, sem conter implicitamente alternativas. O texto, a dramaturgia, a encenação, a cenografia, o trabalho de actores revelam uma posição política mesmo naqueles que clamam aos quatro ventos não defenderem coisa alguma e contribuem sempre para que as opções futuras do espectador sejam ou não mais claras.

MARIA EMÍLIA CORREIA

ESQUELETOS EFÉMEROS

A mais recente descoberta no capítulo dos fósseis anunciada recentemente é uma pequena criatura, de talvez 16 ou 17 anos, desenterrada no vale do rio Awash, na Etiópia, no chamado Triângulo de Afar, numa expedição chefiada pelo antropólogo de ascendência inglesa, naturalizado americano, J. Desmonde Clark, que se deslocou com quinze membros, entre os quais Timothy White. Anos antes, Donald Johanson, fizera a descoberta do esqueleto de Lucy e da Primeira Família, a cerca de 45 milhas ao norte do local deste último achado. Citado pela revista «Time», Clark afirmou que pensava que tinham em mãos algo ao mesmo tempo excitante e significativo.

A ser correcta a idade, (4 milhões de anos), deste esqueleto, confirma-se a hipótese de que os nossos antepassados mais primitivos teriam aprendido a andar erectos antes de terem desenvolvido uma capacidade craniana mais próxima dos estádios posteriores.

Desde que a guerra entre a Etiópia e a Somália tinha interdito as pesquisas na região de Afar, esta foi a primeira expedição a encontrar-se com dados novos. Em 1979 Johanson e Tim White designaram o achado de Lucy (nome dado aos restos de uma fêmea desenterrada em 1974 em virtude de, na noite anterior à descoberta, os antropólogos terem escutado na tenda, uma fita gravada com a canção dos Beatles, «Lucy in the sky with diamonds») como fazendo parte de uma nova designação, o **Australopithecus afarensis.**

Johanson descreve todos os passos da sua expedição, o trabalho de campo, as dúvidas e as incertezas, e finalmente a determinação e a certeza do valor da sua posição no livro «Lucy: The Beginnigns of Humankind» (Lucy: Os começos da Humanidade).

White e Clark, depois de chegarem a uma conclusão quanto à datação dos recentes despojos, sugeriram que poderiam ter à roda de 4 milhões de anos. Se nos lembrarmos que Lucy foi datada entre 2.6 milhões e 3.75 milhões verificamos que existe uma «ligeira» diferença de quatrocentos mil anos, o que aproxima as duas descobertas, pondo-as em relativa proximidade da ideia de White de que, ao contrário do que era suposto ser um dado desde as descobertas de Darwin, as espécies mudam, não gradualmente, mas em períodos curtos e rápidos.

O esqueleto agora encontrado em Afar possui uma capacidade craniana de 400 cc., um quarto, aproximadamente, da capacidade do crâneo do Homo sapiens e, afirmou White, são os mais antigos claramente identificados de um hominideo jamais encontrado.

Se olharmos o mapa veremos que toda a região que se estende desde a Etiópia até aos grandes lagos é um terreno fértil para a pesquisa de evidência de antepassados da espécie humana.

Naturalmente a controvérsia acerca das descobertas efectuadas é a sombra que acompanha o sol abrasador debaixo do qual os cientistas trabalham.

Podem mesmo dizer-se que estes esqueletos ou parte deles, que são trazidos à luz do dia, são muito efémeros, quer dizer, estão constantemente sujeitos a serem «desmentidos» por antepassados seus, que ainda jazem adormecidos esperando que a paciência e a intuição lhes retirem a camada de sedimentos que os cobrem.

Actualmente, a principal disputa centra-se entre a família Leakey, cujos membros (Louis, o pai, Mary a mãe e Richard, o filho) desenvolveram actividades nestas regiões desde há décadas, e os novos turcos da paleoantropologia. Negam eles que o **afarensis** seja, como o pretende Johanson, algum dos elos perdidos na cadeia que passa pelo **Homo habilis** e segue até ao **sapiens.** A nova descoberta introduz novos dados e, certamente, novas trocas de afirmações e negações.

Disse Johanson no seu livro: «a maior parte do que sabemos do **Homo erectur** é de ordem cultural. Sabemos como e o que ele comia, sabemos que ele cozinhava a sua comida e fazia o seu vestuário. Sabemos que era um excelente caçador de animais de grande porte e que fez uma grande variedade de utensílios de pedra. Aquilo que não sabemos é exactamente como e quando (e mesmo se) surgiu o **Homo habilis.**

Como explicar o presumível salto súbito do **Homo habilis** para o **erectus?** Será que foi tão de repente? Por que é que aconteceu? Teria sido causado por um repentino surto evolucionário vindo doutra cultura, uma nova cultura de utensílios mais avançada? Se foi assim, onde e como e por que é que surgiu essa nova cultura?».

O problema está em saber qual o ramo de verdadeiros pais ancestrais do homem. Neste campo as ideias entre Johanson e White e os Leakeys são contrárias, mas o imenso triângulo de Afar reserva novas surpresas.

Segundo um antropólogo da Universidade de Nova Iorque, nessa região foram encontrados já fósseis animais datando desde há seis milhões de anos, afirmando que isso é material suficiente para mais de duas dezenas de expedições.

Desde que em 1959, Mary Leakeay descobriu um crânio inteiro com dezasseis dentes, na região de Olduvai, e que foi datado, na altura, em mais de um milhão e setecentos e cinquenta mil anos, que as datas tidas como seguras para o marco temporal do aparecimento do homem, ou seja, que o homem despontara na Era quaternária, há cerca de um milhão de anos, recuaram cada vez mais.

Escreveu Johason: «os geólogos irão sondar os depósitos de Afar, com uma idade compreendida entre quatro e sete milhões de anos. O que lá encontraremos pode vir a abalar tudo; ainda não se sabe como e quando se deu a transição fundamental do macaco para o hominideo.

Este é o último desafio à paleontologia. O **Afarensis,** segundo parece, mal cabe na classificação dos hominideos; mas qual será o veredicto a dar a um pé com seis milhões de anos ou a uma pelvis com sete milhões?

Estas perguntas não saem da minha cabeça. A resposta está enterrada em Afar e esses ossos farão da Etiópia o centro mundial de fósseis de hominideos. Encontraremos algo que fique entre o macaco e **Lucy,** com cerca de seis milhões de anos. Depois vem **Lucy,** entre os quatro e os três milhões de anos, seguida pelos tipos **afarensis,** chegando até ao **Homo,** por um lado e **africanus,** pelo outro. E surge finalmente o **erectus.**

— Só falta encontrar os fósseis — atalhou Tim White, céptico —. Tem dúvidas? Eles têm de estar lá... e nós vamos encontrá-los, disse Johanson».

De facto quem parece ter encontrado alguma **coisa** mais foi o céptico Tim White.

J.M.M.

TINTIN: um museu do imaginário

REPÓRTER que nunca escreveu uma notícia, descobridor da China de Chiang Kai-Chek, da Lua muito antes de Armstrong e da missão Apolo 11, e do extra-sensorial no Tibete, a famosa criação do belga Hergé, Tintin, dispõe de um «Museu Imaginário», coisa de que mais nenhum outro herói dos quadradinhos poderá gabar-se.

A exposição iniciou a sua carreira no palácio das belas-artes de Bruxelas, onde amadores de BD, tintinólogos e hergenianos dos sete aos setenta e sete anos se comprimiram para apreciar os trofeus e signos do seu imaginário.

O universo dos objectos inscritos nas quase duas dúzias e meia de álbuns de Tintin, encontravam-se expostos à altura de uma criança de oito anos, ombreando com as diferentes edições dos álbuns.

Cargueiros, carros, caixas de marisco, aviões, cetros, espingardas, cachimbos de ópio, máscaras africanas, completavam a colecção de autênticas peças, que inspiraram Hergé.

Uma das características mais marcantes da obra deste patrono da BD de expressão belga, é o extraordinário rigor de criação: um Buda de Sião («Os Cigarros do Charuto do Faraó»), uma túnica de homem leopardo (Tintin no Congo), uma máscara bariba de Dahomey (A Orelha Quebrada) e o famoso «fetiche» arumbaya, que não é mais do uma soberba estátua peruana pré-columbiana.

No entanto, a peça mais espantosa é, incontestavelmente, a múmia do inca Rascar-Capac, que aterrorizou gerações de leitores das «Sete Bolas de Cristal»: trata-se, na realidade, de uma múmia paraka do Peru, exposta pela primeira vez.

Os objectos estavam dispostos de modo a sugerirem uma espécie de Atlas do Mundo: Congo, América, China, Japão, Peru, Escócia, Deserto, Lua, campo dos extraterrestes, etc.

Ao lado destas peças raríssimas, podia-se ver em reconstituição, imagens dos álbuns, concebidos à dimensão de um «écran» de cinema: o ceptro de Ottokar, o retrato em pé do cavaleiro François Hadoque (1656-1755), os cigarros do faráo Kih-Oskh, as cabeleiras multicores de Dupont e Dupond, a casa de ópio do «Lótus Azul» e o quarto de Tintin, recriados à escala liliputeana.

Após este esforço de reconstituição a três dimensões do universo de Tintin, uma pergunta se colocou a muita gente:

Será que Tintin está prestes a morrer?

«Morrerá comigo», respondeu Hergé.

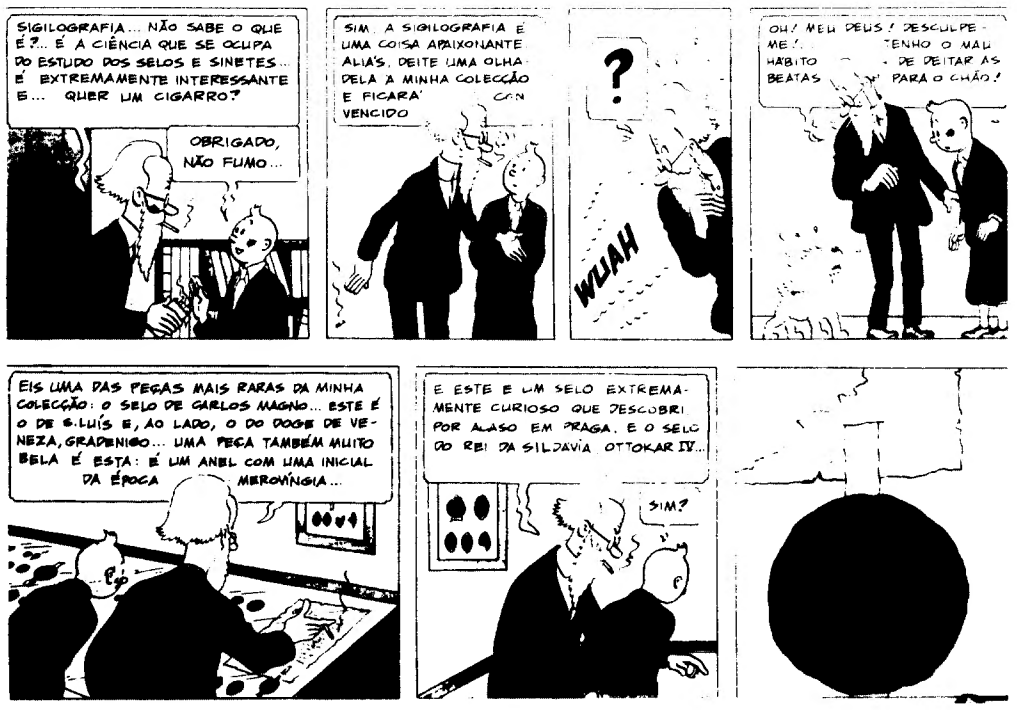
Mas, para alegria de todos os seus admiradores, esse momento ainda está longe. Pelo menos, é o que se pode deduzir do entusiasmo com que Hergé congemina novas aventuras para o seu repórter.

Exposição itinerante, percorreu já o Centro Contemporâneo de Artes Plásticas, de Bordéus e o Centro da Comunidade Francófona da Bélgica, em Paris. Depois, «pulou» para Washington.

Onde estará neste momento? Ignoramos.

Mas a sugestão pode ficar, à laia de remate desta breve evocação do universo de Tintin no mundo dos seus admiradores: haverá por aí alguém interessado em sugerir aos serviços culturais belgas ou franceses a vinda da exposição ao nosso país? Era bem capaz de ter a sua piada.

Carlos Pessoa



Tintin, de Hergé: dos quadradinhos para o museu do real

Naia primaz

Rossio, 115
Rua do Carmo, 45
Av. Roma, 17-A
Rua Almeida e Sousa, 20-A
Rua Frederico Arouca, 45 — CASCAIS
Av. 25 de Abril, 48 — ALMADA

SALDA A PARTIR DE 2.ª-FEIRA

ACEITAMOS CARTÕES SOTTO MAYOR E UNIBANCO

Notícias da BD

«O Rio do Vento»

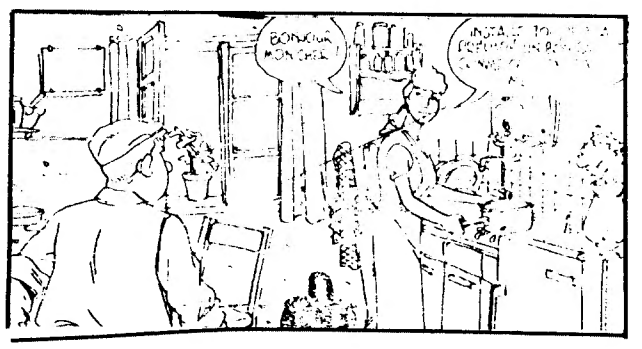
Uma das mais agradáveis surpresas editoriais do ano que corre, é este quinto volume da saga de Jonathan Cartland, editado há já algum tempo entre nós.

Surpresa? Mais do que isso, a banda desenhada de Blanc-Dumont consagra definitivamente um novo nome no Olimpo dos criadores de eleição de quadradinhos.

Voltaremos com mais detalhe a esta banda. Mas, importa desde já chamar a atenção dos leitores, pois tem passado quase despercebida a sucessiva edição das diversas aventuras, em álbum.

É uma das melhores séries da Meribérica e retoma, a uma nova luz, uma poderosa tradição narrativa sobre o Oeste americano que, curiosamente têm os seus expoentes criativos no Velho Continente. E esta?

O resto da surpresa, é consigo, leitor. O que espera para adquirir a obra? Leve para férias, que não se arrepende («O Rio do Vento», de M. Blanc-Dumont — desenho, e Laurence Harle — texto, edição da Meribérica).



«Arrière-Pays»

Imaginem a vida quotidiana nos campos da CEE em tempo de crise espiritual e económica. Acrescentem a história múltipla de um camponês apaixonado, de outro que trocou a cidade pelo campo e de outros que nada têm a ver com aquilo tudo.

Se conseguiram imaginar tudo isto, estão preparados para lerem «Arrière-Pays», de Ferrandez, que a revista «À Suivre» publicou, e a Casterman lançou em álbum.

Banda desenhada interessante e curiosa, que coloca em primeiro plano a vida rural num país economicamente avançado. As semelhanças com a nossa realidade rural, claro está, são pura coincidência.

Mais um motivo, pois, para questionar com atenção a abordagem de uma dimensão da realidade que não ocupa habitualmente os autores de histórias aos quadradinhos («Arrière-Pays», de Ferrandez, edição Casterman).

«Agente Secreto X-9»

Prossegue em bom ritmo a publicação em Portugal das clássicas aventuras de X-9, na versão mais «pura», a de Alex Raymond e Dashiell Hammett.

O sexto volume conhece a estampa à boca de férias, e pode bem integrar o (pequeno ou grande) lote de livros que decidir levar para férias.

A recomendação parece-nos pertinente, tendo sobretudo em conta que você ganha em dois «carrinhos»: um policial em BD não surge todos os dias.

O problema maior residirá, porventura, na circunstância de cada volume não integrar uma aventura completa. Neste, termina a do álbum precedente, para se iniciar «O caso do automóvel em chamas».

De duas, uma: leve a colecção toda — sempre é-mais «clássico» na sua biblioteca — ou compre-a, se ainda o não fez. Em qualquer dos casos, não tem safa. Há que comprar... («Agente Secreto X-9», de Alex Raymond — desenho, e Dashiell Hammett — texto, Edições 70).

Estórias de Portugal

QUANDO, no dia imediato ao da aparição do senhor ministro a garantir que os produtos de primeira necessidade não sofreriam aumento, a carne viu o seu preço engrandecer-se de doze por cento o país compreendeu: o senhor ministro é macrobiótico!

Se de tal facto não vem o menor mal ao mundo, e a prová-lo está o excelente aspecto físico de ilustríssimo membro do governo, o certo é que há por aí quem o não tenha compreendido lá muito bem, de tal forma o hábito (bom ou mau?) da chichinha está arreigado na tradição luso-gastronómica, sendo certo que pais existem no desespero de, uma vez por outra, oferecerem um cheirinho a bife aos seus rebentos.

O recente aumento dos electrodomésticos veio, entretanto, uma vez mais, chamar a atenção para a necessidade de se encarar, definitivamente, a introdução duma nova cadeira no curso geral dos liceus de modo a que, desde tenra idade, as crianças entrem em contacto com uma ciência moderna digna do mais aprofundado estudo... Refiro-me, necessariamente, às necessidades.

Porque as necessidades não são como o sol... isto é, quando nascem não são para todos. O que são necessidades para uns não se torna minimamente necessário a outros. Há pois que definir, analisar, comparar, experimentar as necessidades para posteriormente determinar o seu grau de valia, estabelecer o seu relacionamento com outras de igual ou diferente grandezas, torná-las acessíveis à compreensão das pessoas.

Como o senhor ministro referiu e a população reteve, existem necessidades de primeira... Daí se infere, logicamente, que, se há necessidades que são de primeira, existirão necessidades que o serão de segunda, outras de terceira, de quarta, de quinta, de sexta, de sábado e, até mesmo de domingo, não incluindo nestas últimas a necessidade que a grande maioria da população masculina deste país tem de ir ao futebol nesse dia.

Como se determina então a importância da necessidade?... Como se produz a sua inserção na escala numérica?...

Outrora existiram portugueses de primeira e portugueses de segunda... Não é possível que o processo utilizado para avaliação das necessidades possa ser o mesmo... O «portuguesómetro» caiu de podre já não valia nada nem ninguém.

Porque critério se regem as necessidades?... Não há dúvida estamos em presença dum problema fundamental que não pode ser escamoteado sob pena de nos atrasarmos, ainda mais, culturalmente, correndo sérios riscos de não vermos admitida a nossa entrada na CEE. O que há quem sustente ser necessário.

Não sendo a carne um produto de primeira necessidade quais são os produtos que, através de feitos gloriosos conquistaram direito ao topo na escala hierárquica dos entalanços?...

O açúcar?... No mundo inteiro existem milhões de diabéticos a quem o açúcar necessário é não vê-lo.

O arroz?... Quem tiver massa para que necessita do arroz?

A massa?... Quem tiver arroz para que quer a massa?...

Já vimos que os fogões também não são de primeira necessidade. Salta à vista, compreende-se... Quem não tiver nem arroz, nem massa, nem carne, nem peixe para que necessita de fogão?

São perguntas que, por ignorância, se põem todos os dias e para as quais é urgente dar a resposta através de campanhas de sensibilização, cursos intensivos, seminários, conferências, mesas-redondas ou de outros formatos, propaganda na têvê.

Necessitamos saber tudo a respeito das necessidades.

Por exemplo: o papel higiénico é ou não é um artigo de primeira necessidade! É preciso saber! Um povo instruído é aquele que no momento de fazer uma necessidade sabe rigorosamente que tipo de necessidade está a fazer, se uma necessidade de primeira, de segunda ou de terceira. Só no pleno conhecimento da importância do feito o cidadão livre o poderá saborear completamente atribuindo-lhe a importância que a sua categoria justifica.

Francisco Nicholson

Os meus primeiros passos entre os selvagens

Continuação da pág 1

Tive dificuldades em adormecer. E os mosqueteiros tinham algo a ver com isso. O quiproquó ensinou-me muito da íntima imensidade da América do Sul. Aqui, a geografia aclimatou a história... o passado e o presente justapõem-se, coexistem... As capacidades do território confundiram a cronologia... Os homens de ontem sobrevivem algures, quase sempre... a não ser que sejam mortos com tiros de «winchester!»

Um sótão de humanidade

Eis-nos chegados. A lancha encosta a Puerto-Moré. Um simples alinhamento de «bungalows» cobertos de palmas e de placas de lata, onduladas. El Loco, o comandante do barco, despede-se: «**Boa sorte, Mister!**»

De pé, junto às minhas duas grandes malas e à rede enrolada, vejo o barco afastar-se. Sinto um certo receio: que faço eu aqui?

Felizmente Don Luis Leigue dera-me uma carta de recomendação. Na verdade, um modesto cartão de visita. Sorrio. À esquerda fica o Mato Grosso; atrás de mim a Amazónia boliviana e as savanas de Mojos, mais acima um planalto anormalmente baixo e, por todo o lado, o desconhecido. Chego ao desconhecido com um cartão de visita na mão.

«**Vai à Bolívia, a sua etnografia está subdesenvolvida**», dissera-me um amigo. Adeus África, Oceania, Ásia, Austrália e os dois pólos. As escolhas eram agora outras. Os índios do Grande Planalto ou os da Amazónia? Como não tenho fibra economista e não é grande o meu gosto pelos arquivos, renunciei ao mundo neofeudal dos Andes. No fundo o que desejava não era tanto encontrar um grupo e homens de maneiras diferentes, como uma ordem primitiva generalizada. Um sótão de humanidade.

Miséria e protocolo. A hospitalidade amazónica obedece a regras complicadas que é necessário respeitar.

As crianças e as mulheres não ousam aproximar-se. Os cães ladram. Um homem veste uma camisa branca e passa um pente molhado nos cabelos negros. Resmunga um pouco porque os sapatos de plástico lhe magoam os pés. Aproxima-se:

«**Seja bem vindo, Mister!**»

Com um olhar, calcula a importância do recém-chegado, através da sua pronúncia, da sua idade e do volume das suas bagagens. Leva-o a casa para beber um copo. As malas vão também.

Primeiras perguntas: Gosta da Bolívia? Conhece La Paz? Há quanto tempo está na Amazónia? «Sabe» comer mandioca?... Pede desculpa da sua pobreza e do desconforto da sua casa. A mulher agita-se junto ao forno, no canto que serve de cozinha. O fumo enche a divisão.

É inútil lançar-me numa explicação pormenorizada, basta responder «**para conocer!**». É evasivo e suficiente. Nos primeiros tempos as coisas não irão mais longe. As leis de hospitalidade também são leis do silêncio. Imaginem que sou um político atrás de um criminoso, de um traficante de droga ou de um espião. Fazer-lhe confidências bastava para o tornar meu cúmplice. A gente da Amazónia prefere não saber. «**Para conocer**» é, para ela, o suficiente.

O meu hospedeiro tem uma mulher índia muito bonita. Ela estende-me um prato de esmalte e uma colher de acaju. O desenho da loiça, um ramo de rosas vermelhas, é escondido pela espessa sopa de mandioca com pimentos a boiar. Segundo o uso digo ao dono da casa: «**Come um pouco de sopa comigo?**»

É só nessa altura que ele lê o cartão de visita: «**Amigo de sempre, pode arranjar um cavalo ao estimado portador deste cartão, que vai a Monte Azul por uma semana?**»

«**Claro que sim.**»

Libertei-me do supérfluo. Só um saco impermeável e uma carabina 22 de longo alcance. Nas bolsas da sela, latas de leite concentrado, sal, arroz e uma bolsa de tabaco...

O cavalo conhece a estrada de Monte Azul. Basta deixá-lo ir, de rédeas baixas. À nossa passagem milhares de pássaros levantam voo. Para evitar cair em **clichés** tais como «paraíso perdido» ou «amanhecer do mundo» adopto um adjectivo ouvido um dia em Buenos Aires a propósito de uma ópera: **orgásmico**.

Após três quartos de hora de caminho... palmeiras no horizonte. A euforia torna-se depressão. Estou a exagerar: mas é certo, o gosto das pessoas pelas palmeiras exaspera-me. Será possível libertarmo-nos de um preconceito tão tolo?

As palmeiras têm um ar importante. Símbolo fotogénico dos Trópicos, elas são naturezas mortas. Fogos de Bengala, fontes petrificadas. Dão-me a impressão de um **coitus interruptus**. Os estetas adoram a sua beleza gratuita e langorosa. Melancólica. Eólica. Nos postais elas sublinham a curva das praias... O Ocidente colonial perverteu-as, elas põem em cena o real para esconder a realidade. Quer se trate da palmeira de cocos das Índias, da palmeira real das Caraíbas, da palmeira do Alto Orenoco ou da palmeira tamareira de algumas partes do Oriente, elas são aquilo que o pinheiro do Natal é para Fidel Castro: uma incongruência e um **cliché** talvez poético mas totalmente artificial (1).

Futebol

O facto de ser falsas não as impede de ser úteis. Fornecem sombra, alimento, madeira, combustível, materais de construção, fibras, papel, amido, mármore, óleo, tanino, rotim, mármore vegetal, vinho...

Uma voz arranca-me das minhas ruminações botânicas: «**Grande burro, viajas sem chapéu por um tempo destes!**»

Estou em Monte Azul.

Ali, onde pensava encontrar um aldeamento selvagem, uma cidade lacustre ou uma casa colectiva cheia de palmas e de caniços, há um tempo de futebol! Pior ainda: abarracamentos horríveis distribuídos em forma de U, enquadram uma casa colonial de dois andares. No cimo da escada exterior há um sino enorme que toca para as pessoas se reunirem. Don Salomon, que agora me escolta, adivinhou a minha surpresa: «**Os índios já não são selvagens, sabes? São pessoas.**» Ah, bom.

Um pouco anão, calvo e de pernas muito tortas, Don Salomon fala muito depressa. Foi sapateiro e hoje considera-se curandeiro e homem que sabe tirar o mau olhado. **Não há ninguém na colónia?** Don Salomon ri: **Não, como vês. Os índios preferem viver no exterior, como dantes...**»

«**És antropólogo?**», pergunta Don Salomon, que já viu passar por ali uma meia dúzia deles. Falsamente distraído, respondo-lhe: «**Ainda não!**» E acrescento: «**Ando a fazer uma excursão...**» «**Para conocer?**» «**Para conocer.**»

Flanamos sob as arcadas de uma floresta extremamente limpa. Depois de termos apanhado piranhas (palometa) e peixe-gato (bagre), vamos saudar os vizinhos. Don Salomon apresenta-me. Os índios fartam-se de rir: «**Francamente, vir de Puerto-Moré a Monte Azul sem chapéu e a uma hora destas!**» Os peixes assam na grelha. Bebe-se cerveja de milho numa tijela única que vai circulando. Os efeitos da insolação fazem-se sentir. Está calor.

Mal vejo os índios... Polidos, enfáticos, quase mundanos. Falam espanhol melhor do que eu. A pesca, a caça, o dinheiro e a metereologia são os seus principais temas de conversa. Embora aqui a conversa não tenha uma sequência e que tudo possa dizer-se em ar de brincadeira, nesmo as coisas graves. Mesmo as coisas macabras.

A palavra «**cavadzi**» volta muitas vezes ao baile. Don Salomon explica-me que amanhã ou depois de amanhã vamos mudar de ano... Os Morés têm um truque infalível para o saber, respiram profundanente para se impregnar dos «aromas do tempo», encarquilham os olhos e depois de um breve silêncio, fixam a data do novo ano. Parece que o seu relógio olfativo nunca se engana.

No regresso, detemo-nos numa barraca estranha e meio caída. Ela é ocupada por um velho cego que possui uma iguana semidomada. Para fazer falar o eremita, Don Salomon pede a história de «**tacuara flecha**». Metade do mito escapa-me: por alto trata-se de um canibal, que depois de ter comido as mulheres e os filhos se come a si próprio. Já só nos resta um esqueleto que, por sua vez, se transforma numa planta: uma espécie de bambu que serve para fazer flechas. É por isso que, ainda hoje, quando o vento sopra nos maciços de «**tacuara flecha**», as mulheres e as crianças fogem com medo.

O narrador sopra nas mãos para imitar o ruído. As pessoas fingem ter medo e o velho, malicioso, diz: «**Mentirosos!**» Depois mostra como os Morés pegam nos arcos e, dando estalos com os dedos, lança flechas imaginárias. Atirar flechas diz-se **ffruuna** em moré.

À noite, à luz da lâmpada de querosene tento rememorar em pormenor as peripécias do dia. As frases dançam um pouco e deito-me na rede, que diga-se de passagem, é um berço maravilhoso.

Jogamos futebol. Os Morés driblan à brasileira e os golos somam-se. O ex-sapateiro faz de árbitro. Claudica, apita, gesticula. A sua tarefa não é das mais fáceis. Aqui, com efeito, o jogador que marca, muda automaticamente de equipa. Assim, os que ganham diminuem, e os que perdem são fortalecidos. O score equilibra-se por si próprio. Mostrará esta regra a transposição de um jogo autóctone? Trata-se para eles de riscar a mínima manifestação de desigualdade? Ou será uma astúcia para aumentar o prazer do jogo? Os dias passam. Vou tomando notas ao acaso dos encontros. Os índios — que passaram a chamar-me «**dontor**» — ajudam-se como podem. Aprendo com eles a ler a floresta.

Desacordada

Fiz provisão de mitos e de árvores genealógicas. Recolhi confidências inéditas sobre o seu endocanibalismo, e, sem convicção, tracei a topografia da sua aldeia fantasma. Para que pode servir tudo isto? Tanto mais que encontrarei nos milhares de páginas dos meus predecessores mais informações do que os Morés — a quem foi ensinado o ódio ao seu passado — podem fornecer-me. Essa sociedade harmónica está hoje desacordada. Como que amnésica. Ela não pode conservar o seu equilíbrio étnico e ainda não soube encontrar uma répica política. Mesmo que riam, mesmo que recordem o tempo em que o humor e o sagrado se misturavam, o mundo não é, para eles, mais do que uma quermesse sem alegria, e o palco, muito despovoado, de um desespero colectivo. Uma dor de alma.

Eles bem tentam, gesto irrisório, fazer uma aliança durável com o estrangeiro de passagem. Uma mulher de olhos de mica — será encarregada de o atrair, de o reter, mas a rede para dois, nada pode quando o gosto pela vida está ausente. E que pode fazer um simples curioso, chegado da Europa, para impedir aquilo que para os Morés se parece com o fim do mundo? Parto. A mulher de olhos de mica encosta os lábios fechados à minha face esquerda. Respira profundamente. Ultima troca do que há de mais íntimo e menos falsificável: O odor, que mostra aos caçadores a presença dos espíritos nefastos. O odor graças ao qual eles conhecem, sem falta, as mudanças de estação... Tarde demais como sempre, penso no partido que podia ter tirado deste ritural miserável: um beijo. Eis-me mergulhado num sonho agora inútil, e penso em títulos de comunicações que podiam ter feito de mim um viajante reconhecido e subvencionado.

O universo perfumado dos últimos Morés... A noção do tempo nas civilizações lentas... A situação de solidão nas sociedades tribais... Mas, a pouco e pouco, tudo isso perde o seu sentido, é esquecido e misturado. A tinta apaga-se ao escrever. Eis-me incapaz de dizer o que quer que seja do pequeno monte de segredos que lá surpreendi: «o senhor dos aromas», esperto como um macaco, misturou todos os frascos! O traidor.

(1) Num discurso que ficou célebre, Fidel Castro disse que a tradição do pinheiro do Natal estava **deslocada** em Cuba. O que era verdade.